

O papel do design nos espaços públicos
urbanos: projeto de dinamização do Parque
Urbano de Picoutos

Micaela Alexandra Ferreira Esteves

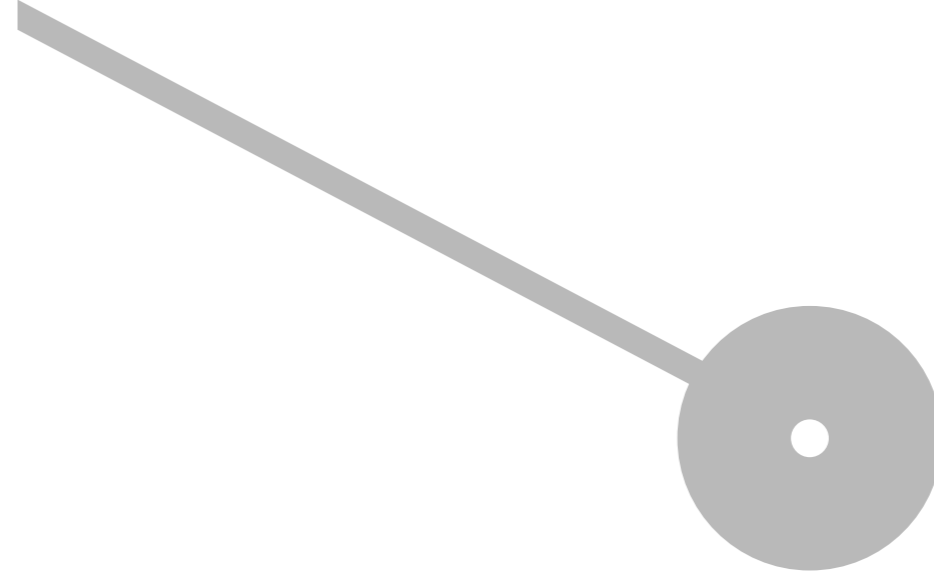
10/2019

Micaela Alexandra Ferreira Esteves. O papel do design nos espaços públicos
urbanos: projeto de dinamização do Parque Urbano de Picoutos.

O papel do design nos espaços
públicos urbanos: projeto de
dinamização do Parque Urbano
de Picoutos

Micaela Alexandra Ferreira Esteves

10/2019



Politécnico do Porto
Escola Superior de Media Artes e Design

Micaela Alexandra Ferreira Esteves

O papel do design nos espaços públicos urbanos: projeto de
dinamização do Parque Urbano de Picoutos

Trabalho de Projeto

Mestrado em Design

Orientação: Mestre Abel Pedro Gonçalves Tavares

(versão final definitiva)

Vila do Conde, outubro de 2019

Politécnico do Porto
Escola Superior de Media Artes e Design

Micaela Alexandra Ferreira Esteves

O papel do design nos espaços públicos urbanos: projeto de
dinamização do Parque Urbano de Picoutos

Trabalho de Projeto

Mestrado em Design

Orientação: Mestre Abel Pedro Gonçalves Tavares

Vila do Conde, outubro de 2019

Micaela Alexandra Ferreira Esteves

**O papel do design nos espaços públicos urbanos: projeto de
dinamização do Parque Urbano de Picoutos**

Trabalho de Projeto
Mestrado em Design

Membros do Júri

Presidente

Prof.^a Doutora Olívia Marques da Silva
Escola Superior de Media Artes e Design – Politécnico do Porto

Orientador

Mestre Abel Pedro Gonçalves Tavares
Escola Superior de Media Artes e Design – Politécnico do Porto

Arguente

Prof. Doutor Demétrio Matos
Escola Superior de Design – Instituto Politécnico do Cávado e do Ave

Vila do Conde, outubro de 2019

“Sê todo em cada coisa. Põe quanto és

No mínimo que fazes”

Ricardo Reis (heterónimo de Fernando Pessoa)

AGRADECIMENTOS

O presente relatório de projeto conducente ao grau de Mestre não se teria efetivado sem o contributo e apoio de diversos intervenientes.

Por este motivo, e em primeiro lugar, direciono uma palavra de agradecimento ao meu orientador, Professor Abel Tavares, pelo seu profissionalismo, paciência e por ter sido incansável no apoio que me deu.

Agradeço, também, aos Professores Vitor Quelhas e Marta Fernandes por todo o *feedback* dado e pela preocupação demonstrada não só nas sessões coletivas, como também fora delas.

Deixo uma palavra de apreço à Arquiteta Luísa Valente e ao Engenheiro Pedro Gonçalves, pelo tempo disponibilizado para me receber nas instalações da Câmara Municipal de Matosinhos e da Junta de Freguesia de Custóias, respetivamente.

Ao designer gráfico, e meu colega, Pedro Fraga por me ter auxiliado nas fotomontagens.

À Sara, por todo o incentivo que me deu e por me fazer descomprimir em alturas de maior pressão; por fazer jus à palavra “amizade”.

Aos meu pais, porque são - e serão sempre - os meus alicerces, o meu porto de abrigo, a minha génese. E porque independentemente da obtenção de qualquer diploma, sei que estarão, sempre, orgulhosos do meu percurso.

Por fim, deixo um agradecimento especial ao Marco, meu eterno companheiro, por me ter apoiado e suportado quando eu mais precisei, por nunca me ter negado ajuda em qualquer que fosse a circunstância e, sobretudo, por me fazer ver que somos feitos de constantes e sucessivas superações.

RESUMO ANALÍTICO

A evolução natural da sociedade dita, em grande parte, a transformação constante e progressiva da estrutura da Cidade, como resposta às necessidades de quem nela habita, já que os estilos de vida mudam, as vivências pessoais e sociais alteram-se e o quotidiano vai sendo cada vez mais pautado pelo uso de tecnologia.

Se, por um lado, o ritmo frenético dos cidadãos conduz a rotinas inconciliáveis com momentos de descanso, por outro, e paradoxalmente, torna emergente a aposta nos espaços públicos que promovem as relações de proximidade e de lazer, e é neste ponto que os parques urbanos assumem preponderância.

Contudo, existem inúmeros espaços públicos que ficaram esquecidos devido à inexorabilidade do tempo – os “lugares expectantes” – e, por isso, não conseguiram acompanhar esta evolução natural da cidade ou, outros ainda que, opostamente aos primeiros, servem os propósitos da sociedade contemporânea, mas limitam a sua existência à facilitação do fluxo de pessoas ou bens, como é o caso dos “não-lugares”.

O Parque Urbano de Picoutos é um caso cujas características de existência e de utilização em muito se assemelham às dos não-lugares e, sobretudo, às dos lugares expectantes. Por este motivo, o estudo destes dois conceitos, mais particularmente a análise das intervenções, no âmbito do design, que foram capazes de os mudar de registo, permitiu que se estabelecesse um paralelismo entre eles e o contexto em que está inserido o Parque Urbano de Picoutos.

Esta reflexão constitui o mote para a proposta de projeto, cuja temática se centra no papel do design enquanto disciplina responsável pela transformação e revigoração de um espaço urbano destinado ao lazer, através da interatividade estabelecida entre cidadão e lugar.

Palavras-chave: espaço público urbano; parque urbano; design; dinamização.

ABSTRACT

The natural evolution of society dictates mostly the constant and progressive transformation of the city structure, as a response to the needs of the inhabitants, since the ways of life, personal and social experiences change and daily life are increasingly guided by the use of technology.

On the one hand, the frenetic rhythm of the city leads to irreconcilable routines with moments of rest, on the other, makes the bet in the public spaces that promote proximity and leisure relations, and this is where the urban park areas assume preponderance.

However, there are many public spaces that have been forgotten due to the inexorability of the time - the urban voids - and therefore they have not been able to follow this natural evolution of the city. Others, or, still others, that, opposed to the first ones, serve the purposes of contemporary society, limit their existence of facilitation of the flow of people or goods, such as non-places.

Picoutos Urban Park is a case whose characteristics of existence and use are very similar to non-places and urban voids. For this reason, the study of these two concepts, more specifically the analysis of design interventions, were able to change them, allowed the establishment of a parallelism between them and the Picoutos Urban Park's context.

This reflection is the motto of the project, whose theme focuses on the role of design as a discipline responsible for the transformation and reinvigoration of an urban space, destined to leisure, thanks to the interactivity established between citizen and place.

Keywords: urban public space; urban park; design; revitalization.

SUMÁRIO

Lista de figuras.....	10
INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO UM – A CIDADE CONTEMPORÂNEA.....	19
1.1. Espaço público: definição e importância.....	21
1.2. Problemática dos espaços públicos da contemporaneidade: Não-lugares e lugares expectantes.....	24
1.3. Contributo do Design na construção dos espaços públicos urbanos: exemplos contemporâneos.....	26
1.3.1 Contexto internacional.....	27
1.3.2. Contexto nacional.....	33
CAPÍTULO DOIS - PARQUES URBANOS.....	38
2.1. Contextualização: dos jardins reais aos parques urbanos.....	38
2.2. Definição do conceito de “parque urbano” na contemporaneidade.....	43
CAPÍTULO TRÊS – CASO PRÁTICO DE ESTUDO: O PARQUE URBANO DE PICOUTOS	45
3.1. Concelho.....	46
3.1.1. Enquadramento territorial.....	46
3.1.2. Aposta nos espaços verdes do concelho por parte da autarquia.....	47
3.1.3. Parques urbanos existentes no concelho.....	48
3.2 Freguesia.....	52
3.2.1 Enquadramento territorial: São Mamede de Infesta.....	52
3.2.2. Enquadramento territorial: Leça do Balio.....	53
3.3 O parque urbano de Picoutos.....	55
3.3.1 Níveis de frequência (inquéritos à população).....	58
3.3.2 Utilizadores (registos observacionais).....	62
3.3.3 Projetos para o local (entrevista ao Presidente da Junta).....	64
CAPÍTULO QUATRO – PROPOSTA PESSOAL DE PROJETO.....	65
4.1. Desenvolvimento do projeto.....	65

4.1.1 Abordagem conceptual.....	65
4.1.2 Referências visuais.....	66
4.1.3 Estudos de forma e de escala.....	74
4.2. Finalização do projeto	77
4.2.1 Síntese descritiva do conceito.....	77
4.2.2 Proposta final: fotomontagens, simulações 3D e maquete.....	79
CONCLUSÃO.....	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	91
ANEXOS.....	97
Anexo A – Parque Urbano de Picoutos (16 de janeiro de 2019).....	98
Anexo B – Parque das Varas (7 de fevereiro)	104
Anexo C – Parque das Austrálias (15 de abril de 2019).....	110
Anexo D – Parque do Soneto Ecológico (7 de fevereiro de 2019).....	115
Anexo E – Parque de Real (15 de fevereiro de 2019)	119
Anexo F – Parque da Ponte do Carro (14 de fevereiro de 2019)	122
Anexo G – Parque da Lomba (15 de Abril de 2019).....	124
Anexo H – Parque da Ciência (28 de janeiro de 2019).....	129
Anexo I – Parque de São Mamede de Infesta (15 de fevereiro de 2019)	137
Anexo J – Parque do Carriçal (16 de fevereiro de 2019).....	142
Anexo K – Inquérito realizado em dois hipermercados, nas freguesias de São Mamede de Infesta e Leça do Balio	154
Anexo L – Grelha de observação.....	158
Anexo M – Transcrição da entrevista realizada ao Sr. Presidente da Junta da União de Freguesias de Custóias, Leça do Balio e Guifões, Eng.º Pedro Gonçalves.....	159
Anexo N – Autorização para a publicação da entrevista ao Sr. Presidente da Junta da União de Freguesias de Custóias, Leça do Balio e Guifões, Eng.º Pedro Gonçalves.....	159
Anexo O – Desenhos técnicos.....	159

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Projeto “Stairway Cinema” (vista exterior), Atelier OH.NO.SUMO, 2012.....	28
Figura 2: Projeto “Stairway Cinema” (vista interior), Atelier OH.NO.SUMO, 2012.....	29
Figura 3: Projeto "Stairway Cinema" (detalhe de construção), Atelier OH.NO.SUMO, 2012.....	29
Figura 4: Projeto “Delirious Frites”, Les Astronautes, 2013.....	31
Figura 5: Projeto “Delirious Frites” (vista aproximada), Les Astronautes, 2013.....	31
Figura 6: Projeto “Delirious Frites” (ambiente noturno), Les Astronautes, 2013.....	32
Figura 7: Projeto "Vai com Deus", Atelier R2, 2008.....	35
Figura 8: “Barreira de contentores”, Atelier Menos é Mais e Francisco Providência, 2011.	37
Figura 9: "Barreira de contentores", Atelier Menos é Mais e Francisco Providência, 2011.	37
Figura 10: Entrada icónica do Victoria Park, Londres.....	41
Figura 11: Central Park (vista geral), Nova Iorque.....	41
Figura 12: Passeio Público de Lisboa (Litografia colorida), George Vivian, século XIX....	42
Figura 13: Parque Florestal de Monsanto, Lisboa.....	42
Figura 14: Planta do Parque Urbano de Picoutos.....	56
Figura 15: Mapeamento da distribuição dos inquéritos: hipermercados A e B.....	58
Figura 16: LOOP; Estúdio FAHR 021.3; 2018.....	67
Figura 17: LOOP (montagem); Estúdio FAHR 021.3; 2018.....	67
Figura 18: LOOP (zona de descanso); Estúdio FAHR 021.3; 2018.....	68
Figura 19: LOOP (período noturno); Estúdio FAHR 021.3; 2018.....	68
Figura 20: Rounds (esquematização); Sports Studio; 2016.....	69
Figura 21: Rounds; Sports Studio; 2016.....	70
Figura 22: Rounds (montagem); Sports Studio; 2016.....	70
Figura 23: Parque Ribeiro do Matadouro; Oh!Land Studio; s.d.....	72
Figura 24: Parque Ribeiro do Matadouro (período noturno), OH!Land Studio - Victor Esteves, s.d.	72
Figura 25: The Red Folding Paper; Turenscape Studio; 2010.....	73
Figura 26: The Red Folding Paper (maquete); Turenscape; 2010.	73

Figura 27: Simulação das peças na entrada sul.....	79
Figura 28: Simulação das peças na entrada norte.....	79
Figura 29: Peça no interior do Parque.....	80
Figura 30: Simulação de zona de descanso.....	80
Figura 31: Percurso no interior do Parque (1).....	81
Figura 32: Percurso no interior do Parque (2).....	81
Figura 33: Percurso no interior do Parque (3).....	82
Figura 34: Simulação do percurso perto da entrada norte.....	82
Figura 35: Percurso nas imediações do Parque (1).....	83
Figura 36: Percurso nas imediações do Parque (2).....	83
Figura 37: Método de fixação do banco (zona embutida no solo).....	84
Figura 38: Métodos de fixação (parte embutida no solo).....	85
Figura 39: Delimitação do Parque das Varas.....	104
Figura 40: Delimitação do Parque das Austrálias.....	110
Figura 41: Delimitação do Parque do Soneto Ecológico.....	115
Figura 42: Delimitação do Parque de Real.....	119
Figura 43: Delimitação do Parque da Ponte do Carro.....	122
Figura 44: Delimitação do Parque da Lomba.....	124
Figura 45: Delimitação do Parque da Ciência.....	129
Figura 46: Delimitação do Parque de São Mamede.....	137
Figura 47: Delimitação do Parque do Carriçal.....	142
Fotografia 1: Zona de pista; Parque de Picoutos; 2019.....	56
Fotografia 2: Área relvada; Parque de Picoutos; 2019.....	57
Fotografia 3: Ponte sobre o Ribeiro de Picoutos; Parque Urbano de Picoutos; 2019.....	57
Fotografia 4: Primeiras maquetes de estudo.....	74
Fotografia 5: Ortofotomapa do Parque de Picoutos com intervenção tridimensional (1).	75
Fotografia 6: Ortofotomapa do Parque de Picoutos com intervenção tridimensional (2).	75
Fotografia 7: Estudo de todo o percurso.....	76
Fotografia 8: Vista frontal da maquete final à escala 1:25.....	86

Fotografia 9: Vista superior da maquete final à escala 1:25.....	86
Fotografia 10: Pormenor da maquete final à escala 1:25 (1).....	87
Fotografia 11: Pormenor da maquete final à escala 1:25 (2).....	87
Fotografia 12: Maquete do percurso dentro do parque, à escala 1:500, tamanho A0.....	88
Fotografia 13: Banco de Jardim; Parque de Picoutos; 2019.	98
Fotografia 14: Espreguiçadeiras; Parque de Picoutos; 2019.....	98
Fotografia 15: Caixotes do lixo; Parque de Picoutos; 2019.....	99
Fotografia 16: Equipamento de ginástica; Parque de Picoutos; 2019.....	99
Fotografia 17: Bebedouro; Parque de Picoutos; 2019.....	100
Fotografia 18: Sinalética de chão; Parque de Picoutos; 2019.....	100
Fotografia 19: Totem da entrada Norte; Parque de Picoutos; 2019.....	101
Fotografia 20: Totem da entrada Sul; Parque de Picoutos; 2019.....	101
Fotografia 21: Equipamento de piquenique; Parque de Picoutos; 2019.....	102
Fotografia 22: Delimitadores em madeira; Parque de Picoutos; 2019.	102
Fotografia 23: Escadaria em construção; Parque de Picoutos; 2019.....	103
Fotografia 24: Futura sede de coletividade; Parque de Picoutos; 2019.....	103
Fotografia 25: Equipamento de piquenique; Parque das Varas; 2019.....	104
Fotografia 26: Churrasqueira pública; Parque das Varas; 2019.....	105
Fotografia 27: Banco; Parque das Varas; 2019.....	105
Fotografia 28: Fontanário; Parque das Varas; 2019.	106
Fotografia 29: Iluminação; Parque das Varas; 2019.....	106
Fotografia 30: Equipamento infantil (1); Parque das Varas; 2019.	107
Fotografia 31: Equipamento infantil (2); Parque das Varas; 2019.....	107
Fotografia 32: Equipamento de ginástica (1); Parque das Varas; 2019.....	108
Fotografia 33: Equipamento de ginástica (2); Parque das Varas; 2019.....	108
Fotografia 34: Equipamento de ginástica (3); Parque das Varas; 2019.....	108
Fotografia 35: Recipiente para dejetos caninos; Parque das Varas; 2019.....	109
Fotografia 36: Delimitadores em madeira; Parque das Varas; 2019.	109
Fotografia 37: Banco; Parque das Austrálias; 2019.....	110
Fotografia 38: Equipamento para piquenique; Parque das Austrálias; 2019.....	111
Fotografia 39: Ecopontos; Parque das Austrálias; 2019.....	111
Fotografia 40: Balde do lixo; Parque das Austrálias; 2019.....	112

Fotografia 41: Bebedouro; Parque das Austrálias; 2019.....	112
Fotografia 42: Tanque público; Parque das Austrálias; 2019.	113
Fotografia 43: Iluminação; Parque das Austrálias; 2019.	113
Fotografia 44: Elementos ornamentais; Parque das Austrálias; 2019.	114
Fotografia 45: Banco; Parque do Soneto Ecológico; 2019.....	115
Fotografia 46: Balde do lixo; Parque do Soneto Ecológico; 2019.....	116
Fotografia 47: Banco coletivo, Parque do Soneto Ecológico, 2019.	116
Fotografia 48: Churrasqueira pública; Parque do Soneto Ecológico; 2019.....	117
Fotografia 49: Recipiente para dejetos caninos; Parque do Soneto Ecológico; 2019.....	117
Fotografia 50: Iluminação; Parque do Soneto Ecológico; 2019.....	118
Fotografia 51: Banco; Parque de Real; 2019.....	119
Fotografia 52: Caixote do lixo; Parque de Real; 2019.	120
Fotografia 53: Dispensador de sacos; Parque de Real; 2019.....	120
Fotografia 54: Iluminação; Parque de Real; 2019.....	121
Fotografia 55: Suporte para sinalética; Parque de Real; 2019.....	121
Fotografia 56: Banco; Parque da Ponte do Carro; 2019.....	122
Fotografia 57: Equipamento para piquenique; Parque da Ponte do Carro; 2019.....	123
Fotografia 58: Iluminação; Parque da Ponte do Carro; 2019.....	123
Fotografia 59: Banco; Parque da Lomba; 2019.....	124
Fotografia 60: Equipamento de piquenique; Parque da Lomba; 2019.....	125
Fotografia 61: Churrasqueira pública; Parque da Lomba; 2019.....	125
Fotografia 62: Equipamento de ginástica (1); Parque da Lomba; 2019.....	126
Fotografia 63: Equipamento de ginástica (2); Parque da Lomba; 2019.....	126
Fotografia 64: Equipamento de ginástica (3); Parque da Lomba; 2019.....	127
Fotografia 65: Equipamento de ginástica (4); Parque da Lomba; 2019.....	127
Fotografia 66: Iluminação; Parque da Lomba; 2019.	128
Fotografia 67: Tanque público; Parque da Lomba; 2019.....	128
Fotografia 68: Banco (1); Parque da Ciência; 2019.....	129
Fotografia 69: Banco (2); Parque da Ciência; 2019.....	130
Fotografia 70: Banco (3); Parque da Ciência; 2019.....	130
Fotografia 71: Suporte para bicicletas; Parque da Ciência; 2019.	131
Fotografia 72: Suporte para informações (1); Parque da Ciência; 2019.	131

Fotografia 73: Suporte para informações (2); Parque da Ciência; 2019.....	132
Fotografia 74: Equipamento de ginástica (1); Parque da Ciência; 2019.....	132
Fotografia 75: Equipamento de ginástica (2); Parque da Ciência; 2019.....	133
Fotografia 76: Equipamento de ginástica (3); Parque da Ciência; 2019.....	133
Fotografia 77: Equipamento de ginástica (4); Parque da Ciência; 2019.....	134
Fotografia 78: Balde do lixo; Parque da Ciência; 2019.....	134
Fotografia 79: Totem; Parque da Ciência; 2019.....	135
Fotografia 80: Iluminação; Parque da Ciência; 2019.....	135
Fotografia 81: Suporte para informações (3); Parque da Ciência; 2019.....	136
Fotografia 82: Centro de Educação Ambiental inativo; Parque da Ciência; 2019.....	136
Fotografia 83: Banco (1); Parque da Cidade de São Mamede de Infesta; 2019.....	137
Fotografia 84: Banco (2); Parque da Cidade de São Mamede de Infesta; 2019.....	138
Fotografia 85: Iluminação; Parque da Cidade de São Mamede de Infesta; 2019.....	138
Fotografia 86: Balde do lixo (1); Parque da Cidade de São Mamede de Infesta; 2019.....	139
Fotografia 87: Balde do lixo (2); Parque da Cidade de São Mamede de Infesta; 2019.....	139
Fotografia 88: Equipamentos de ginástica; Parque da Cidade de São Mamede de Infesta; 2019.....	140
Fotografia 89: Equipamento de piquenique; Parque da Cidade de São Mamede de Infesta; 2019.....	140
Fotografia 90: Dispensador de sacos; Parque da Cidade de São Mamede de Infesta; 2019.....	141
Fotografia 91: Equipamento para piquenique (1); Parque do Carriçal; 2019.....	142
Fotografia 92: Equipamento para piquenique (2); Parque do Carriçal; 2019.....	143
Fotografia 93: Banco; Parque do Carriçal; 2019.....	143
Fotografia 94: Equipamento de ginástica adaptado a cadeira de rodas; Parque do Carriçal; 2019.....	144
Fotografia 95: Equipamento de ginástica (1); Parque do Carriçal; 2019.....	144
Fotografia 96: Equipamento de ginástica (2); Parque do Carriçal; 2019.....	145
Fotografia 97: Equipamento de ginástica (3); Parque do Carriçal; 2019.....	145
Fotografia 98: Equipamento de ginástica (4); Parque do Carriçal; 2019.....	146
Fotografia 99: Equipamento de ginástica (5); Parque do Carriçal; 2019.....	146
Fotografia 100: Equipamento de ginástica (6); Parque do Carriçal; 2019.....	147

Fotografia 101: Equipamento de ginástica (7); Parque do Carriçal; 2019.	147
Fotografia 102: Totem; Parque do Carriçal; 2019.	148
Fotografia 103: Caixote do lixo; Parque do Carriçal; 2019.	148
Fotografia 104: Iluminação; Parque do Carriçal; 2019.	149
Fotografia 105: Dissuasores em madeira; Parque do Carriçal; 2019.	149
Fotografia 106: Equipamento lúdico infantil (1); Parque do Carriçal; 2019.	150
Fotografia 107: Equipamento lúdico infantil (2); Parque do Carriçal; 2019.	150
Fotografia 108: Equipamento lúdico infantil (3); Parque do Carriçal; 2019.	151
Fotografia 109: Equipamento lúdico infantil (4); Parque do Carriçal; 2019.	151
Fotografia 110: Equipamento lúdico infantil (5); Parque do Carriçal; 2019.	152
Fotografia 111: Equipamento lúdico infantil (6); Parque do Carriçal; 2019.	152
Fotografia 112: Sinalética de chão; Parque do Carriçal; 2019.	153
Gráfico 1: Níveis de estudo da pesquisa territorial.	45
Gráfico 2: Percentagem de pessoas que conhece/não conhece e que frequenta/não frequenta o Parque de Picoutos.	59
Gráfico 3: Motivos na não frequência do Parque Urbano de Picoutos.	60
Gráfico 4: Freguesias de residência dos inquiridos.	60
Gráfico 5: Zonas do Parque de Picoutos preferidas dos inquiridos.	61
Gráfico 6: Faixas etárias dos inquiridos.	156
Mapa 1: Concelho de Matosinhos após a reorganização administrativa de 2013.	46
Mapa 2: Localização geral de todos os parques do concelho de Matosinhos.	49
Mapa 3: Demonstração do percurso completo.	78
Tabela 1: Parques do concelho de Matosinhos e respetivas freguesias.	48
Tabela 2: Avaliação pessoal dos Parques Urbanos do Concelho de Matosinhos.	50
Tabela 3: Dados absolutos relativos à população e às famílias residentes em São Mamede de Infesta.	53
Tabela 4: Dados absolutos relativos à população e às famílias residentes em Leça do Balio.	54
Tabela 5: Síntese dos dados recolhidos através dos registos observacionais.	63

INTRODUÇÃO

Viver na Cidade pode ser sinónimo de caos organizado, de partilha e divisão de espaços por inúmeras pessoas, pessoas essas com vontades, anseios e expectativas variáveis e de uma azáfama constante e inesgotável. Assim, facilmente se compreende o papel cada vez mais fulcral que os parques assumem na urbe e, particularmente, nos poucos momentos de lazer dos cidadãos.

O Parque Urbano de Picoutos, situado na União de freguesias de Custóias, Leça do Balio e Guifões (pertencente ao concelho de Matosinhos) é uma estrutura verde pouco explorada, mas com um vasto potencial; apesar de estar situado numa zona habitacional densa, a sua existência limita-se ao cumprimento dos interesses esporádicos relacionados com o desporto e o lazer, de alguns habitantes das imediações. Sendo visível a sua fraca afluência, o desejo de proporcionar aos cidadãos das freguesias circundantes uma maior e melhor fruição do espaço constitui a alavanca para o desenvolvimento do projeto.

A este fator aliou-se a exigência pessoal em extrapolar a zona de conforto, partindo de um contexto real de atuação nunca antes experimentado e que originou estudos de campo, conversas com as populações e contactos com diversas entidades.

Clarifica-se, portanto, que alicerçado na temática dos Parques Urbanos, o projeto teve como principal objetivo contribuir para a revitalização e maior afluência de pessoas num espaço público urbano, através do desenvolvimento de uma proposta de design adaptada a um contexto real de atuação. Objetivamente, pretendia-se responder à seguinte questão de investigação: Que tipo de contributo poderá dar o design para a dinamização do Parque Urbano de Picoutos?

Para responder a esta questão foi necessário percorrer algumas etapas de investigação, de modo a circunscrever ao essencial a matéria e os assuntos a abordar no âmbito do presente relatório e é por esse motivo que nesta introdução se procede à explanação dos conteúdos dos principais capítulos, bem como da metodologia adotada.

O primeiro capítulo - denominado “A Cidade Contemporânea” - inicia com a constatação de que a Cidade é uma estrutura que está em constante mutação, muito graças à evolução da sociedade que a compõe. Reflete-se, essencialmente, sobre os seus *modus operandi* e *modus faciendi* em pleno século XXI. Na verdade, todos estes fatores

ditaram a necessidade pessoal de compreender, inequivocamente, o conceito contemporâneo de espaço público, à luz da dicotomia entre público e privado, por forma a não correr o risco de se confundir “o espaço público” daquilo que é “público no espaço”.

É, também, neste capítulo que se abordam os conceitos de “não-lugares”, (proposto pelo antropólogo Marc Augé, em 1994) e de “lugar expectante”; a sua pertinência justifica-se com facto de, primeiramente, serem uma consequência direta da evolução dos tempos e, desse modo, fazerem parte do encadeamento de ideias e, depois, por se entender existir uma semelhança entre as características de utilização do Parque Urbano de Picoutos e dos não-lugares e lugares expectantes. Para encerrar este capítulo, expõem-se algumas intervenções de diversos ramos do design, tanto no contexto nacional, como no contexto internacional, que apresentam a particularidade de conseguirem construir um lugar, ao ponto de este passar a ser amplamente reconhecido e valorizado.

No segundo capítulo, designado “Parques Urbanos”, teoriza-se acerca da importância dos parques urbanos para as sociedades do século XVIII, aquando o seu surgimento. Este conhecimento é, posteriormente, transposto para a contemporaneidade, através da reflexão acerca do conceito de “parque urbano”.

Estes dois primeiros capítulos constituem o enquadramento teórico necessário para a compreensão da proposta projetual. Este enquadramento só foi possível devido a uma análise qualitativa, cujos instrumentos de investigação passaram pelas pesquisas bibliográficas, documentais e digitais; as monografias, os artigos publicados em revistas científicas, algumas dissertações, relatórios de projeto e outras provas de âmbito académico e, ainda, as fontes digitais, nomeadamente *websites*, foram imprescindíveis nesta fase. No que diz respeito às monografias, as fichas de leitura foram o meio mais eficaz para a consolidação e sintetização da informação relevante.

No terceiro capítulo (“Caso prático de estudo: O Parque Urbano de Picoutos”) apresentam-se todos os procedimentos realizados, bem como todas as etapas percorridas que nos levaram a conhecer, de modo completo, não só o Parque Urbano de Picoutos e as suas inerências, como também todo o contexto mais alargado em que ele está inserido. Para isso, foi realizado um estudo a três níveis: a nível do concelho, das freguesias e do parque.

A nível concelhio demonstra-se, inequivocamente, a aposta e o interesse da Câmara Municipal pelos parques urbanos existentes e pela construção de novos. No entanto, através da pesquisa de campo realizada, confrontamo-nos com a existência de mais parques urbanos, que comungam do mesmo problema do Parque de Picoutos: a falta de dinamização (e, em muitos casos, a falta de manutenção).

Depois disso, a pesquisa direciona-se para o Parque de Picoutos e para as suas proximidades, sendo este o núcleo dos três níveis de investigação propostos.

Importa referir que, neste nível, a pesquisa passou a assumir um carácter ainda mais exploratório, desde logo com a utilização de métodos de pesquisa como: entrevista (ao Sr. Presidente da Junta da União de Freguesias de Custóias, Leça do Balio e Guifões), inquéritos (à população residente nas imediações do Parque Urbano de Picoutos) e, ainda, registos observacionais (dos utilizadores do parque).

Por fim, o quarto e último capítulo (“Proposta pessoal de projeto”) é o culminar de toda a investigação realizada e reflete-se num ensaio de uma solução que se prevê capaz de responder à problemática da falta de dinamização e da fraca afluência do local.

CAPÍTULO UM – A CIDADE CONTEMPORÂNEA

A sociedade está em constante evolução: os estilos de vida mudam, as vivências pessoais e sociais alteram-se e o quotidiano vai sendo cada vez mais pautado pelo uso de tecnologia.

Com efeito, a própria estrutura da Cidade tende a transformar-se, mutar-se, por forma a acompanhar e a corresponder às necessidades de quem nela habita. Isto significa que, independentemente da área disciplinar do estudo, compreender a Cidade implica, numa primeira instância, compreender a sociedade que a compõe.

A sociedade contemporânea transforma-se rapidamente e, arrastados por esta evolução, por vezes avaliamos mal quanto mudaram, em tão pouco tempo os objectos de que nos servimos, a nossa maneira de agir, a forma como trabalhamos, as nossas relações familiares, os nossos lazeres, as nossas mobilidades, as cidades onde vivemos, o mundo que nos rodeia, os nossos conhecimentos, as nossas esperanças, os nossos temores... (Ascher, 2012, p. 19)

Segundo Ascher (2012, p.105) vive-se, em pleno século XXI, a terceira fase da modernização¹. Esta fase veio alterar a forma como as cidades eram conhecidas (por um centro urbano denso, ladeado por vilas rurais), dando lugar a um novo modelo que se pauta pelo espaço urbanizado “extenso, descontínuo, heterogéneo, polinuclear”.

Com base na afirmação de Ascher infere-se que a Cidade Contemporânea já não reflete o legado dos séculos passados, pois sofreu inúmeras alterações impostas pela evolução da sociedade, sobretudo no que diz respeito às suas dimensões e aos seus limites.

Atualmente, o que se conhece dos centros das cidades, ilustra perfeitamente este acontecimento: a sua hegemonia dissipou-se, uma vez que o crescendo de trocas de bens e informações, bem como o maior fluxo de pessoas, dispensam a necessidade de centralizar todas as atividades, passando estas a serem distribuídas pelas periferias igualmente desenvolvidas. Contrariamente ao que se verifica nos dias de hoje, o centro

¹ De acordo com a perspetiva de Ascher, a primeira fase da modernização diz respeito ao tempo compreendido entre o fim da Idade Média e o começo da Revolução Industrial, enquanto que a segunda fase tem que ver com o período da Revolução Industrial, até ao final do século XX.

A primeira fase baseou-se na “transformação do pensamento e do lugar da religião na sociedade, à emancipação da política e ao nascimento do Estado-nação, ao desenvolvimento das ciências e à expansão progressiva do capitalismo mercantil e depois do industrial.” (p.25)

Já a segunda fase, a da Revolução Industrial, teve por base uma mudança na produção de bens e serviços, onde o pensamento técnico ocupava um lugar cimeiro na sociedade. (pp.25-26)

de qualquer cidade, no século XIX por exemplo, “era definido geométrica e estrategicamente”, sendo o lugar “mais acessível, o mais protegido e o mais rico” e onde se localizavam todas as atividades e serviços de especial relevância para os cidadãos. (Maia, 2017, p.31)

O crescimento interno das aglomerações, por expansão para as suas periferias imediatas e por densificação, dá amplamente lugar a um crescimento externo, ou seja, pela absorção na sua zona de funcionamento quotidiano, de cidades, de vilas e de aldeias cada vez mais distanciadas. Os limites e as diferenças físicas e sociais entre cidade e campo tornam-se cada vez mais ténues. (Ascher, 2012, p.63)

Com o incremento significativo das periferias, as distâncias percorridas pelos cidadãos são cada vez maiores, o que pressupõe a aposta no desenvolvimento dos transportes públicos e dos meios de comunicação; a utilização do automóvel é, também, um marco da Cidade Contemporânea e, por isso, uma questão urbanística com grandes condicionantes ambientais, sociais e económicas. (Maia, 2017)

Para além do tráfego automóvel, existem outros pontos menos propícios ao bem-estar do cidadão, desde logo a existência de espaços públicos inativos, desertos e/ou isolados, cujo principal propósito de existência se foi extinguindo mediante a evolução da sociedade. A problemática destes espaços prende-se com o facto de atraírem outros usos nefastos para a salubridade e segurança da própria Cidade, como a criminalidade e o vandalismo.

Importa, ainda, referir que os lugares de conexão – como os aeroportos e as autoestradas - ganham, assim, uma importância acrescida e as trocas/práticas sociais são, também, agilizadas e facilitadas. De parte ficam quaisquer “condicionalismos espaciais e temporais”, na medida em que a proximidade deixa de ser um fator essencial para comunicar fácil e rapidamente com algo ou com alguém, passando a ser possível, através de mecanismos tecnológicos, escolher “individualmente os lugares e os momentos das suas comunicações e das suas trocas” (Ascher, 2012, p.39).

Todos estes fatores têm implicação direta na forma como os indivíduos se relacionam com os seus pares em ambiente cidadão. Na verdade, poder-se-ia inferir que se assiste a um esmorecimento das relações sociais e a um enfraquecimento da importância da proximidade na vida quotidiana, uma vez que “o bairro é muito menos o lugar de integração das relações de amizade, familiares, profissionais, cívicas; os vizinhos mais próximos são cada vez menos os amigos, os pais, os colegas (...)” (*Ibidem*, 2012,

p.63). Porém, esta ideia pode ser contraposta se se pensar que os novos fluxos de pessoas irão gerar novas relações interpessoais, ainda que estas extrapolem a noção de bairro ou de vizinhança:

“Os indivíduos surgem assim como socialmente multipertencentes e socialmente plurais. As suas práticas, os seus sistemas de valores, as suas escolhas individuais resultam de socializações e de circunstâncias diversificadas.” (*Ibidem*, 2012, p.43)

Isto significa que cada indivíduo se relaciona com um número crescente de outros indivíduos, “cada dia e ao longo da sua vida, dentro e fora do trabalho”, tendo, inclusivamente, a possibilidade de escolher um ou vários cônjuges sucessivos, os seus amigos ou os seus vizinhos. Pese embora seja mais fácil estabelecer novas relações, os vínculos que as pessoas estabelecem entre si tornam-se mais “fracos”, contrariamente ao que acontecia antigamente. (Maia, 2017.)

A conclusão a que se chega é que a Cidade é composta por espaços públicos cada vez mais diferenciados e variados, em virtude da multiplicidade de indivíduos que os frequentam. Simultaneamente, a possibilidade de perda da sua condição de espaço de encontro e intercâmbio assombra a sociedade (e a cidade) altamente tecnológica e, por esse motivo, torna-se emergente contrariar esta situação.

Para isso, é necessário exigir-se qualidade no ambiente urbano, sobretudo no que diz respeito aos locais que mais potenciam as relações sociais, (como os locais de lazer, por exemplo) bem como uma melhor compreensão do seu uso; só deste modo se poderá privilegiar novos estilos de vida, mais direcionados para a vivência ao ar livre.

1.1. Espaço público: definição e importância.

A cidade é uma estrutura formada por espaços públicos e privados, sendo que estes últimos, ocupam, muitas vezes uma parte significativa da sua área. Contudo, são os espaços públicos os principais motores das sociedades que neles habitam; tal como referido anteriormente, as praças, ruas, jardins, parques e todas as outras estruturas da esfera pública são elementos que não podem ser negligenciados, dado a sua imprescindibilidade no que diz respeito à socialização e convivência entre todos os intervenientes da cidade.

A exigência, hoje coletiva, por uma maior qualidade do ambiente urbano (...) a renovação e integração de áreas degradadas, as necessidades de uma sociedade com novos padrões culturais, a revitalização de áreas centrais ou em processo de marginalização, a própria competitividade entre centros urbanos num mundo sem fronteiras, são alguns dos fatores que têm invertido o modo como o “espaço público” era “olhado” e que conduziram quer a intervenções significativas e emblemáticas de requalificação de espaços já existentes, quer a uma preocupação dominante de produção de novos espaços (...) (Ramalho, 2004, p.9)

Mas, afinal, o que é o espaço público? O que é que o distingue do espaço privado? Qual a sua implicação na cidade? As respostas a estas questões não são estanques, interpenetram-se e variam consoante a área de estudo de quem se debruça sobre esta temática – “Público e privado não constituem conceitos claros e estáveis, variando de sentidos nos diferentes campos das ciências sociais, no direito, na história ou nas culturas.” (Domingues, 2009, p.125) - , o que leva a que “o entendimento do espaço público” seja “continuamente reavaliado e renovado” (Ramalho, 2004, p.9).

Uma das características dos espaços públicos prende-se com a facilidade de acesso, ou seja, são espaços abrangentes a todas as pessoas, onde, à partida, todos podem usufruir de forma igualitária.

Não obstante, salienta-se que existem alguns espaços privados, cuja frequência de indivíduos é igualmente livre e abrangente: os centros comerciais são um dos exemplos que melhor ilustram este pensamento, pois são espaços de gestão privada, porém de aceção pública. (Matos, 2010).

Por este motivo, explicar-se o espaço público enquanto palco de reuniões sociais, isto é, onde diversos intervenientes convivem, se encontram e circulam, e onde ocorre a “vida pública”, (Ramalho, 2004, p.10) poderá ser um bom princípio, ainda que seja manifestamente insuficiente.

Todavia, esta perspetiva torna-se particularmente interessante, pois remete-nos para o facto de qualquer espaço público estar dependente das práticas que acolhe, do uso que dele é feito e das ações que nele ocorrem: “O espaço público tem uma função e esta pressupõe um uso (...)” (Matos, 2010, p.20).

Assim, infere-se que o significado do espaço público pode variar de utilizador para utilizador, de uso para uso, de vivência para vivência, de expectativa para expectativa, *etc.*, e, por isso, cada espaço imbuí-se de uma forte vertente simbólica: “e, com isso, a sua potencialidade de representar terreno de encontro e lugar privilegiado das sociabilidades

e elaboração simbólica, sendo igualmente apropriado e partilhado por grupos sociais muito diferentes entre si.” (Matos, 2010, p.21).

Através deste encadeamento de ideias, chegamos a outro fator que caracteriza o espaço público: a visibilidade. De facto, é um “palco” onde ocorrem “cenas da vida quotidiana”, como se de uma arena comercial e humana se tratasse e isto é um fenómeno em crescendo, tal como Jan Gehl (2013, p.27) esclarece:

Muitas mudanças sociais, em especial nas partes mais ricas do mundo, explicam o interesse crescente em se locomover e permanecer nos espaços comuns da cidade. A maior longevidade, mais tempo livre e melhores condições económicas em geral, têm trazido mais tempo e mais recursos para recreação e lazer.

Este movimento que impulsiona as pessoas para o exterior provoca uma maior procura pelos espaços coletivos e esse é, precisamente, o motor dos espaços públicos – a sua visibilidade está diretamente dependente da sua frequência – quanto mais procurados forem, mais reconhecidos serão, e vice-versa.

Para além disso, o espaço público é o principal responsável pela coesão do terreno citadino e pela inter-relação entre lugares; permite uma maior legibilidade e clareza da paisagem citadina, contrariamente ao que aconteceria se todos os espaços fossem de gestão privada. Na verdade, se assim fosse, seria impossível reconhecer e organizar “as partes” numa estrutura coerente que é “o todo”, precisamente por não seguirem um conjunto de normas e regras comuns: “Reestruturar a Cidade com o “espaço público” é garantir continuidades, é relacionar as funções que cada “espaço público” específico possui, é incluir na Cidade as áreas segregadas, é aproximar a periferia do centro, é reforçar a coesão entre as partes, dando-lhe o sentido do conjunto (...)” (Ramalho, 2004).

Sucintamente, e numa perspetiva pessoal, o espaço público é uma infraestrutur necessária ao acontecimento da vida urbana e, enquanto elemento estruturante da cidade, assume um papel de extrema relevância na sociabilidade e na interação entre indivíduos, funcionando como um espaço de mediação entre eles.

Não é possível esquecer, contudo, que o espaço público é, também ele, “um espaço físico de exercício de poder, organização, regulação e controlo social” (Ramalho, 2004), o que nos leva a concluir que a sua formação só é possível devido à vontade política, uma vez que sem ela, não existe investimento e, conseqüentemente, passam a

não existir modelos de gestão e planeamento do território: “é a vontade política de fazer Cidade que produz o espaço público” (Ramalho, 2004, p. 9)

1.2. Problemática dos espaços públicos da contemporaneidade: Não-lugares e lugares expectantes.

A noção de que a função do espaço público é evolutiva, está em muito relacionada com o natural progresso das sociedades e do mundo urbano em geral, tal como supramencionado.

Na verdade, e segundo Marc Augé (2016), o século XX ficou marcado por algumas alterações nas áreas urbanas, por influência daquilo que o autor designa como “sobremodernidade” e que continua a fazer-se sentir em pleno século XXI.

Na sua perspetiva, a “sobremodernidade” teve impacto na vida social dos cidadãos e, conseqüentemente, nas próprias cidades, potenciando a existência de lugares que não são passíveis de ser analisados como lugares antropológicos (isto é, que não são lugares identitários, relacionais e históricos).

A “sobremodernidade” produz figuras de excesso: superabundância de tempo e de acontecimentos, superabundância de espaço e individualização de referências.

Estas figuras de excesso estão intrinsecamente ligadas à produção de “não-lugares”, ou de espaços que não cumprem as características do lugar antropológico e, portanto, não são identitários, relacionais ou históricos. Como exemplo de não-lugares Augé refere aeroportos, autoestradas, espaços de trânsito, ou quaisquer outros que sejam idênticos em todos os lugares.

São, então, espaços públicos carregados de impessoalidade, onde os indivíduos que por eles passam se orientam através de um conjunto de sinais e textos, cujo único propósito de existência é indicar um percurso ou um caminho e, conseqüentemente, possibilitar o fluxo/tráfego de pessoas ou bens. Definem-se pelas palavras, imagens ou publicidades que podem figurar em instruções de uso, códigos ou ideogramas, o que leva a que a interação dos indivíduos aconteça apenas com “textos sem outros enunciadores além de pessoas *morais* ou instituições [...] cuja presença se adivinha vagamente ou se afirma de modo mais explícito [...], por detrás das injunções, dos conselhos, dos comentários, das *mensagens* transmitidas pelos inumeráveis *suportes* (painéis, ecrãs,

cartazes) que fazem parte integrante da paisagem contemporânea” (*Ibidem*, 2016, pp.83-84).

Por outras palavras, os não-lugares limitam as ações dos intervenientes a atos mecânicos que, embora os possam pôr em contacto com outras pessoas, não os levam a, efetivamente, *estar* com alguém; no fundo, estão sós, ainda que rodeados por outros: “O passageiro dos não-lugares só reencontra a sua identidade no posto de controlo alfandegário, na portagem ou na caixa registadora. Entretanto, obedece ao mesmo código que os outros, regista as mesmas mensagens, responde às mesmas solicitações. O espaço do não-lugar não cria nem identidade singular, nem relação, mas solidão e semelhança.” (*Ibidem*, 2016, p.89)

Estes aspetos conduzem, assim, a uma reflexão pessoal: por um lado, os não-lugares facilitam a evolução da sociedade, acelerando o tráfego de pessoas e bens, permitindo-lhes fluir sem restrições, embora não possuam uma identidade ou uma história; por outro, conduzem a uma espécie de subversão dos princípios que caracterizam o espaço público e que foram expostos no tópico anterior, uma vez que contribuem para a alienação do cidadão face ao ambiente que o rodeia.

Todavia, se para Augé os não-lugares são os lugares da contemporaneidade - já que à medida em que a sociedade evolui, os lugares vão-se desvanecendo e vão sendo substituídos pelos não-lugares - o que acontece aos espaços públicos que não acompanham a evolução natural da sociedade e que, simultaneamente, não são lugares identitários, relacionais ou históricos? Como classificar esses espaços esquecidos na cidade? Sendo um elemento em transformação, há necessidade de o reinventar e fazê-lo responder às necessidades da população atual, de modo a que não caia em desuso ou, simplesmente, fique parado no avanço inexorável do tempo.

Como resposta a esta questão, surge o conceito de “lugar expectante”, para o qual também se ambiciona a clarificação da sua definição.

Os lugares expectantes são, no fundo, espaços “de oportunidade provisoriamente abandonados” (Cavaco, 2017) e que ficaram “parados na cidade e no tempo” (Sousa, 2010, p.59).

Com efeito, podem distinguir-se dois tipos de lugares expectantes: uns que foram industrializados, contruídos e que estiveram “ativos” durante um determinado período de tempo mas que, posteriormente, acabaram por cair na obsolescência em detrimento

de outros lugares “mais modernos” que cumpriam mais eficazmente o seu propósito; e os lugares vazios, com potencial utilização, mas que simplesmente nunca sofreram qualquer tipo de intervenção (estes denominados como “vazios urbanos”). (Sousa, 2010)

Independentemente da sua tipologia, quando se classifica um lugar como “expectante”, significa que esse lugar apresenta potencial para vir a assumir novas funções, sendo esta flexibilidade um dos atributos que melhor os caracteriza. Efetivamente, os lugares expectantes possibilitam a requalificação física e social da cidade, reinventando-a e impulsionando-a; são, no fundo, lugares transitórios, lugares que já foram e que hoje já não são mais, mas que, ainda assim, têm potencial e aguardam uma revitalização, de modo a assumirem uma outra função. Se isso não acontecer, isto é, se ficarem intermitentes no que ao seu uso diz respeito, acabarão por se tornar em pontos de acumulação de detritos urbanos, altamente degradados e que, por esse motivo, colocarão em risco a segurança dos cidadãos e a salubridade da própria cidade (Cavaco, 2007).

Não obstante, importa alertar para o facto de que pensar estes espaços individualmente pode tornar-se insuficiente para qualquer tipo de tentativa de reabilitação, uma vez que estes estão inseridos num todo que é a Cidade. Assim, segundo Maia (2017), “torna-se necessário explorar individualmente o espaço mas pensar como esta intervenção se interliga com o todo, a cidade.”

1.3. Contributo do Design na construção dos espaços públicos urbanos: exemplos contemporâneos.

A Cidade constrói-se, em larga medida, através do conjunto de relações existentes entre cidadãos e lugares.

Na verdade, e tal como Almeida (2010, p.21) esclarece, “todos os lugares vivem da imagem que cada utilizador formula sobre eles”, o que significa que estas relações só irão acontecer se os cidadãos se identificarem com esses mesmos lugares e se se sentirem seguros e pertencentes.

Partindo do pressuposto de que os “não-lugares” e os lugares expectantes apresentam características que dificultam esta empatia, torna-se emergente encontrar soluções que possam “pôr em xeque” a sua descaracterização.

A intervenção de diferentes áreas do conhecimento - como a Arquitetura, o Urbanismo e o Design, por exemplo - podem contribuir significativamente para a “construção” destes espaços. Na verdade, a questão da multidisciplinariedade pode até ter um interesse acrescido, na medida em que possibilita o aumento das capacidades de resposta às necessidades dos seus potenciais utilizadores. (*Ibidem*, 2010)

No caso particular do Design, importa refletir acerca da sua pertinência na revitalização destes espaços. Uma proposta de design, por si só, é suficientemente interventiva, ao ponto de gerar a referida empatia entre o indivíduo e o espaço?

Como tentativa de resposta a esta questão, aborda-se alguns exemplos de propostas de design, tanto no contexto nacional, como no contexto internacional, que visam, precisamente, a transformação de lugares de passagem, de uso e aceção comum e que facilmente passariam despercebidos ao olhar dos transeuntes, em lugares personificados, dinâmicos e revitalizados, que interrompem a uniformidade e o ritmo frenético das cidades e de quem nelas habita. Estes exemplos têm contextos de atuação distintos, mas todos eles foram escolhidos pelo facto de se acreditar que têm qualidade projetual para sustentar o nosso estudo.

1.3.1 Contexto internacional

- “Stairway Cinema”, Nova Zelândia, 2012.

O projeto *Stairway Cinema* (figuras 1, 2 e 3) foi desenvolvido pelo atelier OH.NO.SUMO² em 2012 e baseia-se numa instalação que foi colocada num cruzamento bastante movimentado da cidade de Auckland, na Nova Zelândia, com o intuito de provocar o transeunte, de apelar aos seus sentidos e, ainda que de forma muito singela, fazer com que estes contactem com outros, no pequeno espaço que partilham. Na verdade, o ponto de colocação desta estrutura foi estratégico: nas redondezas existem duas universidades, bastante comércio e inúmeros pontos de espera, como paragens de autocarro. Por esse motivo, o desafio passava, essencialmente, por desenvolver um *lugar* onde a interação social pudesse acontecer. (Kohlstedt, s.d.)

² OH.NO.SUMO é um atelier Neozelandês composto por James Pearce, Patrick Loo, Katherine O’Shaughnessy e Sarosh Mulla, todos eles com formação em Arquitectura. (oh.no.sumo, s.d.)

Assim, através da projeção de curtas-metragens, aquele lugar, outrora marginalizado, passa a assemelhar-se a um pequeno cinema ao ar livre, com a particularidade de estar situado num recanto inóspito da cidade. Numa primeira instância, o fator “inovação” inerente à ideia de “cinema ao ar livre” pode ser posto em causa, mas imediatamente se percebe que a gênese deste projeto tem que ver com o desenvolvimento de uma experiência social, e não propriamente com o resultado final proposto.

No fundo, um lugar expectante acabou por, através de uma iniciativa simples, transformar-se num ponto da cidade onde existe uma comunhão de interesses e de partilhas por parte daqueles que o frequentam, mesmo sendo desconhecidos. Daqui se depreende que, através de um olhar atento e da reabilitação de espaços subutilizados ou desaproveitados é possível gerar novas oportunidades que facilitem a interação social e, inerentemente, perturbem a individualização da sociedade.



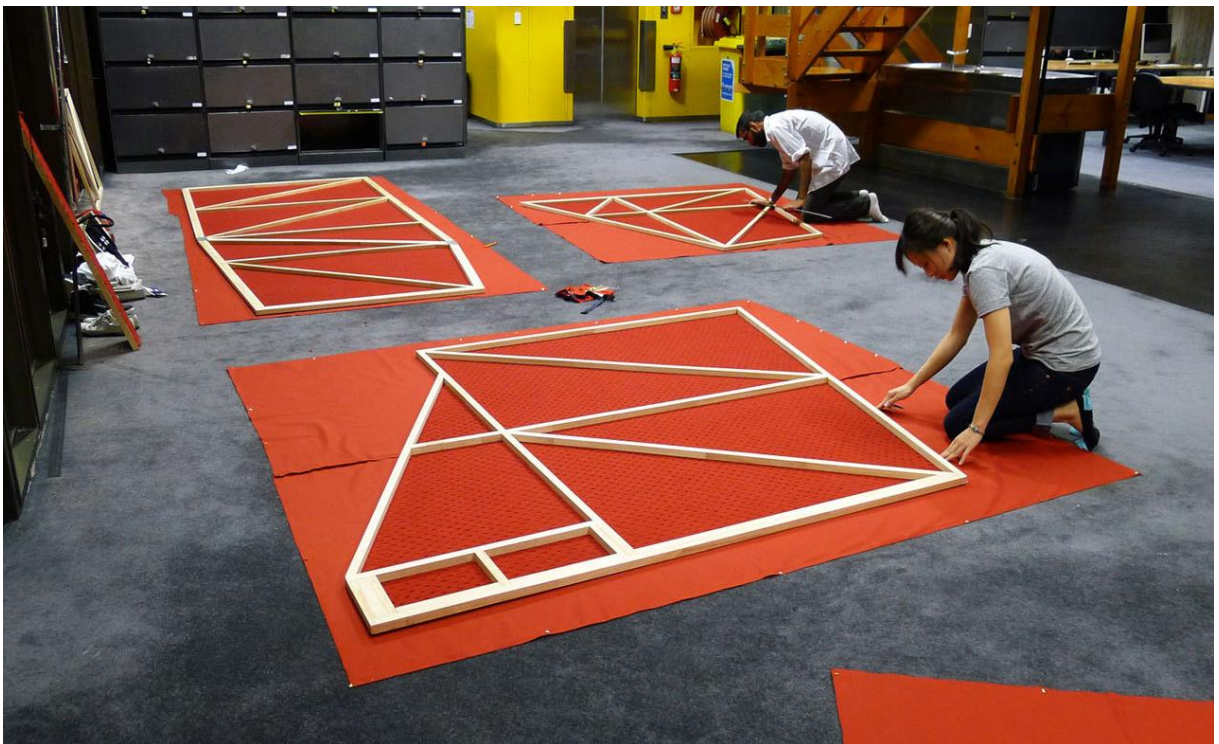
Fonte: (Archdaily, 2012)

Figura 1: Projeto “Stairway Cinema” (vista exterior), Atelier OH.NO.SUMO, 2012.



Fonte: (Archdaily, 2012)

Figura 2: Projeto "Stairway Cinema" (vista interior), Atelier OH.NO.SUMO, 2012.



Fonte: (Archdaily, 2012)

Figura 3: Projeto "Stairway Cinema" (detalhe de construção), Atelier OH.NO.SUMO, 2012.

- “Delirious Frites”, Canadá, 2013.

“Delirious Frites” (figuras 4, 5 e 6) foi um projeto desenvolvido em 2013, em virtude do Festival de Arte Pública do Quebec, denominado “Passagens Insólitas”. O objetivo principal deste festival é, no fundo, reformular o pensamento dos cidadãos no que diz respeito às questões de bairro e de vizinhança, questionando a relação que estabelecem com o espaço público. (Hansen, 2014)

Este projeto foi desenvolvido por um grupo de estudantes finalistas³ de Mestrado da Escola de Arquitetura da Universidade de Laval⁴, situada no Quebec, que pretendiam transformar, através da utilização de formas orgânicas e de cores quentes, um interstício entre dois edifícios, numa passagem com maior dinamismo e, por isso, menos recôndita.

Esta ideia foi conseguida através da utilização de longos cilindros de espuma, comumente utilizados na prática de natação e de outras atividades aquáticas, fixados às paredes dos dois prédios; através deste método, “o transeunte é imerso numa via onde os cilindros de piscina são usados para traçar um caminho sensitivo, flexível e quase orgânico, sensual para alguns, mas perturbador para os outros.”⁵ (“Les astronautes - Delirious Frites”, s.d).

O facto desta iniciativa não ser consensual, na medida em que gera emoções e sentimentos variáveis de pessoa para pessoa, significa que, por esse mesmo motivo, foi bem-sucedida. Na verdade, se é capaz de gerar uma reação, independentemente de ser ou não positiva, significa que cumpriu o propósito para o qual foi concebida, isto é, permitiu que um lugar de passagem se tornasse apelativo o suficiente, ao ponto de ter uma outra finalidade, mesmo esta sendo lúdica e performativa. No fundo, foi capaz de interromper o carácter expectante deste lugar e de proporcionar uma experiência aos transeuntes.

³ Este grupo de estudantes, autointitulou-se como “Les Astronautes” (Os Astronautas) e é formado pelos seguintes elementos: Gabrielle Blais-Dufour, Robin Dupuis e Alexandre Hamlyn.

⁴ École d’Architecture de l’Université Laval (Tradução livre)

⁵ “Le passant qui s’y aventure se trouve englouti dans un canal où des frites de piscine sont utilisées pour moduler des sentiers tactiles, flexibles, presque qu’organiques, sensuels pour certains mais inquiétants pour d’autres.” (Tradução livre)



Fonte: (Adigital Interactive Art, 2017)

Figura 4: Projeto “Delirious Frites”, Les Astronautes, 2013.



Fonte: (Adigital Interactive Art, 2017)

Figura 5: Projeto “Delirious Frites” (vista aproximada), Les Astronautes, 2013.



Fonte: (Adigital Interactive Art, 2017)

Figura 6: Projeto "Delirious Frites" (ambiente noturno), Les Astronautes, 2013.

1.3.2. Contexto nacional

Também em Portugal o design (independentemente do ramo) é uma disciplina de extrema importância para dinamizar e impulsionar espaços esquecidos das cidades ou espaços que não são “relacionais, identitários ou históricos”. Na verdade, torna-se particularmente interessante para o contexto do projeto pessoal investigar alguns projetos portugueses, por forma a compreender os seus objetivos iniciais e, sobretudo, a sua implicação no espaço intervencionado. Tendo em conta que o contexto económico, político e social é o mesmo do projeto pessoal, torna-se mais fácil estabelecer um paralelismo entre ambos e retirar as conclusões necessárias.

- “Vai com Deus”, Atelier R2, 2008.

Como exemplo, tem-se, primeiramente, o caso da intervenção de que foi alvo a fachada da antiga capela da Nossa Senhora da Ermida, situada em Lisboa, agora convertida numa pequena galeria de arte. Esta intervenção, denominada “Vai com Deus” (figura 7) é da autoria do atelier de design R2⁶ e foi desenvolvida em 2008.

Salienta-se que foi concebida no âmbito da inauguração da exposição de Rui Chafes e divulgação do projeto cultural “Ermida de Belém”, a pedido do seu fundador Dr. Eduardo Fernandes, a 24 de Julho de 2008. (Almeida, 2010, p.126)

Este projeto cultural englobava três diferentes espaços que personalizavam a travessa: A “Enoteca de Belém”, destinada à degustação e divulgação da cultura vinícola e gastronómica portuguesa, a “Oficina de Joalheria Alexandra Corte Real” onde as peças de Alexandra Corte Real eram concebidas, expostas e comercializadas e a “Ermida de

⁶ O atelier R2 foi fundado em 1995, por Artur Rebelo e Lizá Ramalho. Os dois criativos começaram a trabalhar juntos durante a Licenciatura em Design de Comunicação, na Faculdade de Belas-Artes do Porto. (Duarte, 2009)

O estúdio, especializado em design de comunicação, está sediado na cidade do Porto, e já foi galardoado com inúmeros prémios internacionais, entre os quais se destaca:

- Um Gold Award, em 2011, no âmbito dos European Design Awards, através do projeto “Casa do Conto” (uma composição tipográfica de baixo-relevo, em betão, instalada num hotel portuense).

- Novamente, um Gold Award, em 2012, também no âmbito dos European Design Awards, na categoria de design de exposição, através do projeto “Eduardo Souto de Moura – Concursos 1979-2010”, apresentado na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

- Um prémio de Agência Europeia de Design, em 2014, igualmente no âmbito dos European Design Awards; (Lusa, 2014)

Para além disso, o seu sucesso permitiu-lhes trabalhar noutras instalações, identidades corporativas e projetos editoriais para instituições como o Museu de Serralves, o Museu Berardo ou a Casa da Música. (Duarte, 2009)

Nossa Senhora da Conceição”, espaço sem fins lucrativos dedicado à exposição de arte contemporânea e design (outrora uma capela) e sobre o qual o atelier R2 se debruçou.

Segundo os criativos, “o principal objetivo do proprietário da galeria era consciencializar as pessoas para a sua reabertura com o seu novo propósito: o de ser uma galeria de arte”. (R2 design, s.d.)

Como resposta a esta demanda, os criativos decidiram recorrer à utilização de expressões idiomáticas da língua portuguesa, referentes a Deus, no sentido de explorarem a dualidade existente entre o divino e o profano.

Esta coleção de expressões populares, torna o impacto desta instalação ainda maior, uma vez que são amplamente reconhecidas e proferidas no quotidiano dos transeuntes nacionais, tendo-se afirmado muito por força da repetição.

Este conceito resultou, mais concretamente, numa instalação tipográfica, onde é possível observar-se expressões de grandes dimensões, com relevo que, devido às suas dimensões assumem um papel de destaque. A pertinência deste projeto não passa, somente, pelo facto de conseguir atrair mais visitantes para o espaço, garantindo o seu sucesso, mas também por conseguir dinamizar toda a rua que, não tendo saída e sendo recôndita, ganhou uma nova identidade. No fundo, acaba por a tornar num ponto de interesse não só para quem visita a cidade, como também para os próprios moradores:

“A aplicação gráfica realizada pelo atelier R2 oferece à antiga Ermida de Nossa Senhora da Conceição um espírito contemporâneo, sem eliminar as suas raízes tradicionais, recriando o seu carácter religioso e relacionando-se com os habitantes do bairro de Belém.” (Almeida, 2010, p.129)



Fonte: (R2 design, s.d.)

Figura 7: Projeto "Vai com Deus", Atelier R2, 2008.

- “Barreira de contentores”, atelier Menos é Mais⁷ em parceria com Francisco Providência, 2011.

O projeto da barreira de contentores existente no cais Sul da Doca 2 do Porto de Leixões, em Matosinhos, teve como principal propósito “mitigar o impacto das operações de descarga de granéis, designadamente estilha de madeira”. (Atelier Menos é Mais, s.d.)

As estruturas de contentores reaproveitadas – cuja ideia partiu do atelier de arquitetura Menos é Mais – servem como tela para uma instalação gráfica, que é passível de ser vista ao longo da Avenida Engenheiro Duarte Pacheco, uma das principais avenidas da Cidade de Matosinhos.

Francisco Providência foi o responsável pela invocação literária da “Ode Marítima”, do poeta Álvaro de Campos, Engenheiro Naval (heterónimo de Fernando Pessoa), que funciona como uma alegoria à função portuária do cais: é um lugar de encontro, de chegada e de partida (Schreck, 2011).

Para além disso, a utilização de tipografia de grandes dimensões e, por isso, “funcionalmente legível”, bem como dos pictogramas pretos sobre o fundo vermelho, “dão uma expressão de modernidade ao local”. (Atelier Menos é Mais, s.d.)

A presente instalação assume especial importância quando analisada à luz do contexto da presente investigação, na medida em que foi capaz de transformar um lugar de passagem, completamente descaracterizado, um “não-lugar”, num ponto de interesse para os transeuntes. Esta consequência é exacerbada, devido à presença de uma estação de metropolitano nessa mesma avenida, o que implica um grande fluxo de pessoas. Com efeito, faz sentido descrever o projeto como uma “interface comunicacional do Porto de Leixões com a cidade, capaz de absorver o desconforto da compatibilidade da indústria com a habitação, assim constituindo um meio de valorização da APDL, junto dos transeuntes (...)” (*Ibidem*, s.d.)

⁷ O atelier Menos é Mais foi fundado em 1994, na cidade do Porto, por Francisco Vieira de Campos e por Cristina Guedes. O seu lema consiste em “fazer mais com menos”, isto é, “equilibrar a “economia” de meios com a “riqueza” na materialidade e no envolvimento emocional dos utentes.”

Foram distinguidos com inúmeros prémios, dos quais se destaca: em 2016, o mais prestigiado prémio da Península Ibérica, Prémio FAD, em Barcelona e o prémio BIAU, em São Paulo. Foram, ainda, distinguidos na *shortlist* do RIBA International Prize e do prémio Mies Van der Rohe. (Atelier Menos é Mais, s.d.)



Fonte: ("barreira de contentores", 2018)

Figura 8: "Barreira de contentores", Atelier Menos é Mais e Francisco Providência, 2011.



Fonte: ("barreira de contentores", 2018)

Figura 9: "Barreira de contentores", Atelier Menos é Mais e Francisco Providência, 2011.

CAPÍTULO DOIS - PARQUES URBANOS

2.1. Contextualização: dos jardins reais aos parques urbanos.

O conceito de “parque público urbano”, embora tenha sido explorado com maior evidência durante o período da Revolução Industrial - como uma resposta política às necessidades de salubridade impostas pelo crescimento exponencial da população urbana - foi formado progressivamente até então, tal como defende Frederick Olmsted⁸ (cit. por Thompson, 2006, p.46): “Os parques não surgiram como o mero resultado direto de qualquer grande invenção ou descoberta do século. Não são apenas um aperfeiçoamento do que possuíamos anteriormente, nascendo sim de uma evolução geral das artes aplicadas aos mesmos”.

Na verdade, à data, já existiam na Europa inúmeras estruturas ao ar livre que funcionavam como locais de encontro ou de passeio, mas estas cingiam-se aos jardins ou terrenos reais que haviam sido abertos ao público, mas cuja localização dificultava o acesso a todas as camadas da população⁹.

Assim, a aposta na construção de raiz de parques públicos urbanos viria a ter maior implicação a partir de 1841, mais concretamente em Inglaterra, Alemanha e França. O Victoria Park, em Londres (figura 10), é um dos marcos desta época, sobretudo no que concerne à melhoria da “saúde, do bem-estar social e do refinamento moral dos cidadãos”, já que servia uma vasta população de trabalhadores da zona do East End¹⁰,

⁸ Frederick Law Olmsted (1822-1903) foi um arquiteto paisagista, jornalista e botânico, responsável pelo projeto de inúmeros parques urbanos, entre os quais se destaca o Central Park, em Nova Iorque. (Beveridge, s.d)

⁹ O Hyde Park, em Londres, é um dos exemplos que melhor ilustra esta situação, na medida em que a sua abertura à população só aconteceu no século XVII, pela mão do rei Jaime I. Até então, este parque destinava-se, somente, à prática de atividades de lazer (como a caça), por parte de elementos da Realeza Britânica. Após a sua abertura, passou a funcionar como um escape a epidemias e a doenças altamente infecciosas. (History and Architecture, s.d)

¹⁰ A zona de East End situa-se em Londres, a norte do rio Tamisa. O uso do termo “East End” assumiu um caráter pejorativo a partir do final do século XIX, quando a expansão da população de Londres conduziu à sobrelotação de toda essa área, fazendo de si uma área habitada, sobretudo, por imigrantes ou pessoas com poucos recursos financeiros. Até meados do século XX, os trabalhadores do East End dependiam em grande parte da indústria e da manufatura que existia nas imediações. (Encyclopaedia Britannica, s.d.)

que vivia em habitações mínimas construídas entre fábricas altamente poluentes. (Thompson, 2006, p.45)

Não obstante, a aposta nestas estruturas tendeu a expandir-se, também, para os Estados Unidos da América, sendo o Central Park (figura 11), em Nova Iorque, o exemplo mais icónico.

Na década de 1850, os Estados Unidos da América, assistiram a um rápido crescimento demográfico resultante, por um lado, da imigração e, por outro, do seu poderio económico.

Com efeito, à medida que a densidade populacional aumentava, crescia também a procura por espaços públicos direcionados para o convívio e o lazer. Como resposta a esta demanda, Frederick Olmsted perspetivou um parque de grandes dimensões, em pleno centro da cidade de Nova Iorque, desenhado de acordo com a tradição das paisagens inglesas do século XVIII: “com lagos e caminhos sinuosos, arvoredos e vastos relvados”, muito embora as suas principais referências para o projeto fossem os recentes parques públicos da Grã-Bretanha, como por exemplo o Birkenhead Park, da autoria de Joseph Paxton (Thompson, 2006)

Frederick Olmsted justifica a importância do Central Park através do seu contributo no combate a doenças e ao mal-estar físico predominantes numa sociedade cada vez mais industrializada:

Os olhos do ser humano não podem ser tão inundados como acontece nas grandes cidades por objetos artificiais ou objetos naturais vistos sob condições obviamente artificiais, sem que surjam efeitos negativos, inicialmente sobre todo o sistema mental e nervoso e, posteriormente, sobre toda a sua organização constitutiva. (1886, p.42, cit. por Thompson, 2006, p.46)

A partir de então, e com a normal evolução das sociedades, assistiu-se a um ponto de viragem a nível mundial, na forma como os espaços verdes passaram a ser encarados não só pelos poderes políticos, como também pela sociedade civil. Deste modo, mais do que estruturas com uma finalidade recreativa ou estética, os parques urbanos passaram a desempenhar um papel fulcral na saúde da população e a destacar-se pelas suas funções ambientais.

No caso concreto de Portugal, antes do aparecimento em grande escala dos parques urbanos, assistiu-se, primeiramente, ao aparecimento de unidades mais pequenas: os jardins públicos.

Segundo Matos, Lopes e Vitorino (2005) o primeiro jardim público desenvolvido em Portugal foi o Passeio Público¹¹ (figura 12), em Lisboa, no ano de 1764, sendo que a partir dessa data, assistiu-se a uma disseminação destas estruturas pelo tecido urbano da capital.

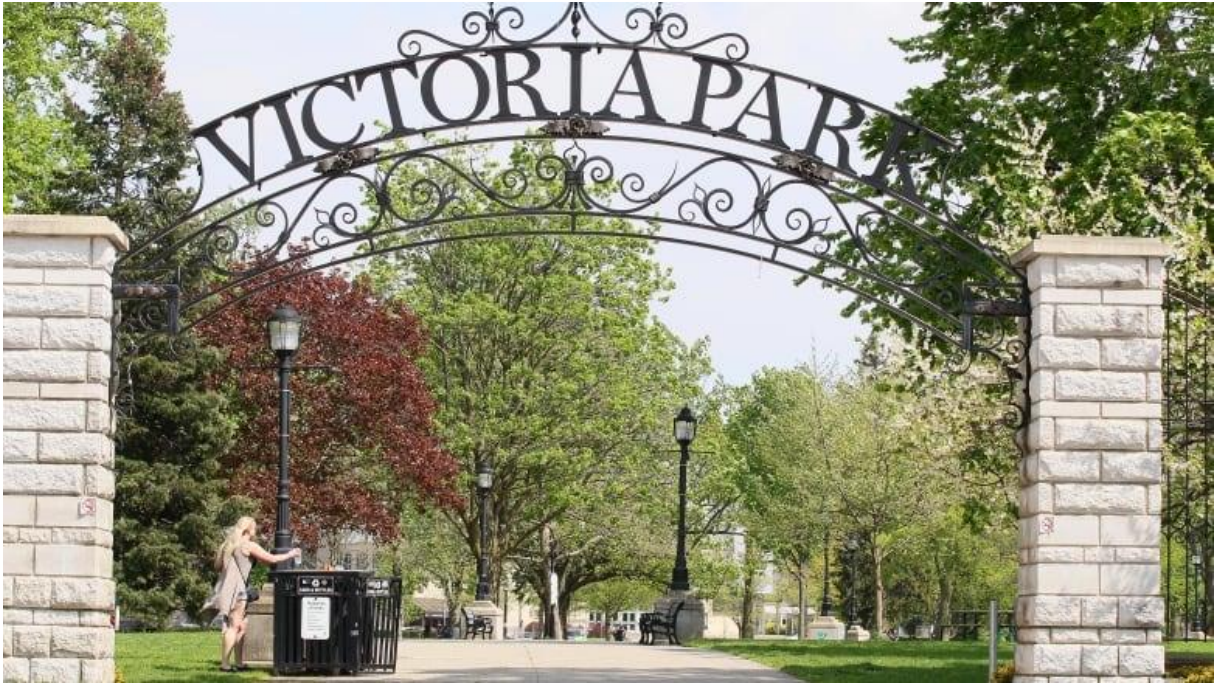
Não obstante, com o passar do tempo e com a alteração das necessidades da sociedade portuguesa, ocorreu a valorização destes lugares, sobretudo no que concerne à sua imprescindibilidade para a salubridade dos cidadãos. Assim, tornou-se emergente o redimensionamento destes espaços, muito também como resposta “à procura de relações entre cidade-periferia e através do encontro da cidade com o campo” (*ibidem*, 2005).

Com efeito, surgiram os primeiros parques, de dimensões variáveis, sendo que o caso do Parque Florestal do Monsanto¹² (figura 13), concebido em 1945, é um dos exemplos com maior destaque, não só pelas suas dimensões que contrastavam largamente com os cânones da época associados aos jardins, como também pelo facto de funcionar como um “pulmão verde” em plena capital (*ibidem*, 2005).

¹¹ O Passeio Público do Rossio foi projetado entre 1764 e 1771, pelo arquiteto Reinaldo Manuel dos Santos. Aquando da reedificação da Baixa de Lisboa, constituiu a primeira expressão, em Portugal, do desejo de um espaço verde público, à semelhança do que estava a acontecer por toda a Europa. Assim, a plantação de árvores acabou por assumir um papel fulcral no combate à insalubridade da cidade e como complemento ao seu embelezamento.

Apesar de tudo, o Passeio Público do Rossio não se conseguiu impor como o centro de socialização dos lisboetas, devendo-se grande parte desse insucesso à fraca qualidade estética e à falta de integração paisagística do mesmo. Além disso, pela forma como tinha sido projetado, este local acabava por impedir que a cidade de Lisboa se desenvolvesse e expandisse mais para Norte. Todos estes fatores ditaram que o Passeio Público do Rossio fosse sacrificado em prol da nova Avenida da Liberdade, em 1879. (“Passeio Público do Rossio - História do Passeio Público do Rossio”, 2014)

¹² O Parque Florestal de Monsanto foi um projeto da autoria do arquiteto Keil do Amaral, cuja construção foi aprovada em 1765, tendo sido pensado como “bosque natural e selvagem com centros de interesse para todas as classes da capital na serra de Monsanto”. Atualmente é referenciado como Parque Ecológico de Monsanto e apresenta uma área próxima dos 1000 hectares. (Matos, Lopes, & Vitorino, 2005)



Fonte: (Ghonaim, 2018)

Figura 10: Entrada icónica do Victoria Park, Londres.



Fonte: ("Central Park - O maior parque urbano de Nova York", s.d.)

Figura 11: Central Park (vista geral), Nova Iorque.



Fonte: (Museu de Lisboa, s.d.)

Figura 12: Passeio Público de Lisboa (Litografia colorida), George Vivian, século XIX.



Fonte: ("Parque Florestal de Monsanto", s.d.)

Figura 13: Parque Florestal de Monsanto, Lisboa.

2.2. Definição do conceito de “parque urbano” na contemporaneidade.

Embora o conceito de “parque urbano” pareça perfeitamente enraizado no quotidiano de todos, torna-se crucial balizá-lo para melhor entendimento da proposta pessoal de projeto. Esclarece-se, contudo, que não existem definições mais ou menos corretas; existem, sim, perspectivas de autores que, independentemente de divergirem, convergirem ou se complementarem, são condicionadas pelo seu entendimento acerca do tema e pela sua perspectiva disciplinar.

O parâmetro que gera maior discórdia neste assunto está relacionado com a dimensão que um determinado espaço verde deve ter, de modo a ser considerado um Parque Urbano.

Segundo Cabral e Telles (cit. em Pereira, 2011, p.13), o parque urbano é uma estrutura que em muito se assemelha à mata, sobretudo pelo facto de a árvore ser o elemento dominante. Os autores admitem que a superfície do parque possa ser variável e que a sua função principal passe por colmatar a escassez de contacto com a natureza na vida quotidiana.

Já Falcón (cit. em Pereira, 2011, p.13) considera que todos os espaços verdes urbanos com superfície superior a um hectare (1 ha) devem ser considerados parques urbanos, parques esses que devem dispor de equipamento básico de uso social. Para além disso, a cobertura vegetal (estrato arbóreo, arbustos e plantas vivazes) deverá assumir proporções consideráveis relativamente à totalidade da área.

Na verdade, Pereira (2011, p.38), através da sua proposta de tipologia de espaços verdes da freguesia de Oeiras e São João da Barra, esclarece que um parque urbano é uma “zona verde de utilização pública em meio urbano, de dimensão variável, mas superior a 10 hectares”, sendo que “a área ocupada pelo coberto vegetal é significativamente superior à área pavimentada”. No que diz respeito à sua localização, Pereira (*ibidem*, p.38) esclarece que “sempre associado a um contexto citadino, a sua localização pode ser central ou periférica, servindo vários bairros ou mesmo toda a cidade.”

Em suma, e com base nesta multiplicidade de pontos de vista, estabeleceu-se os parâmetros que se julga definir – ainda que genericamente – o conceito de “parque” adequado ao contexto do projeto pessoal. Assim, vem que:

- É uma estrutura verde urbana, para uso público;
- As suas dimensões podem ser variáveis mas, em contraponto aos jardins, a sua área verde deverá ser superior à área pavimentada;
- Pode localizar-se tanto nos centros das cidades, como das periferias, embora isso tenha implicação direta na sua afluência;
- Dos parques urbanos devem fazer parte equipamentos destinados ao uso público, não só para momentos lúdicos ou de descanso, como também para a prática desportiva.

CAPÍTULO TRÊS – CASO PRÁTICO DE ESTUDO: O PARQUE URBANO DE PICOUTOS

Para se compreender melhor o Parque Urbano de Picoutos e as suas inerências, torna-se imprescindível analisar os contextos geográfico e social em que este está inserido.

Com efeito, a pesquisa foi dividida em três níveis de estudo (gráfico 1): o primeiro nível está relacionado com o concelho de Matosinhos e através dele pretende-se demonstrar o interesse municipal para o desenvolvimento de novas áreas verdes em diferentes freguesias, bem como a existência de uma rede de parques concelhia, da qual faz parte o Parque de Picoutos; o segundo nível tem como objetivo a análise de outros elementos estruturantes que, direta ou indiretamente, contribuem para a morfologia social e urbana do território em estudo: as cidades-dormitório exigem especial empenho no desenvolvimento e dinamização de estruturas verdes capazes de proporcionar tempos livres de qualidade; o último nível é o cerne da investigação e tem que ver com o Parque de Picoutos propriamente dito: abarca o conhecimento que a população tem acerca da sua existência, o modo como é utilizado, o tipo de indivíduos que o frequenta e, ainda, o conhecimento das iniciativas autárquicas programadas para o local.

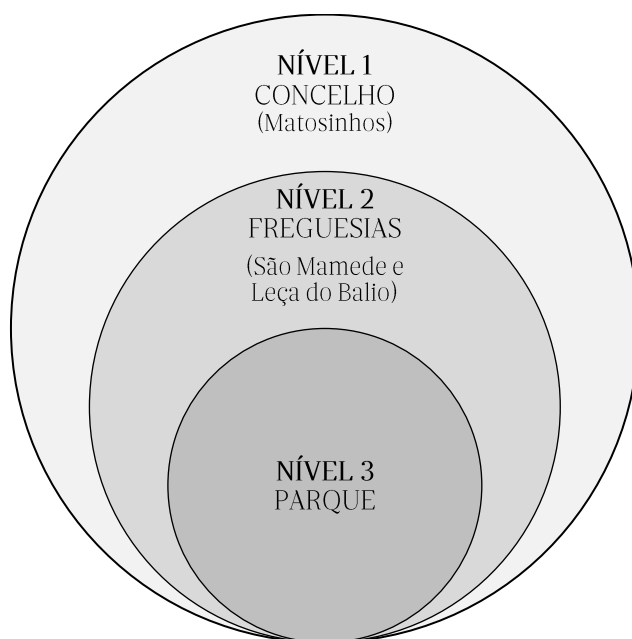


Gráfico 1: Níveis de estudo da pesquisa territorial.

3.1. Concelho

3.1.1. Enquadramento territorial

O concelho de Matosinhos pertence ao distrito do Porto, bem como à área metropolitana do Porto. Apresenta uma área de 62,42 km², 175478 habitantes e está dividido em quatro uniões de freguesias, sendo elas: São Mamede de Infesta - Senhora da Hora, Custóias - Leça do Balio - Guifões, Lavra - Perafita - Santa Cruz do Bispo e Matosinhos - Leça da Palmeira. ("Cidade de Matosinhos", 2015)

Este território é marcado por um fator iminentemente geográfico, relevante para a compreensão das dinâmicas sociais e económicas que aí se desenvolvem: a fronteira, a oeste, com o Oceano Atlântico, faz com que a atividade piscatória seja um dos grandes motores económicos do concelho; (A norte faz fronteira com Vila do Conde, a nordeste com a Maia e a sul com o Porto). (*ibidem*, 2015)



Fonte: (Matosinhos, 2019)

Mapa I: Concelho de Matosinhos após a reorganização administrativa de 2013.

3.1.2. Aposta nos espaços verdes do concelho por parte da autarquia.

O concelho de Matosinhos tem sido palco de inúmeras intervenções no âmbito da melhoria e requalificação de espaços expectantes existentes no concelho, bem como no desenvolvimento de novas áreas verdes. A partir de 2014, a questão das áreas verdes e das zonas de lazer assumiu especial destaque, através da implementação de quatro novos parques urbanos, distribuídos por diferentes freguesias do concelho. Esta iniciativa que partiu da Câmara de Matosinhos, visava a implementação destes espaços, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida dos matosinhenses. O primeiro dos quatro parques a ser inaugurado foi o Parque das Austrálias, situado na freguesia de Matosinhos, em junho de 2014. Após este seguiram-se outros três, sendo eles: O Parque de Picoutos, em Leça do Balio, o Parque Público de São Mamede de Infesta e o Parque Biológico do Monte de São Brás, em Santa Cruz do Bispo.(Couto, 2014)

Mais recentemente, em abril do decorrente ano, foi aberto um concurso público internacional, por parte da Câmara Municipal de Matosinhos, para a “empreitada de construção do Corredor Verde do Leça”. Esta intenção constitui o primeiro passo para a despoluição total do rio Leça, outrora um dos mais poluídos da Europa, e para a “valorização paisagística das margens do rio, transformando-as numa área de lazer e devolvendo-as à fruição da população”. (Câmara Municipal de Matosinhos, 2019)

Para isso, a Câmara propôs-se a conceber sete quilómetros de ciclovia e de percursos pedonais, de modo a “melhorar a visibilidade do rio Leça e dos seus focos de poluição, promovendo um maior contacto com a natureza e novas oportunidades de mobilidade ao longo do rio”. Este corredor verde terá uma extensão de 18 quilómetros e albergará, ainda, mais quatro pontes sobre o rio e cerca de 820 árvores nas suas margens. (Castro, 2019).

Estas iniciativas vêm corroborar a pertinência do projeto pessoal que se expõe no presente relatório, já que demonstram inequivocamente a importância que a própria autarquia atribui aos parques urbanos do concelho, para a melhoria do quotidiano de todos os cidadãos.

3.1.3. Parques urbanos existentes no concelho.

O concelho de Matosinhos é composto por uma rede de Parques Urbanos que está em crescendo, tal como se pôde verificar através da exposição das iniciativas da Câmara Municipal. Na verdade, este tema está cada vez mais na ordem do dia, sobretudo se se pensar que os parques urbanos podem funcionar como verdadeiros “pulmões verdes” em cidades poluídas e, desse modo, contribuir para a qualidade do ar que nela se respira.

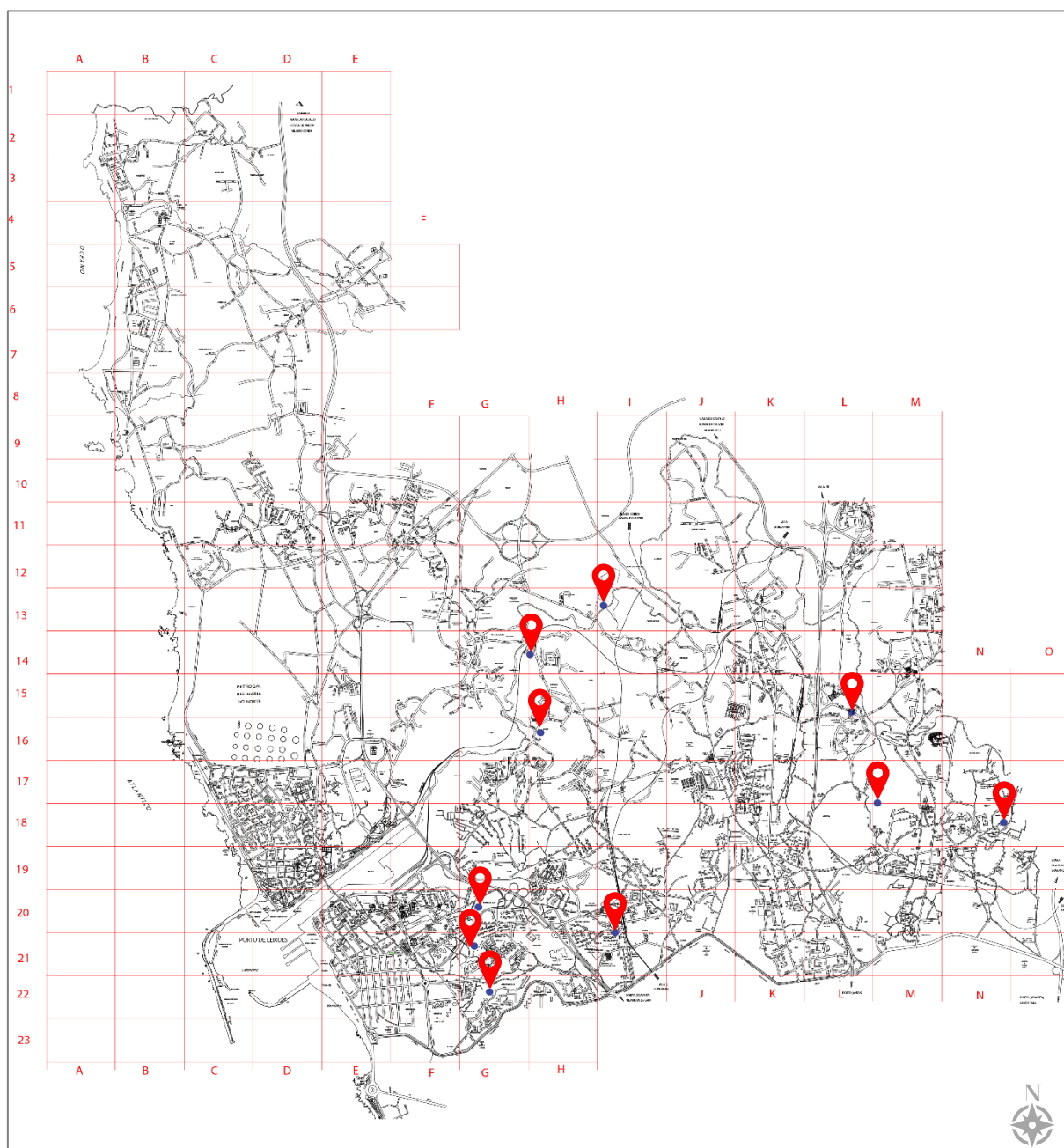
Após realizado um estudo de campo, apresenta-se uma descrição sumária dos principais parques do concelho, com registos fotográficos e exposição das valências dos locais. Aqui encontram-se parques que apresentam um conjunto mínimo de infraestruturas de suporte a atividades recreativas, como a presença de zonas de estar, parques de merendas, parques infantis, zonas de recreio ou desporto, mas também se reflete acerca do seu estado aparente de manutenção e conservação.

O primeiro passo passou por contabilizar o número de parques urbanos existentes no concelho; para o conseguir, definiu-se dois critérios de seleção: o primeiro tinha que ver com o facto de as estruturas caberem na definição pessoal de parque urbano (exposta no capítulo II, alínea 2.2. do presente documento) e o segundo estava relacionado com os espaços verdes que a própria Câmara Municipal nomeava como parques urbanos. Com base nestas premissas, organizou-se a informação da seguinte forma:

Tabela 1: Parques do concelho de Matosinhos e respetivas freguesias.

PARQUES	FREGUESIAS
Picoutos	Leça do Balio
Varas	Leça do Balio
Austrálias	Matosinhos
Soneto Ecológico	Matosinhos
Real	Matosinhos
Ponte do Carro	Santa Cruz do Bispo
Lomba	Guifões
Ciência	Custóias
[da] Cidade	São Mamede de Infesta
Cariçal	Senhora da Hora

A partir desta síntese, procedeu-se ao mapeamento destes parques, no sentido de se apurar a sua proximidade e, conseqüentemente, o raio de ação, tal como exposto infra:



Fonte: (Câmara Municipal de Matosinhos, com intervenção da autora, 2019)

Mapa 2: Localização geral de todos os parques do concelho de Matosinhos.

Ao conhecimento da localização de cada um dos parques do concelho, seguiu-se um estudo de campo que passou pela recolha fotográfica (anexo 1) não só da ambiência de cada um, como também do equipamento urbano neles existente. Para isso, estabeleceu-se um critério de análise: a cada parâmetro de avaliação (conservação do equipamento, manutenção geral aparente e localização/acessibilidade) procedeu-se à atribuição de uma nota de uma escala pré-determinada (de um a quatro), baseada na escala tipo Likert¹³. Cada algarismo tinha a seguinte correspondência:

- 1- Fraca
- 2- Razoável
- 3- Boa
- 4- Muito boa

Com base nesta escala, os dados foram agrupados e organizados na seguinte tabela:

Tabela 2: Avaliação pessoal dos Parques Urbanos do Concelho de Matosinhos.

PARQUES	ESTADO DO EQUIPAMENTO	MANUTENÇÃO GERAL	LOCALIZAÇÃO E ACESSIBILIDADE	SOMATÓRIO
Picoutos	3	2	2	7
Varas	3	3	3	9
Austrálias	1	1	2	4
Soneto Ecológico	2	2	1	5
Real	3	3	3	9
Ponte do Carro	1	2	1	4
Lomba	3	3	2	8
Ciência	1	1	1	3
(De) São Mamede	3	3	3	9
Carrçal	2	3	4	9

¹³ Este tipo de escala foi desenvolvido em 1932, pelo psicólogo Rensis Likart, e é comumente utilizado em pesquisas de opinião de clientes.

“Uma escala tipo Likert é composta por um conjunto de frases (itens) em relação a cada uma das quais se pede ao sujeito que está a ser avaliado para manifestar o grau de concordância desde o discordo totalmente, até ao concordo totalmente.” (Cunha, 2007)

O parque com pior cotação atribuída foi o parque da Ciência, situado em Custóias, por se encontrar negligenciado e em completo estado de abandono. Para este fator contribui largamente a sua localização, já que fica situado num local recôndito e distanciado do centro da Vila de Custóias.

Pelo contrário, os parques de São Mamede, das Varas e do Carriçal partilham a cotação mais alta: o primeiro localiza-se perto de uma piscina municipal e de um centro de apoio à terceira idade, o que pode condicionar positivamente a necessidade de uma maior manutenção e, conseqüentemente, combater a sua degradação; o segundo fica localizado nas imediações do local da feira semanal de Leça do Balio e é palco de inúmeras iniciativas e festas populares, o que também poderá aumentar a sua visibilidade e, desse modo, a aposta na sua conservação; o último fica próximo de uma zona residencial, de um centro comercial e de uma estação de metropolitano, o que poderá ter influência direta na manutenção e no seu conseqüente estado de conservação.

Salienta-se, contudo, que estes dados resultam de um método empírico-indutivo. No entanto, julga-se que sejam suficientes para inferir que à semelhança do Parque de Picoutos, existem muitos outros parques no concelho que padecem de intervenção da autarquia, nomeadamente no que diz respeito à sua manutenção, caminhando a passos largos para um estado devoluto. Estes resultados foram surpreendentes, na medida em que contrastam com aquela que tem vindo a ser a posição da autarquia face à aposta nos espaços verdes urbanos.

3.2 Freguesia

Através do facto de o parque de Picoutos estar situado na fronteira entre as duas freguesias, infere-se que possa ser utilizado por elementos que residam em ambas, fazendo de si um parque de proximidade, isto é, uma estrutura que deverá servir os interesses das populações circundantes. Para além disso, a questão dos núcleos familiares torna-se particularmente interessante para a investigação, na medida em que nos permite ressaltar a importância do espaço estar preparado para as mais diversas dinâmicas familiares e para as mais diversas faixas etárias.

3.2.1 Enquadramento territorial: São Mamede de Infesta

São Mamede de Infesta é uma cidade com 5,21km² e cerca de 23 mil habitantes, tendo sido elevada a cidade em 2001. Importa, contudo, referir que desde a reforma administrativa nacional, implementada em 2013, passou a figurar na União de Freguesias de São Mamede de Infesta e Senhora da Hora. Sob o ponto de vista socioeconómico, esta cidade, situada nos subúrbios de Matosinhos, é uma cidade-dormitório¹⁴, cujo motor principal é a atividade comercial, designadamente o pequeno comércio.

A nível de acessibilidade, São Mamede de Infesta serve-se de uma vasta rede de transportes públicos, prestados pela Sociedade dos Transportes Coletivos do Porto (STCP) e pela empresa Maré; faz, ainda, fronteira com a estação de metropolitano do Hospital de São João. Por último, salienta-se a sua proximidade à autoestrada A4, à Estrada da Circunvalação (EN12) e à Via Norte (EN13 e EN14).

Todos estes fatores contribuem para o facto de a cidade servir os interesses habitacionais de muitas famílias (tabela 1), o que corrobora a necessidade de aposta nas infraestruturas de lazer disponibilizadas aos cidadãos mamedenses.

¹⁴ Cidade-dormitório: “Cidade ou localidade situada no subúrbio de uma grande cidade, que tem poucas atividades económicas e industriais, servindo sobretudo como local de residência de pessoas que trabalham noutros locais.” (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, s.d.)

Tabela 3: Dados absolutos relativos à população e às famílias residentes em São Mamede de Infesta.

POPULAÇÃO			FAMÍLIAS		
Número total de população residente	Número total de população do sexo masculino	Número total de população do sexo feminino	Número total de famílias clássicas ¹⁵	Número total de famílias institucionais ¹⁶	Número total de núcleos familiares ¹⁷
23122	10745	12377	9508	7	7138

Fonte: (Instituto Nacional de Estatística, Censos de 2011)

3.2.2. Enquadramento territorial: Leça do Balio

Leça do Balio, por sua vez, pertence à União de Freguesias de Custóias, Leça do Balio e Guifões, desde a reforma administrativa nacional, implementada em 2013. É uma vila com uma superfície territorial de 9,431 km², composta por 17571 habitantes. Dista cerca de dois quilómetros do Porto e seis da sede concelhia de Matosinhos; esta proximidade, faz com que esta vila, à semelhança do que acontece com São Mamede de Infesta, seja também ela escolhida como local para habitação.

Para além disso, é uma vila servida de transportes públicos diversos, desde autocarros da Sociedade de Transportes Coletivos do Porto e da Maré, bem como de duas estações de metropolitano: a estação de Custiód e a estação de Pias, ambas pertencentes à linha verde do Metro do Porto. A nível de acessos, destaca-se também a proximidade à Autoestrada A4, à Estrada da Circunvalação e à Via Norte (EN13 e EN14).

¹⁵ Família Clássica: “Conjunto de pessoas que residem no mesmo alojamento e que têm o mesmo parentesco (de direito ou de facto) entre si, podendo ocupar a totalidade ou parte do alojamento. Considera-se também como família clássica qualquer pessoa independente que ocupe uma parte ou a totalidade de um alojamento.” (Instituto Nacional de Estatística, s.d.)

¹⁶ Famílias Institucionais: “Conjunto de pessoas residentes num alojamento coletivo que, independentemente da relação de parentesco entre si, observam uma disciplina comum, são beneficiários dos objetivos de uma instituição e são governados por uma entidade interior ou exterior ao grupo.” (Instituto Nacional de Estatística, s.d.)

¹⁷ Núcleo Familiar: “Conjunto de duas ou mais pessoas pertencentes à mesma família clássica mantendo uma relação de cônjuge, parceiros numa união de facto ou progenitor e descendentes e que pode traduzir-se em casal sem filhos, casal com um ou mais filhos ou pai ou mãe com um ou mais filhos.” (Instituto Nacional de Estatística, s.d.)

Uma vez mais, os bons acessos e a sua proximidade face às principais cidades do concelho, ditam que a vila de Leça do Balio seja o local escolhido por muitas famílias para habitação, tal como é possível verificar de acordo com a tabela exposta infra, baseada nos dados recolhidos nos últimos censos realizados em Portugal:

Tabela 4: Dados absolutos relativos à população e às famílias residentes em Leça do Balio.

POPULAÇÃO			FAMÍLIAS		
Número total de população residente	Número total de população do sexo masculino	Número total de população do sexo feminino	Número total de famílias clássicas	Número total de famílias institucionais	Número total de núcleos familiares
17571	8422	9149	6634	7	5486

Fonte: (Instituto Nacional de Estatística, Censos de 2011)

3.3 O parque urbano de Picoutos.

O Parque Urbano de Picoutos é um parque de proximidade que serve, como suprarreferido, duas freguesias do concelho de Matosinhos: Leça do Balio e São Mamede de Infesta.

Foi concebido pela autarquia em 2013, com recurso a intervenções “que contemplaram a sua requalificação ambiental e paisagística, tendo sido executada a sua limpeza, desmatção e demolição de estruturas existentes.” (Câmara Municipal de Matosinhos, s.d.)

Este parque apresenta uma área de cerca de sete hectares (4,5 dos quais localizados em áreas REN¹⁸ e RAN¹⁹) e, segundo informação da Câmara de Matosinhos, “resulta da avaliação das condicionantes e potencialidades do local, da necessidade de amenidade ambiental e ecológica da área de intervenção, da relação deste espaço com a sua envolvente e da avaliação das necessidades de recreio da população local.”

No contexto do projeto pessoal, decidiu-se repartir este parque em três zonas com funções distintas: uma zona de lazer, uma zona de parque canino e uma terceira que alberga as hortas biológicas.

A zona de lazer, sobre a qual o projeto pessoal se centra, contempla vastos relvados, trilhos, passadiços, pontes sobre a ribeira de Picoutos e equipamentos para a prática desportiva; por sua vez, a zona do parque canino é uma zona destinada somente aos animais de estimação, dispondo de inúmeros equipamentos lúdicos para esse efeito; por último, a zona das hortas biológicas incluem 131 talhões e diversas estruturas para arrumação de ferramentas e para compostagem.

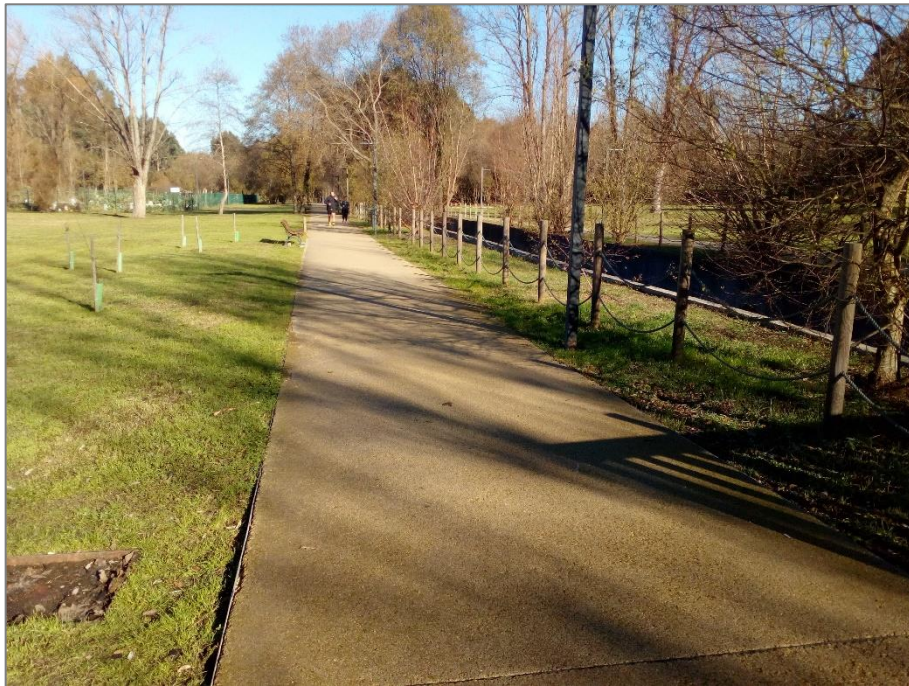
¹⁸ Área REN: Reserva Ecológica Nacional.

¹⁹ Área RAN: Reserva Agrícola Nacional.



Fonte: (Câmara Municipal de Matosinhos, s.d.)

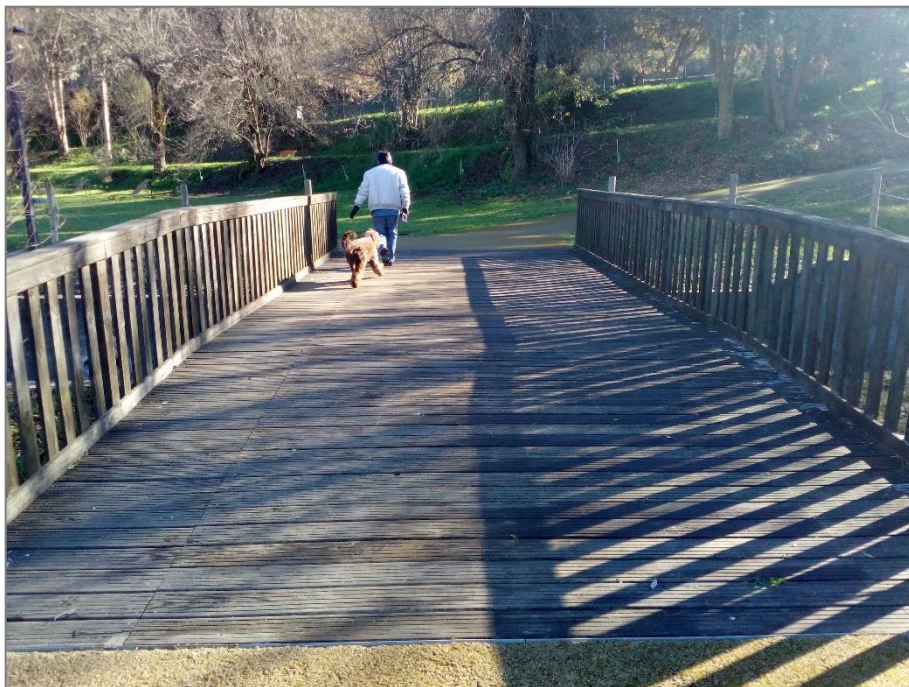
Figura 14: Planta do Parque Urbano de Picoutos.



Fotografia 1: Zona de pista; Parque de Picoutos; 2019.



Fotografia 2: Área relvada; Parque de Picoutos; 2019.



Fotografia 3: Ponte sobre o Ribeiro de Picoutos; Parque Urbano de Picoutos; 2019.

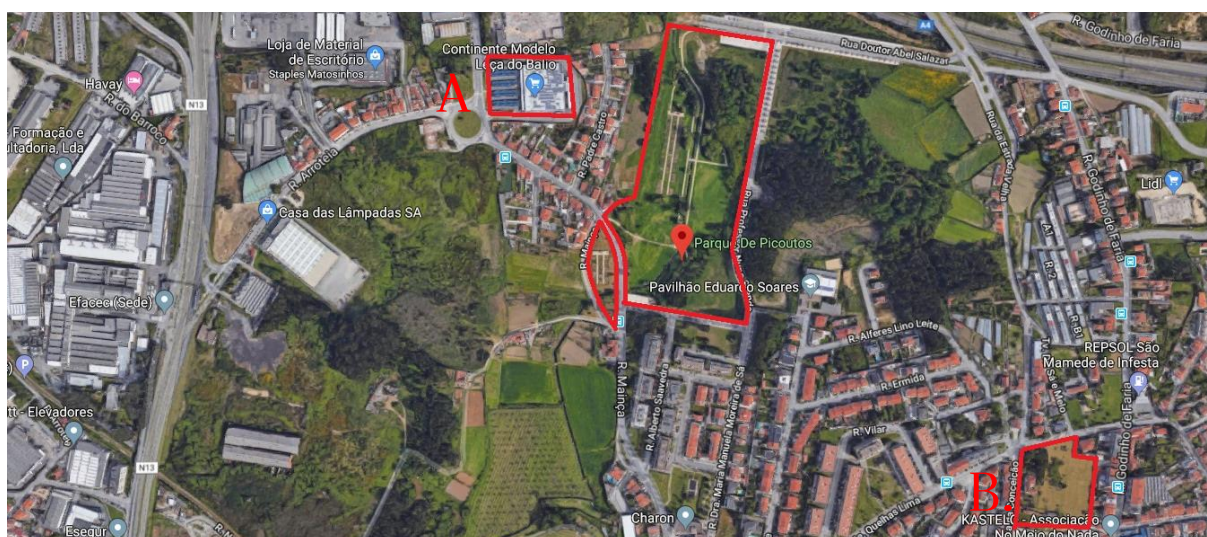
3.3.1 Níveis de frequência (inquéritos à população).

Empiricamente, sabia-se que o Parque de Picoutos não era reconhecido pela população das duas freguesias e que este facto se refletia na afluência de pessoas. A problemática desta situação prende-se com o facto de um espaço, que devia ser destinado ao usufruto dos utilizadores, não cumprir o seu propósito de existência e, desse modo, a inevitabilidade de cair na obsolescência impunha-se.

Como forma de sustentar este conhecimento empírico, realizou-se 100 (cem) inquéritos²⁰ em dois hipermercados situados na periferia do parque urbano de Picoutos, no dia 12 de Janeiro de 2019, à mesma hora, no período da manhã.

Estes 100 inquéritos foram divididos, sendo que metade foi realizada no hipermercado A (Continente) localizado em Leça do Balio, e o restante no hipermercado B (Pingo Doce), situado em São Mamede de Infesta (figura 15). Esta divisão teve como objetivo tentar angariar uma amostra composta por indivíduos de ambas as freguesias, atendendo à localização repartida do parque urbano de Picoutos.

Para além disso, os inquéritos foram concretizados a um sábado de manhã, dia que se previa que houvesse uma maior afluência de pessoas a estes estabelecimentos; foram, ainda, realizados à mesma hora, no sentido de se garantir a inexistência de respostas duplicadas.



Fonte: (Google Maps com intervenção da autora, 2019)

Figura 15: Mapeamento da distribuição dos inquéritos: hipermercados A e B.

²⁰ Anexo K.

- Conhecimento da existência do Parque de Picoutos e frequência do mesmo.

Dos 100 inquiridos, 67% (67 pessoas) afirma conhecer o Parque de Picoutos e apenas 33% (33 pessoas) alega não o conhecer.

Das 67 pessoas que o conhecem, 58% (39 pessoas) referem que não o costumam frequentar, enquanto que somente 42% (28 pessoas) confirmam que o frequentam.

Para melhor compreensão, estes dados foram organizados no seguinte gráfico:

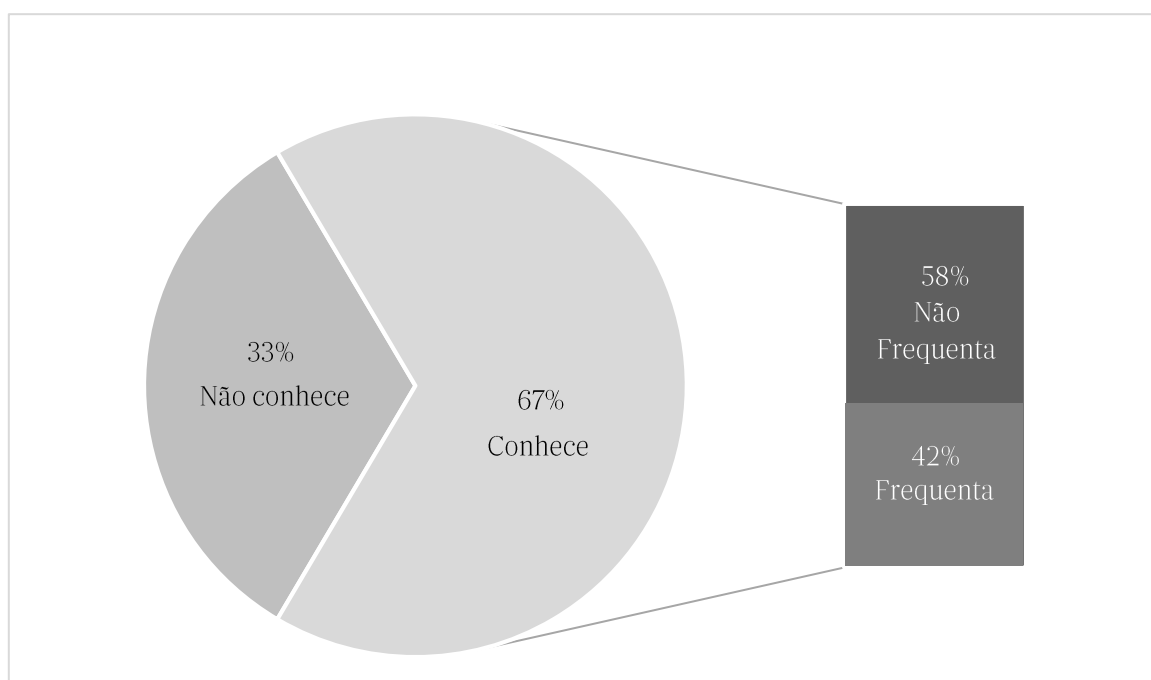


Gráfico 2: Percentagem de pessoas que conhece/não conhece e que frequenta/não frequenta o Parque de Picoutos

Ora, se a maioria dos inquiridos alegava conhecer o Parque mas, dessa maioria, apenas 42% dizia frequentá-lo, então tornava-se relevante compreender os motivos da sua não frequência. Assim, as respostas à questão “Por que motivo(s) não frequenta o Parque de Picoutos?” foram organizadas no seguinte gráfico:

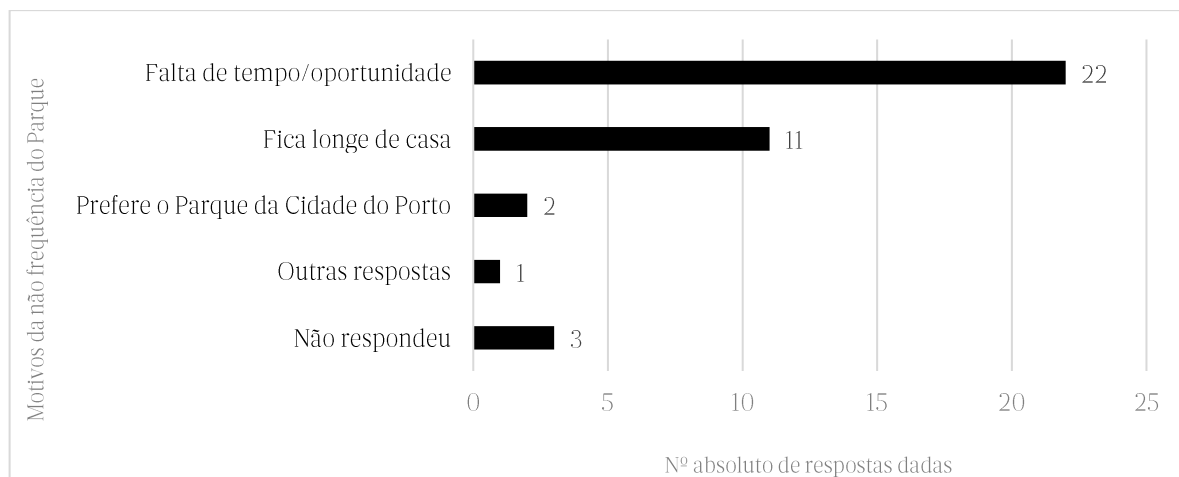


Gráfico 3: Motivos na não frequência do Parque Urbano de Picoutos.

Estes dados demonstram que a falta de tempo é o principal motivo apontado, seguindo-se a distância do parque face à residência dos inquiridos. Este último ponto torna-se particularmente interessante, uma vez que:

- 50 inquiridos referem pertencer à União de Freguesias de São Mamede de Infesta e Senhora da Hora;
- 35 alegam pertencer à União de Freguesias de Custóias, Leça do Balio e Guifões;
- somente 15 inquiridos residem noutras freguesias.

Isto demonstra que, embora a maioria absoluta dos inquiridos residam nas freguesias contíguas ao Parque, continuam a considerar que este se situa “longe de casa”.

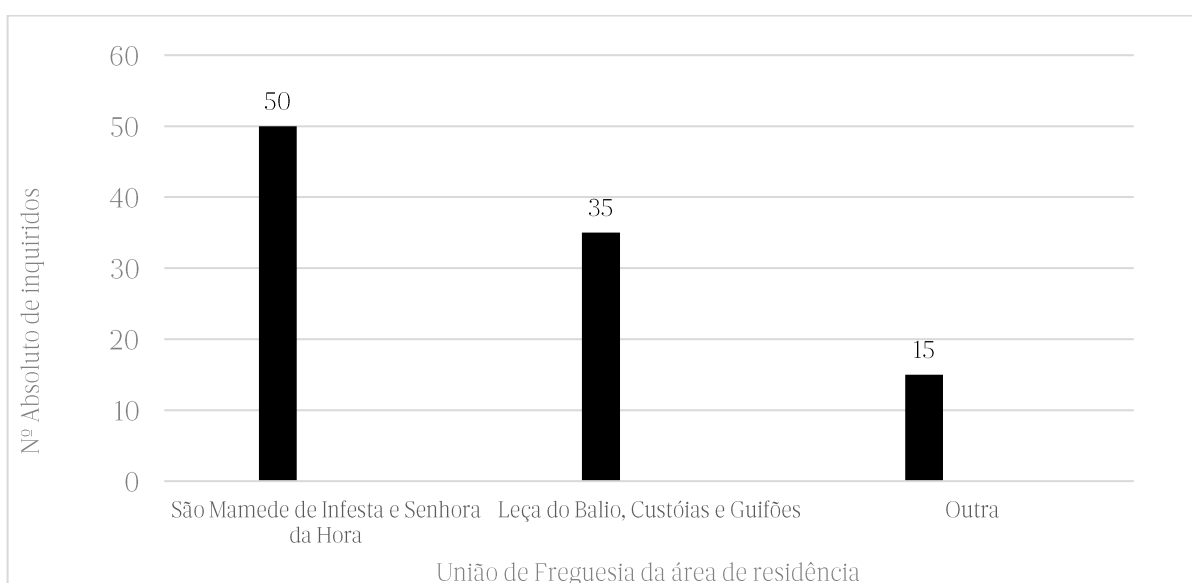


Gráfico 4: Freguesias de residência dos inquiridos.

- Zonas do parque mais frequentadas.

Das três zonas do Parque de Picoutos (zona de jardim, zona do parque canino e zona das hortas) aquela que demonstrou maior afluência foi, indubitavelmente, a zona de jardim.

Apesar de na resposta à questão: “Que zonas do parque costuma frequentar mais vezes?”, direcionada para os utilizadores do parque, poder ser assinalada mais do que uma opção, foi possível dispor todas as respostas da seguinte forma:

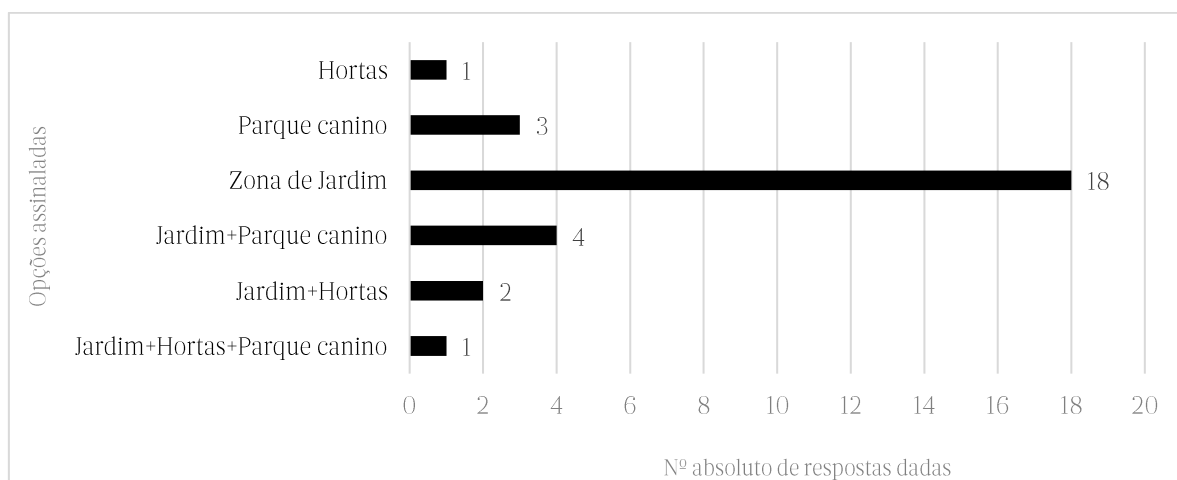


Gráfico 5: Zonas do Parque de Picoutos preferidas dos inquiridos.

Estes dados foram fulcrais para a definição da zona de ação do projeto pessoal e permitiu que, a partir de então, se definisse uma estratégia de intervenção: se o objetivo era contribuir para a dinamização do parque e, conseqüentemente, para o aumento da afluência de pessoas, então havia que tornar o local mais frequentado ainda mais visível; induziu-se que quanto mais visível este fosse, mais pessoas iria atrair.

3.3.2 Utilizadores (registos observacionais)

Se com os inquéritos interessava apurar o quão reconhecido era o parque no seio das populações, faltava, depois disso, perceber a perspetiva de quem de facto o utilizava.

A ferramenta utilizada para cumprir esse objetivo foram os registos observacionais, já que, sendo um método “não-interferente” (Coutinho, s.d.), permitia que os investigados não soubessem que estavam a ser alvo da investigação e, por conseguinte, agissem naturalmente.

Os registos foram realizados num domingo à tarde (a 10 de fevereiro de 2019), por se prever que existisse maior afluência ao local, tendo-se estipulado 10 minutos para cada observação.

De modo a agilizar as anotações foi concebida, previamente, uma grelha de observação²¹, da qual se enaltece os seguintes parâmetros:



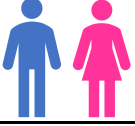

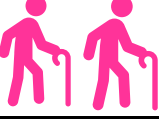
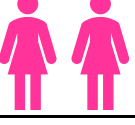
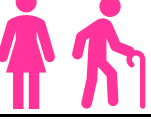

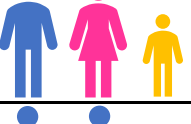

- Faixa etária aparente e número de indivíduos da observação;
- Comportamento dos indivíduos no local;
- Tipo de interação com objetos do local ou exteriores a ele.

Por último, importa referir que foram realizadas 10 observações, das quais somente duas foram realizadas a pessoas que se encontravam sozinhas no local, sendo que as restantes focaram-se em grupos de pessoas; este facto foi completamente aleatório e determinado pelas circunstâncias do momento.

Após a sua realização foi possível dispor os dados recolhidos na seguinte tabela:

²¹ Anexo L

Tabela 5: Síntese dos dados recolhidos através dos registos observacionais.

Nº OBS.	Nº/SEXO/FAIXA ETÁRIA	COMPORTAMENTO NO LOCAL	INTERAÇÃO COM OBJETOS RELEVANTES PARA O ESTUDO
1		O adulto ensina uma das crianças a andar de bicicleta e a outra acompanha-o de trotinete (zona dos trilhos).	Banco; Bicicleta; Trotinete.
2		Passeiam o cão; A criança anda de bicicleta.	Bicicleta.
3		Brincam com o cão na zona relvada, atirando-lhe uma bola de futebol.	Bola de futebol.
4		Passeia o cão.	
5		Permanecem sentadas num banco, a conversar.	Banco.
6		Praticam caminhada na zona dos trilhos, enquanto conversam.	
7		Praticam caminhada na zona dos trilhos, enquanto conversam.	
8		Pratica caminhada na zona dos trilhos.	
9		Jogam à bola na zona relvada; A criança anda de triciclo nos trilhos.	Bola de futebol; Triciclo.
10		Brincam com o cão na zona relvada.	Brinquedo canino.

Através destes dados conclui-se que estes frequentadores do Parque de Picoutos vêm nele um bom espaço para a prática desportiva e para passar momentos de lazer não só em família, como também com os animais de estimação. Para isso recorrem, maioritariamente, a objetos relacionados com o desporto, exteriores ao parque.

3.3.3 Projetos para o local (entrevista ao Presidente da Junta)

Após a recolha de vários dados relevantes sobre o local, como é o caso do número de pessoas que o conhecem, que o frequentam, bem como o comportamento dos seus utilizadores, havia também que conhecer a perspetiva da autarquia acerca deste parque.

Deste modo, foi realizada uma entrevista²² ao Sr. Presidente da Junta, Eng.º Pedro Gonçalves, no dia 5 de fevereiro de 2019, nas instalações da Junta de Freguesia.

Com esta entrevista – de carácter informal, mas que não dispensou a preparação de questões-chave - pretendia-se apurar a existência de planos para o parque, não só a nível da manutenção, como também da reforma do espaço.

De acordo com o Sr. Presidente da Junta, o facto de o Parque de Picoutos ter pouca afluência não era um dado novo para a autarquia e, inclusivamente, foram divulgadas algumas medidas já implementadas para fazer face a este problema, como a colocação de novo mobiliário, e de outras ainda por implementar, como é o caso da edificação da sede de uma coletividade, de um café e de casas de banho públicas.

Para além disso, foi reconhecida a necessidade de intervenção no parque, dada a sua carência a nível lúdico e recreativo; a inexistência de um parque infantil, por exemplo, foi um dos pontos referidos.

Por fim, a importância da iniciativa da Câmara Municipal de Matosinhos para a reabilitação do Corredor Verde do Leça será, na sua ótica, mais um contributo para a revitalização de alguns parques urbanos do concelho que, até à data, se encontram degradados.

²² Anexo M.

CAPÍTULO QUATRO – PROPOSTA PESSOAL DE PROJETO

4.1. Desenvolvimento do projeto

4.1.1 Abordagem conceptual

Tendo em conta o facto de o Parque de Picoutos ser pouco reconhecido e movimentado, facto esse comprovado através dos inquéritos à população e do próprio reconhecimento do representante máximo da autarquia, considerou-se que a solução para este problema passaria por dar a conhecer o parque às populações de ambas as freguesias; se as pessoas não vão ao Parque, então irá o parque às pessoas.

Assim, surgiu a ideia de desenvolver um percurso que ligasse as freguesias ao Parque Urbano de Picoutos, começando em dois pontos distintos: um situado em Leça do Balio e outro localizado em São Mamede de Infesta; ambos os pontos encontrar-se-iam na entrada norte do Parque e continuariam até ao seu interior, terminando na entrada sul.

No fundo, a ideia resumia-se ao desenvolvimento de um percurso bi e tridimensional que funcionasse como uma indicação dinâmica do caminho a percorrer até ao Parque e uma chamada de atenção às pessoas das duas freguesias para a existência de uma área verde minimamente explorada.

No entanto, para que este projeto se efetivasse, existiram algumas referências visuais que auxiliaram na conceção das formas que viriam a dar corpo ao projeto, tal como se expõe no tópico seguinte.

4.1.2 Referências visuais

A conceptualização do projeto pessoal alicerçou-se nalgumas referências visuais contemporâneas, nacionais e internacionais. Os exemplos que constam infra foram fundamentais sob o ponto de vista da forma e do conceito para se conseguir chegar até à nossa solução final.

A primeira referência visual tida para a proposta pessoal, foi o projeto LOOP, desenvolvido pelo estúdio FAHR 021.²³ e concluído em 2018.

Esta estrutura foi desenvolvida em virtude do décimo aniversário do Parque de Ciência e Tecnologia da Universidade do Porto (UPTEC) e está localizada no jardim em frente ao edifício central.

“A FAHR foi desafiada a desenvolver uma estrutura que fosse um marco no tempo e que perdurasse no futuro como símbolo do parque.”

A Asprela, local onde está situada a estrutura, “é um pólo de grande concentração de instalações de saúde e educação e que gera um fluxo diário de pessoas, mas a ausência de pontos de interesse no espaço público faz com que não existam muitos motivos para permanecer.” Assim, este banco circular no centro do jardim foi uma forma eficaz de contrariar esta premissa e de tornar o espaço público urbano mais convidativo e apelativo.

Para o projeto pessoal, o LOOP é uma referência devido ao material utilizado, o betão e, sobretudo, pelos métodos de produção e montagem de todas as peças; estas tiveram que ser montadas no local, muito por força das suas formas orgânicas.

²³ O estúdio FAHR 021.3 foi fundado em 2012, no Porto, pelos criativos Hugo Reis e Filipa Frois Almeida. Este estúdio desenvolve intervenções arquitetónicas em diferentes escalas, explorando as fronteiras entre a Arte e a Arquitetura. (Studio FAHR 021.3, s.d.)



Fonte: (Estúdio FAHR 021.3, s.d)

Figura 16: LOOP; Estúdio FAHR 021.3; 2018.



Fonte: (Studio FAHR 021.3, s.d.)

Figura 17: LOOP (montagem); Estúdio FAHR 021.3; 2018.



Fonte: (Studio FAHR 021.3, s.d.)

Figura 18: LOOP (zona de descanso); Estúdio FAHR 021.3; 2018.



Fonte: (Studio FAHR 021.3, s.d.)

Figura 19: LOOP (período noturno); Estúdio FAHR 021.3; 2018.

Outro projeto que constituiu uma referência visual e que, sob o ponto de vista formal, em muito se assemelha ao anterior, é o projeto intitulado “Rounds”, desenvolvido pelo SPORTS Studio²⁴, em 2016, nos Estados Unidos da América.

Esta estrutura funciona como um pavilhão temporário para espetáculos ao ar livre e apresenta uma superfície ondulante, capaz de trazer os artistas para o mesmo espaço que o público e, desse modo, permitir uma relação mais dinâmica entre palco/assentos e entre intérprete/espectador. (“Rounds | SPORTS – Arckconnect”, s.d.)

Os diversos tamanhos de ondulações pressupõem funções distintas: as ondulações mais pequenas podem funcionar como assentos para os espectadores durante os espetáculos, as ondulações de tamanho médio fornecem entradas para o espaço interno do anel e, por último, a ondulação maior funciona como palco principal.

Através da análise destes dois projetos, o LOOP e o Rounds, foi possível definir-se a primeira etapa na conceptualização do projeto pessoal: a exploração de formas orgânicas.



Fonte: (Sports Studio, s.d.)

Figura 20: Rounds (esquemática); Sports Studio; 2016.

²⁴ O SPORTS é um estúdio de Arquitetura e Design, sediado nos Estados Unidos da América e fundado em 2010, por Greg Corso e Molly Hunker. Já foi galardoado com inúmeros prémios, dos quais se destaca o International Architecture Awards 2018, promovido pela Architecture Podium, com o projeto Rounds. (“Sports Studio”, s.d.)



Fonte: (Sports Studio, s.d.)

Figura 21: Rounds; Sports Studio; 2016.



Fonte: (Sports Studio, s.d.)

Figura 22: Rounds (montagem); Sports Studio; 2016.

Os dois últimos projetos que se apresentam são idênticos sob ponto de vista da forma e do conceito.

O projeto do Parque Ribeira do Matadouro (figuras 23 e 24) foi desenvolvido em Portugal, mais concretamente em Santo Tirso, pelo Oh!Land Studio²⁵.

Este projeto nasceu a partir da aposta da Câmara Municipal de Santo Tirso de reabilitar uma zona abandonada da cidade, com um hectare e meio (1,5 ha) e tem como intenção “criar conexões através de caminhos interpretativos em contacto próximo com a Natureza”. (Câmara Municipal de Santo Tirso, 2014)

O parque “integra elementos naturais e artificiais que promovem estilos de vida urbanos de qualidade”, através da presença de percursos interpretativos, uma ciclovia e da preservação da vegetação arbórea existente. (*Ibidem*, 2014)

Como referência para o projeto pessoal, destaca-se os elementos de carácter escultórico, em fibra de vidro, que desenham um percurso interpretativo pelo parque.

Para além do seu evidente carácter escultórico, estas peças são também funcionais, na medida em que se vão transformando em bancos, coberturas e zonas de estar, ao longo do percurso.

A preocupação em minimizar a manutenção do parque, através da escolha de materiais mais resistentes às vicissitudes do ambiente exterior é também um ponto a enaltecer.

O último projeto, denominado “The Red Folding Paper” (figuras 25 e 26), foi desenvolvido por um grupo de criativos chineses, para a Ecovia Sanlihe. Este projeto baseia-se numa estrutura que combina carácter escultórico com funcionalidade; estabelece um percurso dentro do parque e, simultaneamente, vai formando pontos de descanso, como bancos e zonas de estacionamento de bicicletas, por exemplo.

Em suma, o facto desta estrutura exaltar a dicotomia natural/artificial (à semelhança do que acontecia com o projeto do Parque Ribeiro do Matadouro), bem como a utilização de uma cor quente capaz de “interromper” o verde dominante, foram os motivos que levaram a que esta intervenção fosse considerada uma referência para o projeto pessoal.

²⁵ Oh! Land Studio foi fundado no Porto, em 2016, por Ana Sofia Pacheco e Victor Esteves, ambos arquitetos. O seu projeto do Parque do Ribeiro do Matadouro assumiu destaque internacional, através da sua menção numa edição da World Landscape Architecture, tendo estado “entre as mais interessantes obras de arquitetura paisagista de todo o mundo” (Câmara Municipal de Santo Tirso, 2014)



Fonte: (Câmara Municipal de Santo Tirso, 2014)

Figura 23: Parque Ribeiro do Matadouro; Oh!Land Studio; s.d.



Fonte: (Projest Engenharia, s.d.)

Figura 24: Parque Ribeiro do Matadouro (período noturno), OH!Land Studio - Victor Esteves, s.d.



Fonte: (Turenscape, 2013)

Figura 25: The Red Folding Paper; Turenscape Studio; 2010.



Fonte: (Turenscape, 2013)

Figura 26: The Red Folding Paper (maquete); Turenscape; 2010.

4.1.3 Estudos de forma e de escala

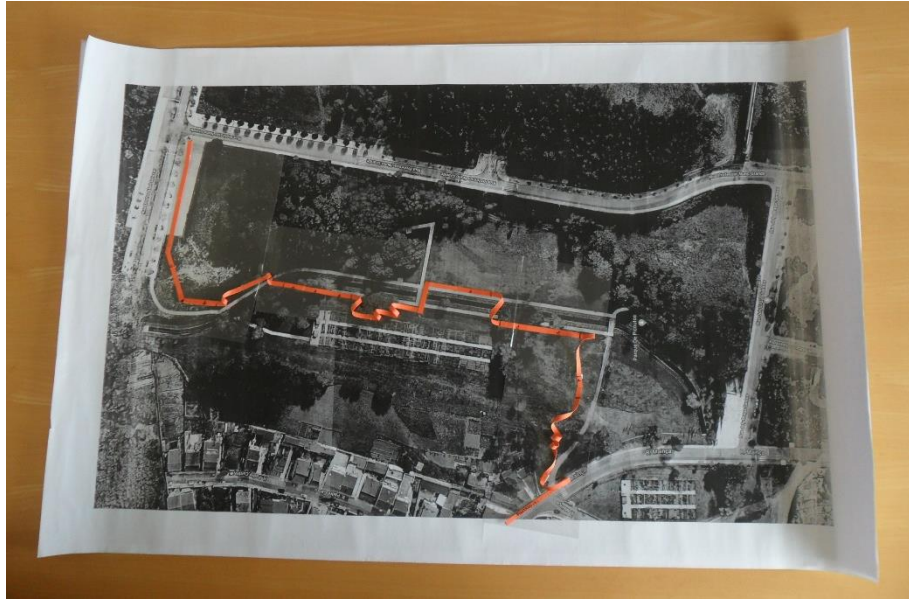
Após a definição do conceito e de já se ter algumas referências visuais consolidadas, procedeu-se à elaboração de inúmeras maquetes exploratórias. Através desta ferramenta era expectável chegar-se a uma forma (ou conjunto de formas) que satisfizesse o propósito inicial: tornar o Parque de Picoutos um lugar mais apelativo e, conseqüentemente, mais frequentado.

Assim, numa primeira fase, desenvolveu-se uma série de pequenas maquetes construídas com recurso a materiais de fácil aceção, como cartão e cartolinas, sem qualquer preocupação a nível de escala ou de medidas (fotografia 4). Na verdade, o que se pretendia nesta fase era explorar a plasticidade do material, ao ponto de se conseguir seleccionar um conjunto de formas.

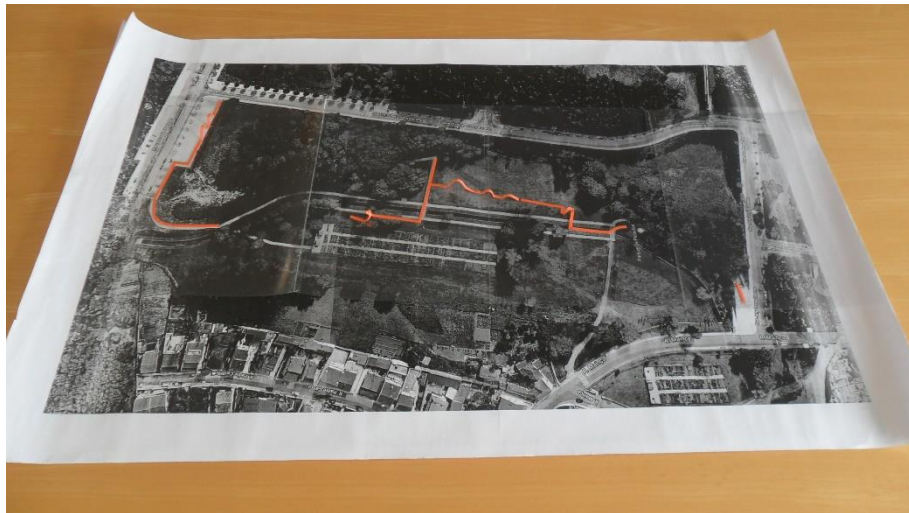


Fotografia 4: Primeiras maquetes de estudo.

Na segunda fase de maquetagem exploratória, inseriu-se as maquetes seleccionadas no percurso pretendido. Para isso, recorreu-se a impressões tamanho A1 do ortofotomapa do Parque de Picoutos e de todo o percurso e, sobre elas, trabalhou-se tridimensionalmente as formas escolhidas (fotografias 5, 6 e 7). Foi a partir deste ponto que se definiram as formas finais e que se partiu para a sua modelação em *software* CAD (desenho auxiliado por computador).



Fotografia 5: Ortofotomapa do Parque de Picoutos com intervenção tridimensional (1).



Fotografia 6: Ortofotomapa do Parque de Picoutos com intervenção tridimensional (2).

4.2. Finalização do projeto

4.2.1 Síntese descritiva do conceito.

O projeto proposto consiste num caminho que direciona os transeuntes até ao Parque Urbano de Picoutos.

São duas fitas escarlates que começam a desenrolar-se em freguesias distintas, encontrando-se e unindo-se na entrada sul do parque. Dali passam a formar uma só, que se embrenha no seu interior e que, à medida que se estende pelo terreno, vai formando pontos que podem funcionar como banco, espreguiçadeira ou encosto. Na verdade, tudo depende da necessidade do utilizador e é precisamente esta ambiguidade programada que lhe confere um certo carácter performativo e escultórico.

O percurso inicia, então, em dois pontos estratégicos das duas freguesias: o primeiro está situado perto da rotunda de Leça do Balio, próximo a um hipermercado de grande afluência e, o segundo, também próximo a outra rotunda que dá acesso à principal avenida de São Mamede de Infesta. A partir daí, este início de “fita” bidimensional continua a demarcar o percurso, dando lugar à tridimensionalidade já na entrada sul do parque.

A partir da entrada, esta marcação vai-se desenrolando e estendendo pelo interior do parque, alternando entre a bi e a tridimensionalidade e findando na entrada norte.



Mapa 3: Demonstração do percurso completo.

Fonte: (Google Maps, com intervenção da autora, 2019)

4.2.2 Proposta final: fotomontagens, simulações 3D e maquete.

Para que melhor se compreenda o conceito associado ao projeto, procede-se à sua ilustração, através da utilização de fotomontagens dos principais pontos do percurso, de simulações de questões mais técnicas, como é o caso dos métodos de fixação, e da representação do projeto através de maquetes.



Figura 27: Simulação das peças na entrada sul.



Figura 28: Simulação das peças na entrada norte.



Figura 29: Peça no interior do Parque.



Figura 30: Simulação de zona de descanso.



Figura 31: Percurso no interior do Parque (1).



Figura 32: Percurso no interior do Parque (2).



Figura 33: Percurso no interior do Parque (3).



Figura 34: Simulação do percurso perto da entrada norte.



Figura 35: Percurso nas imediações do Parque (1).



Figura 36: Percurso nas imediações do Parque (2).

Considerações técnicas:

Todas as peças estão pensadas para serem concebidas em betão cinzento, com posterior pintura de cor vermelha. Para além disso, destaca-se o facto de todas as peças deverem ser fixadas através de uma base de betão (sapata) prontamente embutida no solo, sendo instalada através da utilização de pinos roscados, pelas furações existentes numa base de apoio em aço. Este método²⁶ permite que as peças possam ser mais facilmente removidas, em caso de substituição.

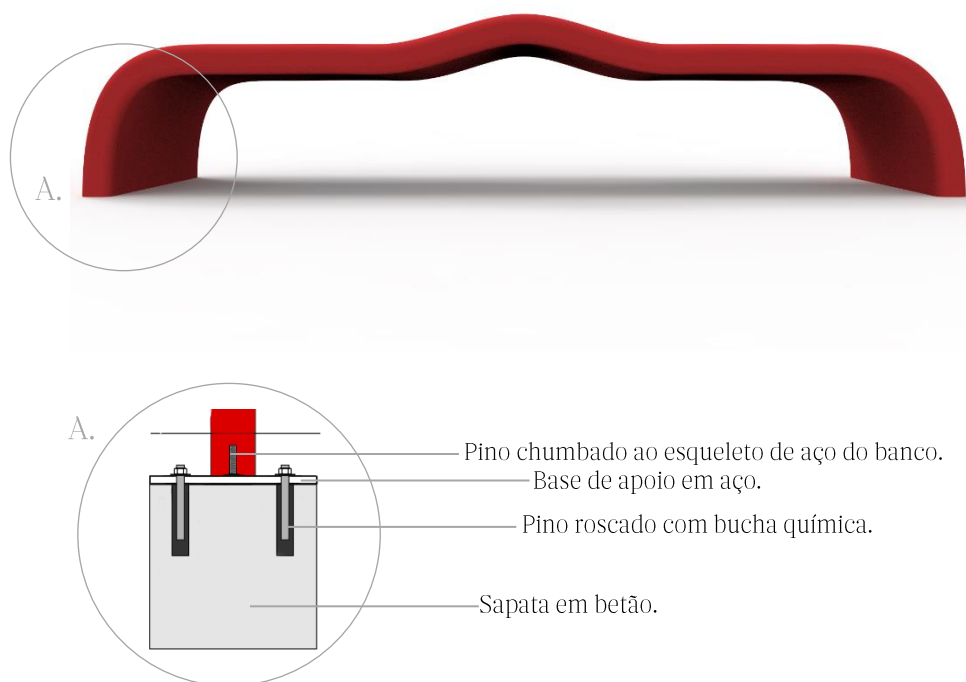


Figura 37: Método de fixação do banco (zona embutida no solo).

²⁶ Os métodos de fixação apresentados neste documento, tiveram por base os métodos de fixação utilizados pela empresa de mobiliário urbano Larus.

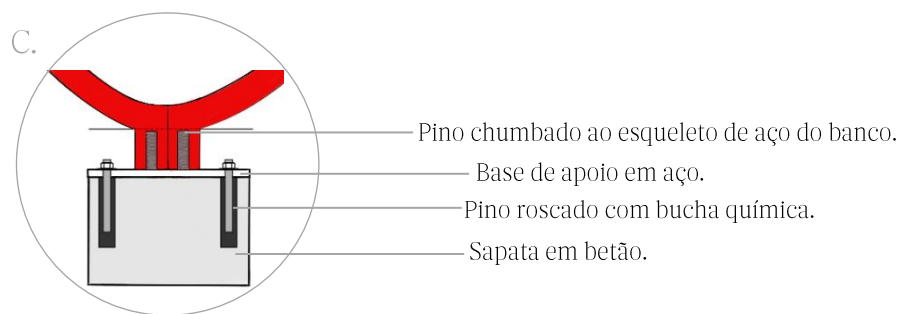
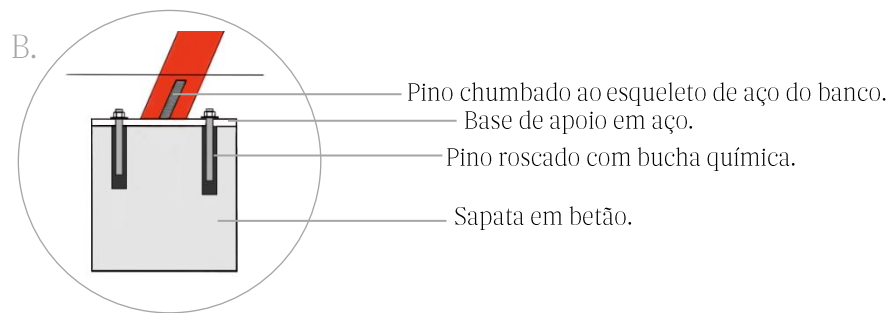
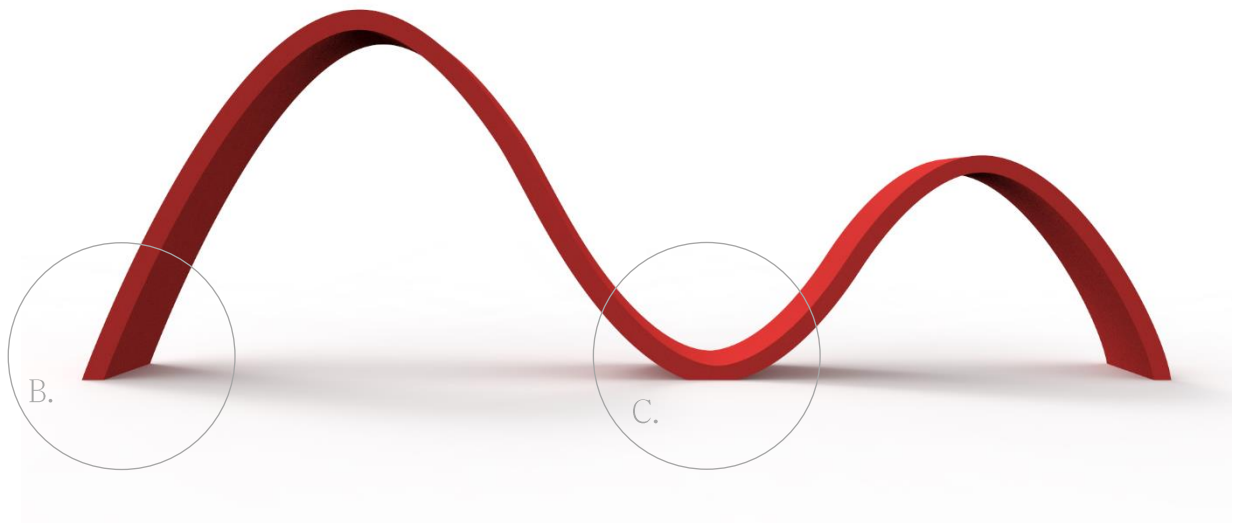
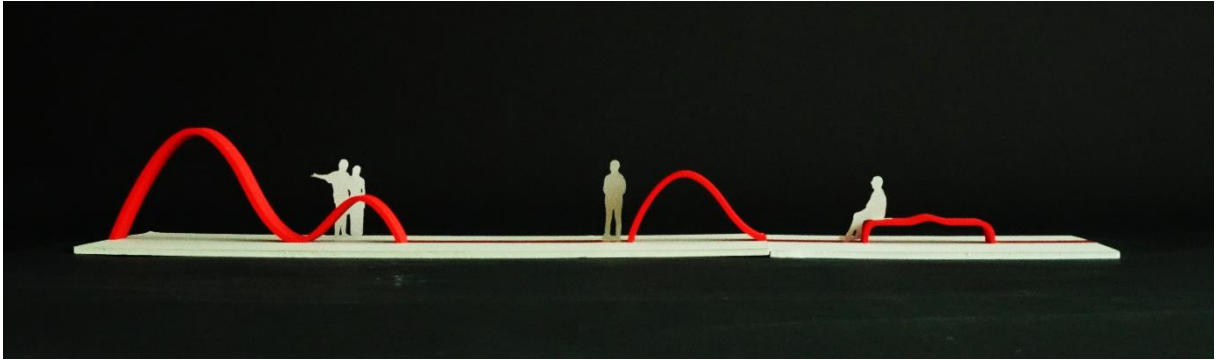


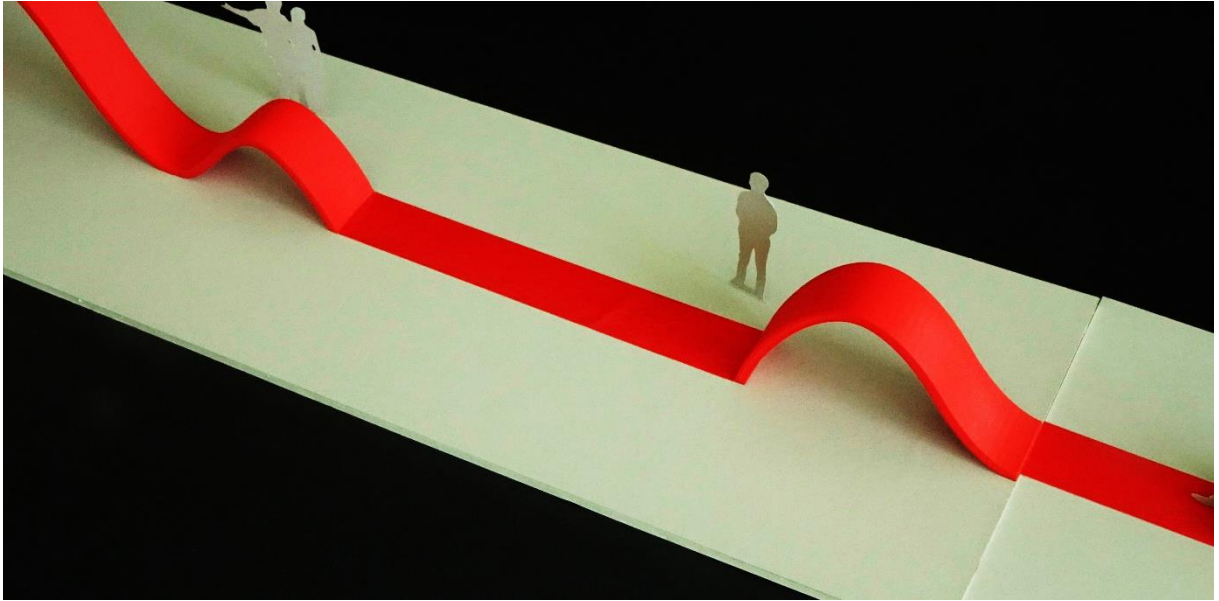
Figura 38: Métodos de fixação (parte embutida no solo).



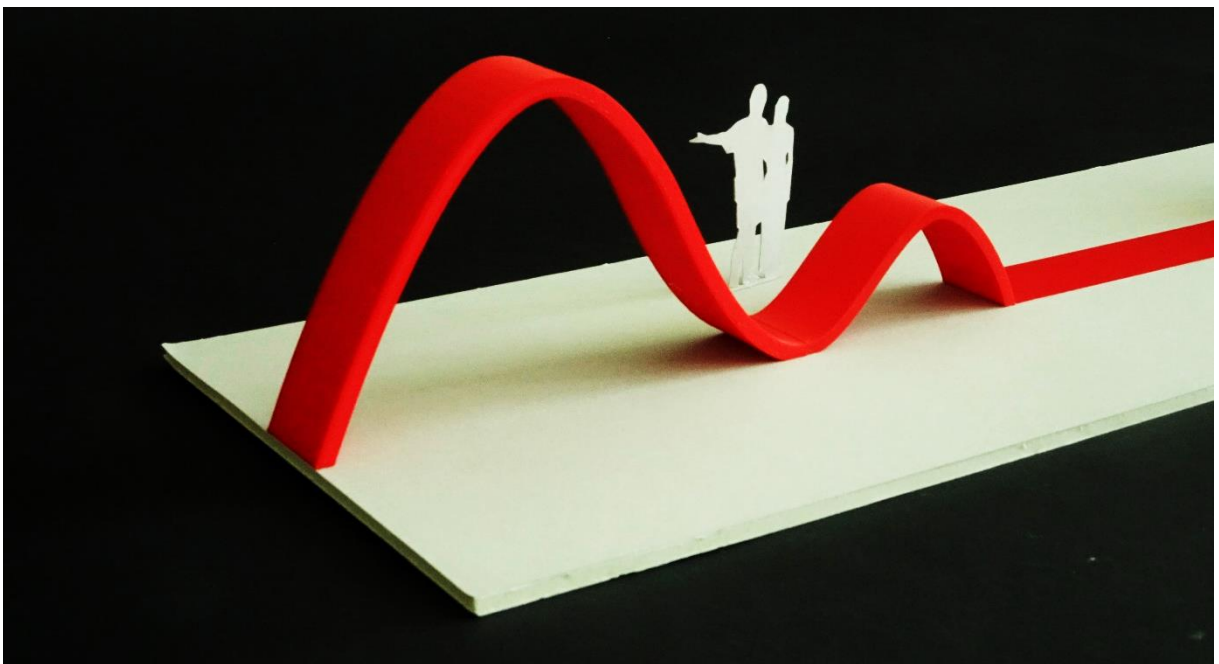
Fotografia 8: Vista frontal da maquete final à escala 1:25.



Fotografia 9: Vista superior da maquete final à escala 1:25.



Fotografia 10: Pormenor da maquete final à escala 1:25 (1).



Fotografia 11: Pormenor da maquete final à escala 1:25 (2).



Fotografia 12: Maquete do percurso dentro do parque, à escala 1:500, tamanho A0.

CONCLUSÃO

O presente projeto, intitulado “O papel do design nos espaços públicos urbanos: projeto de dinamização do Parque Urbano de Picoutos” é um trabalho teórico-prático que não só permitiu a aquisição de conhecimento acerca da Cidade, dos seus lugares e das pessoas que nela habitam, como também possibilitou a aplicação desse conhecimento a um contexto de estudo real.

Com a primeira parte do presente relatório, de conteúdo mais teórico, clarificou-se alguns conceitos fundamentais associados tema. Perceber de que modo a Cidade se tem vindo a mutar, face à inevitável evolução dos tempos e, sobretudo, compreender a implicação que isso tem nos espaços públicos atuais foi o primeiro passo para a descoberta de novos conceitos, como é o caso de “não-lugar” e “lugar expectante”.

Através da sua exploração, reconheceu-se no Parque de Picoutos algumas características de utilização que encaixavam perfeitamente na definição destes dois conceitos. Para além disso, através da pesquisa de algumas intervenções de design capazes de conferir dinamismo a esses lugares expectantes e aos não-lugares, foi possível compreender-se o papel poderoso e vasto do design enquanto disciplina interventiva no espaço público urbano.

Com efeito, importância da intervenção de design para a revitalização dos espaços públicos urbanos, transporta-nos imediatamente para um território de investigação com o qual não estávamos familiarizados. A ideia de que o espaço público podia servir como “pano de fundo” para uma intervenção de design, extrapolava, em larga medida, a tipologia de projeto desenvolvida até ao momento.

Na verdade, a temática deste projeto tornou imprescindível o aprofundamento dos conhecimentos sobre a cidade de Matosinhos e as suas freguesias, pondo-nos em contacto com inúmeras entidades e com inúmeros anónimos que, de alguma forma, deram a sua contribuição para a efetivação deste projeto. Esta vertente prática deu origem a conhecimento adquirido *in loco* e este é, indubitavelmente, um dos pontos positivos a destacar.

O desafio passava por revitalizar o Parque Urbano de Picoutos, através da sua comunicação a potenciais utilizadores; no fundo, significava levar o Parque para fora das suas delimitações territoriais e mostrar a sua potencialidade aos habitantes de São

Mamede de Infesta e de Leça do Balio, nossos conterrâneos. Para isso, propusemo-nos a intervir não só no parque – que, como se sabe, regista pouca afluência – como também em todo o percurso que o liga às duas freguesias.

Ambicionando uma resposta para a nossa questão de investigação (Que tipo de contributo poderá dar o design para a dinamização do Parque Urbano de Picoutos?) é de salientar que o resultado não foi mais do que um ensaio (ou uma simulação), de uma intervenção que poderá atribuir ao Parque de Picoutos uma nova imagem e uma identidade renovada. Na verdade, dada a natureza do projeto, a impossibilidade de se testar a solução final constitui um obstáculo para a validação da eficácia da proposta.

Não obstante, o contributo dado passou por uma intervenção, com algum carácter escultórico, que deixa aos utilizadores a tarefa de se servirem dela consoante as suas necessidades. É, no fundo, um projeto cuja eficácia estará dependente da criatividade de quem a utiliza, mas é essa subjetividade que lhe atribui o dinamismo necessário para despertar a curiosidade dos transeuntes e, talvez, atrair novos exploradores ao local.

Por fim, exalta-se o facto de este projeto poder ser transponível e aplicável aos restantes parques do concelho, o que permitiria atribuir-lhes uma identidade comum,

funcionando como partes que se interligam num todo e formando, assim, uma rede de parques concelhia com uma presença mais marcada. Este poderia ser um ponto-chave para a revitalização de todos os parques observados durante a pesquisa de campo, sobretudo daqueles que estão quase em estado devoluto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adigital Interactive Art. (2017, maio 15). Les Astronautes: Installazioni urbane a Quebec City. Obtido 6 de maio de 2019, de Adigital Interactive Art website: <http://adigitalinteractiveart.altervista.org/les-astronautes-installazioni-urbane-quebec-city/>

Almeida, A. (2010). *Contributos do Design de Comunicação para a construção de identidade de um espaço: exemplos contemporâneos em Portugal* (Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Design de Comunicação). Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.

Archdaily. (2012, junho 24). Obtido 5 de maio de 2019, de ArchDaily website: <https://www.archdaily.com/246874/stairway-cinema-installation-oh-no-sumo/16-stairway-cinema-by-oh-no-sumo-photo-by-simon-devitt-q7982>

Ascher, F. (2012). *Novos princípios urbanos seguido de Novos compromissos urbanos (um léxico)* (3ª). Lisboa: Livros Horizonte.

Augé, M. (2016). *Não-Lugares - Introdução a uma antropologia da sobremodernidade* (2ª). Lisboa: Letra Livre.

barreira de contentores. (2018, fevereiro 8). Obtido 6 de maio de 2019, de Providência Design website: <http://www.fprovidencia.com/portfolio/barreira-contentores/>

Beveridge, C. (sem data). Frederick Law Olmsted Sr. - National Association for Olmsted Parks. Obtido 8 de maio de 2019, de National Association for Olmsted Parks website: <http://www.olmsted.org/the-olmsted-legacy/frederick-law-olmsted-sr>

Câmara Municipal de Matosinhos. (2019, abril 16). Requalificação do Corredor Verde do Leça. Obtido 9 de maio de 2019, de CM Matosinhos website: http://www.cm-matosinhos.pt/pages/242?news_id=6151

Câmara Municipal de Matosinhos. (sem data). Parque de Picoutos. Obtido 12 de maio de 2019, de Sistema de Gestão e Informação Ambiental website: http://web2.cm-matosinhos.pt/sgam/index.php?option=com_content&view=article&id=112&Itemid=260

Câmara Municipal de Santo Tirso. (2014, dezembro). Parque da Ribeira do Matadouro com destaque internacional. Obtido 16 de maio de 2019, de Câmara Municipal de Santo Tirso website: <http://www.cm-stirso.pt/conhecer/noticias/noticia/parque-da-ribeira-do-matadouro-com-destaque-internacional>

Castro, A. (2019, abril 17). Mais quatro pontes no rio Leça e 820 árvores nas margens. Obtido 9 de maio de 2019, de Jornal de Notícias website: <https://www.jn.pt/local/noticias/porto/matosinhos/interior/mais-quatro-pontes-no-rio-leca-e-820-arvores-nas-margens-10805255.html>

Catherine W. Thompson. (2006). Da paisagem do Jardim Inglês ao Parque Urbano: temas comuns num mundo em mudança. Em *Parques Urbanos e Metropolitanos - Manual de Boas práticas*. Porto: Câmara Municipal do Porto.

Cavaco, C. (2017). *Espaçamentos Ilegítimos. A Condição Suburbana do Vazio*. Obtido de https://www.academia.edu/5803613/Espa%C3%A7amentos_Ileg%C3%ADtimos._A_Condi%C3%A7%C3%A3o_Suburbana_do_Vazio

Central Park - O maior parque urbano de Nova York. (sem data). Obtido 8 de maio de 2019, de Civitatis Nova Iorque website: <https://www.novayork.net/central-park>

Cidade de Matosinhos . (2015, agosto 24). Obtido 9 de maio de 2019, de Jornal Renovação website: <http://jornal-renovacao.pt/2015/08/matosinhos/>

Coutinho, C. (sem data). *Metodologias de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática* (2ª). Coimbra: Almedina.

Couto, R. (2014, junho 27). Matosinhos mais verde e com espaços de lazer para a população. Obtido 9 de maio de 2019, de PÚBLICO website: <https://www.publico.pt/2014/06/27/local/noticia/matosinhos-mais-verde-e-com-espacos-de-lazer-para-a-populacao-1660762>

Cunha, L. (2007). *Modelos Rasch e Escalas de Likert e Thurstone na medição de atitudes*. (Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Probabilidades e Estatística). Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Lisboa.

Domingues, Á. (2009). *A Rua da Estrada* (1ª). Porto: Dafne.

Duarte, M. (2009, junho 18). Operação tipográfica em fachada de ermida valeu três prémios a dupla de designers do Porto. *PÚBLICO*. Obtido de <https://www.publico.pt/2009/06/18/jornal/operacao-tipografica-em-fachada-de-ermida-valeu-tres-premios-a-dupla-de-designers-do-porto-310415>

Encyclopaedia Britannica. (sem data). East End | district, London, United Kingdom. Obtido 7 de maio de 2019, de Encyclopedia Britannica website: <https://www.britannica.com/place/East-End>

Gehl, J. (2013). *Cidades para Pessoas* (2ª). São Paulo: Perspectiva.

Ghonaim, H. (2018, outubro 2). City study evaluates land development surrounding Victoria Park | CBC News. Obtido 8 de maio de 2019, de CBC website: <https://www.cbc.ca/news/canada/london/london-ontario-officials-evaluate-victoria-park-1.4846477>

Hansen, N. (2014, outubro 24). Turning A Dark Alley Into A Dreamy Playground. Obtido 5 de maio de 2019, de Pop-Up City website: <https://popupcity.net/turning-a-dark-alley-into-a-dreamy-playground/>

History and Architecture. (sem data). Obtido 7 de maio de 2019, de The Royal Parks website: <https://www.royalparks.org.uk/parks/hyde-park/about-hyde-park/history-and-architecture>

Instituto Nacional de Estatística. (sem data). Instituto Nacional de Estatística, Censos 2011. Obtido 9 de maio de 2019, de Instituto Nacional de Estatística website: https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_quadros

Kohlstedt, K. (s.d.). Little & Local: Staircase Cinema & Sidewalk Library Projects | Urbanist. Obtido 5 de maio de 2019, de <https://weburbanist.com/2013/06/25/little-local-staircase-cinema-sidewalk-library-projects/>

Les astronautes - Delirious Frites. (sem data). Obtido 5 de maio de 2019, de Exmuro website: <https://exmuro.com/artistes/passages-insolites-les-astronautes-delirious-frites/>

LOOP. (sem data). Obtido 15 de maio de 2019, de Studio FAHR 021.3 website: <https://www.fahr0213.com/work/loop/>

Lusa. (2014, maio 25). Dupla de designers portuguesas R2 distinguida com os European Design Awards. Obtido 6 de maio de 2019, de PÚBLICO website: <https://www.publico.pt/2014/05/25/culturaipsilon/noticia/dupla-de-designers-portuguesas-r2-distinguida-pela-european-design-awards-1637421>

Maia, J. (2017). *Reinserção de espaços expectantes em meios urbanos - Reabilitação da Ponte Maria Pia* (Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Design de Interiores). Escola Superior de Artes e Design, Porto.

Mariana Pires Reis Pereira. (2011). *Espaços Verdes Urbanos - Contributo para a optimização do planeamento e gestão da Freguesia de Oeiras e São Julião da Barra* (Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Arquitectura Paisagista). Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.

Matos, Fátima. (2010). *Espaços públicos e qualidade de vida nas cidades - o caso da cidade do Porto*. 2(4), 17-33.

Matos, Fernando, Lopes, J. C., & Vitorino, M. A. (2005). *PARQUE URBANO E ESTRATÉGIAS DE BEM-ESTAR NAS CIDADES MÉDIAS*. 9.

Matosinhos. (2019). Em *Wikipédia, a enciclopédia livre*. Obtido de <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Matosinhos&oldid=55316625>

Menos é Mais. (sem data). Obtido 6 de maio de 2019, de <http://menosemais.com/conteudo/apdl-barreira-contencao-da-estilha>

Museu de Lisboa. (sem data). Passeio Público de Lisboa. Obtido 8 de maio de 2019, de Câmara Municipal de Lisboa: Museu Lisboa website:

<http://www.museudelisboa.pt/pecas/detalhe/news/passeio-publico-de-lisboa.html>

Parque Florestal de Monsanto: O pulmão verde de Lisboa faz 80 anos. (sem data). *Guia da Cidade*. Obtido de <http://magazine.guiadacidade.pt/parque-florestal-de-monsanto-o-pulmao-verde-de-lisboa/>

Parque Urbano da Ribeira do Matadouro – Santo Tirso – Projest Engenharia. (sem data). Obtido 16 de maio de 2019, de Projest Engenharia website: http://www.projest-engenharia.com/portfolio_item/parque-urbano-da-ribeira-do-matadouro-santo-tirso/

Passeio Público do Rossio - História do Passeio Público do Rossio. (2014, Abril 22). Obtido 24 de maio de 2019, de <http://www.historiadeportugal.info/passeio-publico-do-rossio/>

R2 design. (sem data). Obtido 6 de maio de 2019, de <https://www.r2design.pt/>

Ramalho, A. (2004). *Urbanismo - Retratos Urbanos* (1ª). Póvoa de Varzim: Caleidoscópio.

Rounds | SPORTS – Arckconnect. (sem data). Obtido 16 de maio de 2019, de <http://www.arckconnect.com/articles/rounds-sports/>

Schreck, I. (2011, janeiro 11). Contentores vão tapar a estilha em Leixões. Obtido 7 de maio de 2019, de <https://www.jn.pt/local/noticias/porto/matosinhos/interior/contentores-vao-tapar-a-estilha-em-leixoes-1753940.html>

Significado / definição de cidade-dormitório no Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. (sem data). Em *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Obtido de <https://dicionario.priberam.org/cidade-dormitório>

Sousa, C. (2010). *Do cheio para o vazio - Metodologia e estratégia na avaliação de espaços urbanos obsoletos* (Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura). Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.

Sports Studio. (sem data). Obtido 16 de maio de 2019, de SPORTS website: <http://www.sportscollaborative.com/about>

Turescape. (2013, Abril). The Red Folding Paper in the Greenway. Obtido 16 de Maio de 2019, de Turescape website:
<https://www.turescape.com/en/project/detail/4554.html>

ANEXOS

ANEXO A – Parque Urbano de Picoutos (16 de janeiro de 2019)

- Mobiliário urbano existente e respetivo estado de conservação:



Fotografia 13: Banco de Jardim; Parque de Picoutos; 2019.



Fotografia 14: Espreguiçadeiras; Parque de Picoutos; 2019.



Fotografia 15: Caixotes do lixo; Parque de Picoutos; 2019.



Fotografia 16: Equipamento de ginástica; Parque de Picoutos; 2019.



Fotografia 17: Bebedouro; Parque de Picoutos; 2019.



Fotografia 18: Sinalética de chão; Parque de Picoutos; 2019.



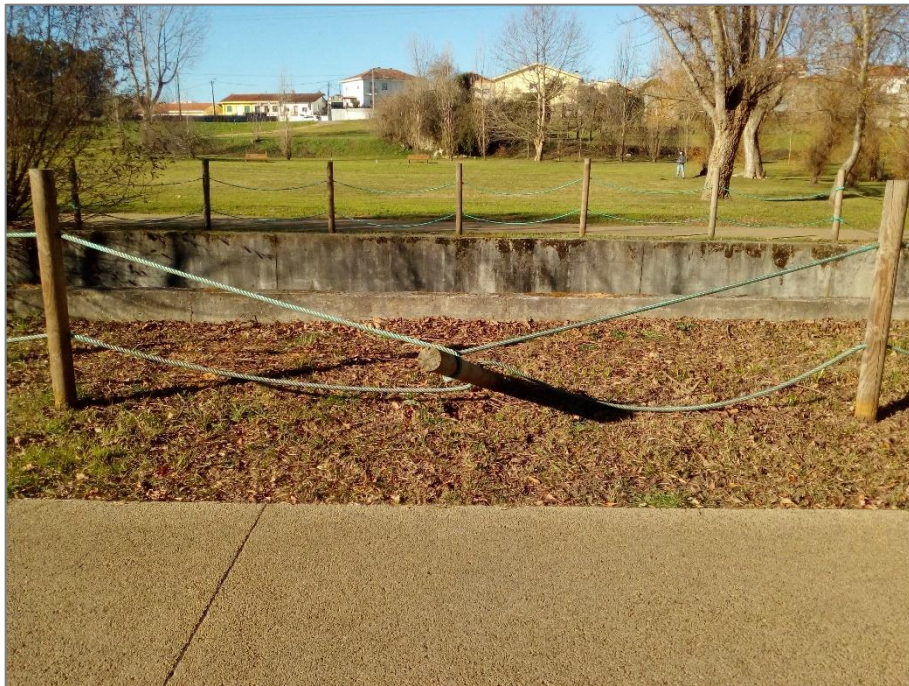
Fotografia 19: Totem da entrada Norte; Parque de Picoutos; 2019.



Fotografia 20: Totem da entrada Sul; Parque de Picoutos; 2019.



Fotografia 21: Equipamento de piquenique; Parque de Picoutos; 2019.



Fotografia 22: Delimitadores em madeira; Parque de Picoutos; 2019.



Fotografia 23: Escadaria em construção; Parque de Picoutos; 2019.



Fotografia 24: Futura sede de coletividade; Parque de Picoutos; 2019.

ANEXO B – Parque das Varas (7 de fevereiro de 2019)

- Área: 1,5 hectares.

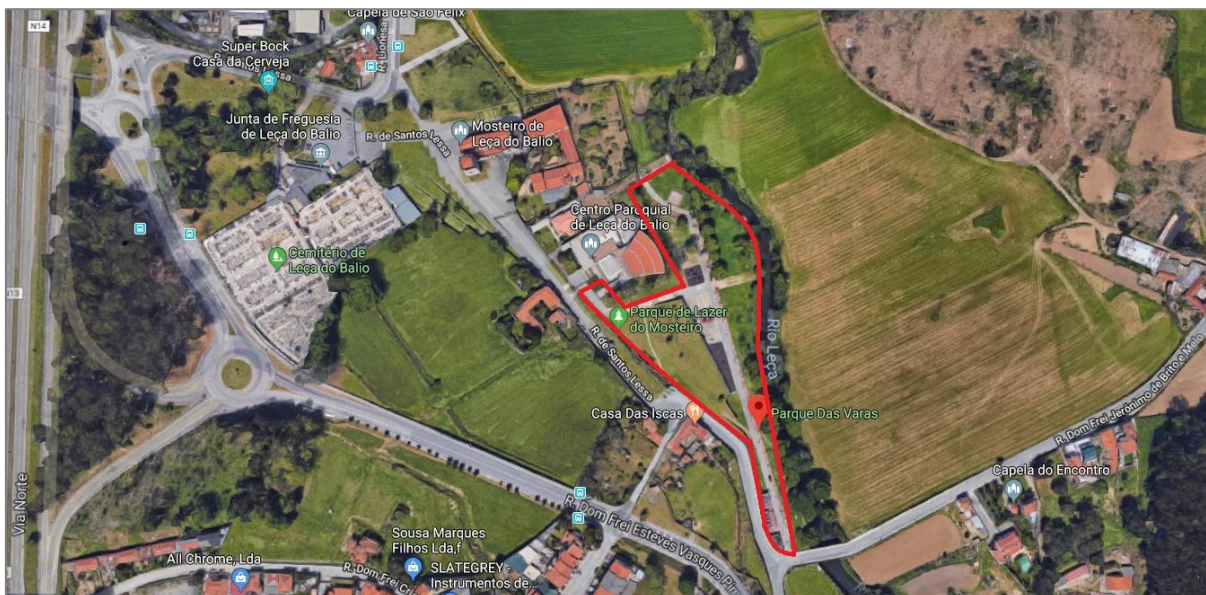


Figura 39: Delimitação do Parque das Varas.

- Equipamentos urbanos existentes e respetivo estado de conservação:



Fotografia 25: Equipamento de piquenique; Parque das Varas; 2019.



Fotografia 26: Churrasqueira pública; Parque das Varas; 2019.



Fotografia 27: Banco; Parque das Varas; 2019.



Fotografia 28: Fontanário; Parque das Varas, 2019.



Fotografia 29: Iluminação; Parque das Varas, 2019.



Fotografia 30: Equipamento infantil (1); Parque das Varas; 2019.



Fotografia 31: Equipamento infantil (2); Parque das Varas; 2019.



Fotografia 32: Equipamento de ginástica (1); Parque das Varas; 2019.



Fotografia 33: Equipamento de ginástica (2); Parque das Varas; 2019.



Fotografia 34: Equipamento de ginástica (3); Parque das Varas; 2019.



Fotografia 35: Recipiente para dejetos caninos; Parque das Varas; 2019.



Fotografia 36: Delimitadores em madeira; Parque das Varas; 2019.

ANEXO C – Parque das Austrálias (15 de abril de 2019)

- Área: 1,6 hectares.



Figura 40: Delimitação do Parque das Austrálias.

- Equipamentos urbanos e infraestruturas existentes e respetivo estado de conservação:



Fotografia 37: Banco; Parque das Austrálias; 2019.



Fotografia 38: Equipamento para piquenique; Parque das Austrálias; 2019.



Fotografia 39: Ecopontos; Parque das Austrálias; 2019.



Fotografia 40: Balde do lixo; Parque das Austrálias; 2019.



Fotografia 41: Bebedouro; Parque das Austrálias; 2019.



Fotografia 42: Tanque público; Parque das Austrálias; 2019.



Fotografia 43: Iluminação; Parque das Austrálias; 2019.



Fotografia 44: Elementos ornamentais; Parque das Austrálias; 2019.

ANEXO D – Parque do Soneto Ecológico (7 de fevereiro de 2019)

- Área: 3600 m²



Figura 41: Delimitação do Parque do Soneto Ecológico.

- Equipamentos urbanos existentes e respetivo estado de conservação.



Fotografia 45: Banco; Parque do Soneto Ecológico; 2019.



Fotografia 46: Balde do lixo; Parque do Soneto Ecológico; 2019.



Fotografia 47: Banco coletivo, Parque do Soneto Ecológico, 2019.



Fotografia 48: Churrasqueira pública; Parque do Soneto Ecológico; 2019.



Fotografia 49: Recipiente para dejetos caninos; Parque do Soneto Ecológico; 2019.



Fotografia 50: Iluminação; Parque do Soneto Ecológico; 2019.

ANEXO E – Parque de Real (15 de fevereiro de 2019)

- Área: 4,5 hectares

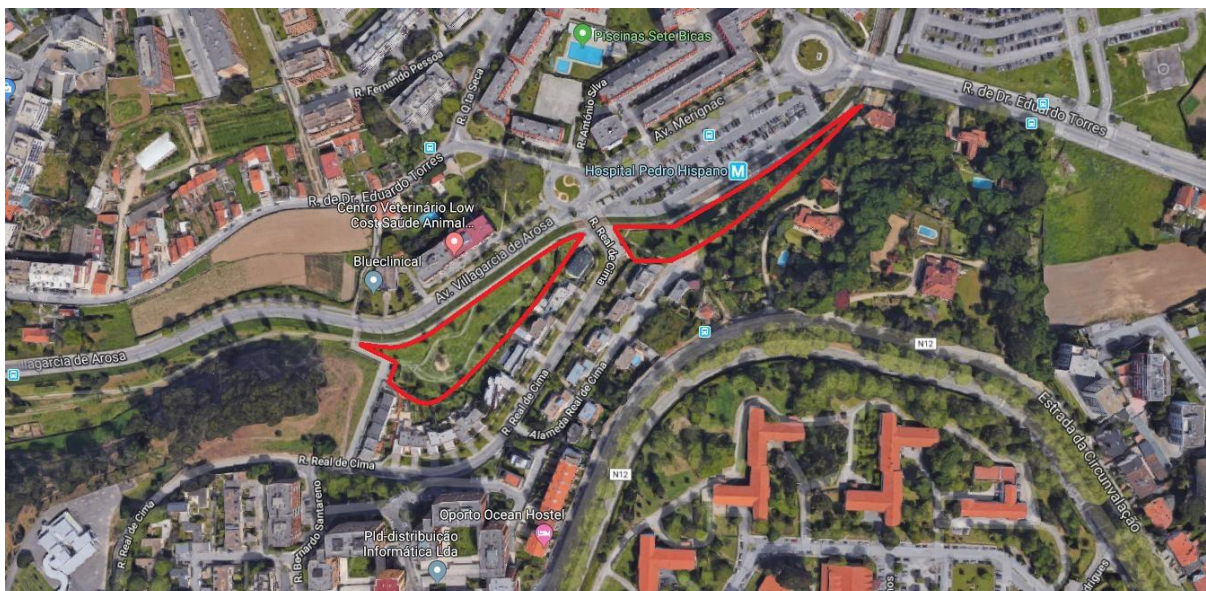


Figura 42: Delimitação do Parque de Real.

- Equipamentos urbanos existentes e respetivo estado de conservação:



Fotografia 51: Banco; Parque de Real; 2019.



Fotografia 52: Caixaote do lixo; Parque de Real; 2019.



Fotografia 53: Dispensador de sacos; Parque de Real; 2019.



Fotografia 54: Iluminação; Parque de Real; 2019.



Fotografia 55: Suporte para sinalética; Parque de Real; 2019.

ANEXO F – Parque da Ponte do Carro (14 de fevereiro de 2019)

- Área: 500 m²



Figura 43: Delimitação do Parque da Ponte do Carro.

- Equipamentos urbanos existentes e respetivo estado de conservação:



Fotografia 56: Banco; Parque da Ponte do Carro; 2019.



Fotografia 57: Equipamento para piquenique; Parque da Ponte do Carro; 2019.



Fotografia 58: Iluminação; Parque da Ponte do Carro; 2019.

ANEXO G – Parque da Lomba (15 de abril de 2019)

- Área: 2300 m²



Figura 44: Delimitação do Parque da Lomba.

- Equipamentos urbanos existentes e respetivo estado de conservação:



Fotografia 59: Banco; Parque da Lomba; 2019.



Fotografia 60: Equipamento de piquenique; Parque da Lomba; 2019.



Fotografia 61: Churrasqueira pública; Parque da Lomba; 2019.



Fotografia 62: Equipamento de ginástica (1); Parque da Lomba; 2019.



Fotografia 63: Equipamento de ginástica (2); Parque da Lomba; 2019.



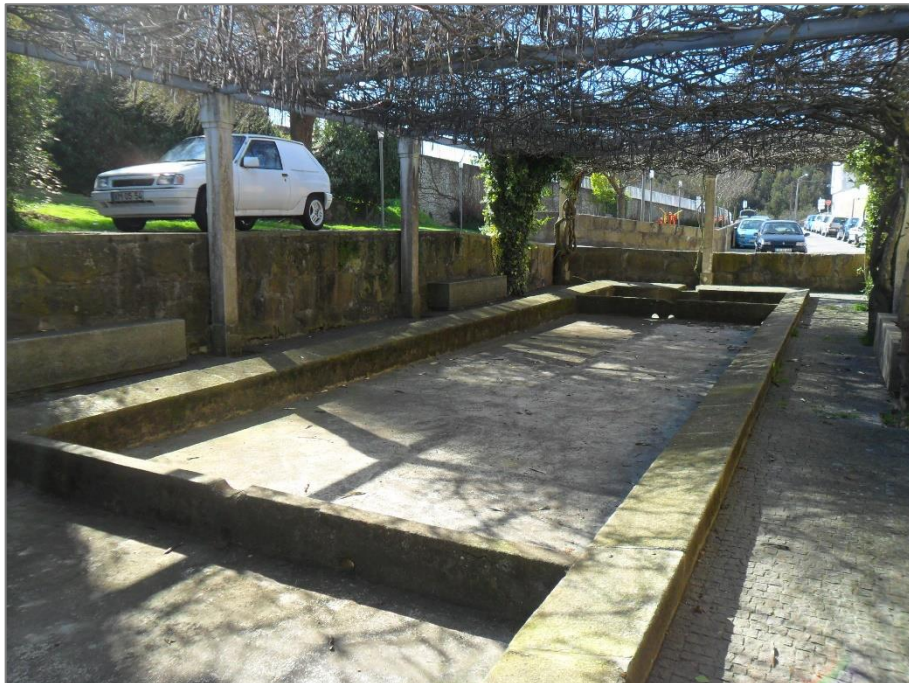
Fotografia 64: Equipamento de ginástica (3); Parque da Lomba; 2019.



Fotografia 65: Equipamento de ginástica (4); Parque da Lomba; 2019.



Fotografia 66: Iluminação; Parque da Lomba; 2019.



Fotografia 67: Tanque público; Parque da Lomba; 2019.

ANEXO H – Parque da Ciência (28 de janeiro de 2019)

- Área: 8 hectares.



Figura 45: Delimitação do Parque da Ciência.

- Equipamentos urbanos e infraestruturas existentes e respetivo estado de conservação:



Fotografia 68: Banco (1); Parque da Ciência; 2019.



Fotografia 69: Banco (2); Parque da Ciência; 2019.



Fotografia 70: Banco (3); Parque da Ciência; 2019.



Fotografia 71: Suporte para bicicletas; Parque da Ciência; 2019.



Fotografia 72: Suporte para informações (1); Parque da Ciência; 2019.



Fotografia 73: Suporte para informações (2); Parque da Ciência; 2019.



Fotografia 74: Equipamento de ginástica (1); Parque da Ciência; 2019.



Fotografia 75: Equipamento de ginástica (2); Parque da Ciência; 2019.



Fotografia 76: Equipamento de ginástica (3); Parque da Ciência; 2019.



Fotografia 77: Equipamento de ginástica (4); Parque da Ciência; 2019.



Fotografia 78: Balde do lixo; Parque da Ciência; 2019.



Fotografia 79: Totem; Parque da Ciência; 2019.



Fotografia 80: Iluminação; Parque da Ciência; 2019.



Fotografia 81: Suporte para informações (3); Parque da Ciência; 2019.



Fotografia 82: Centro de Educação Ambiental inativo; Parque da Ciência; 2019.

ANEXO I – Parque de São Mamede de Infesta (15 de fevereiro de 2019)

- Área: 1,9 hectares.



Figura 46: Delimitação do Parque de São Mamede.

- Equipamentos urbanos existentes e respetivo estado de conservação:



Fotografia 83: Banco (1); Parque da Cidade de São Mamede de Infesta; 2019.



Fotografia 84: Banco (2); Parque da Cidade de São Mamede de Infesta; 2019.



Fotografia 85: Iluminação; Parque da Cidade de São Mamede de Infesta; 2019.



Fotografia 86: Balde do lixo (1); Parque da Cidade de São Mamede de Infesta; 2019.



Fotografia 87: Balde do lixo (2); Parque da Cidade de São Mamede de Infesta; 2019.



Fotografia 88: Equipamentos de ginástica; Parque da Cidade de São Mamede de Infesta; 2019.



Fotografia 89: Equipamento de piquenique; Parque da Cidade de São Mamede de Infesta; 2019.



Fotografia 90: Dispensador de sacos; Parque da Cidade de São Mamede de Infesta; 2019.

ANEXO J – Parque do Carriçal (16 de fevereiro de 2019)

- Área: 3,5 hectares.

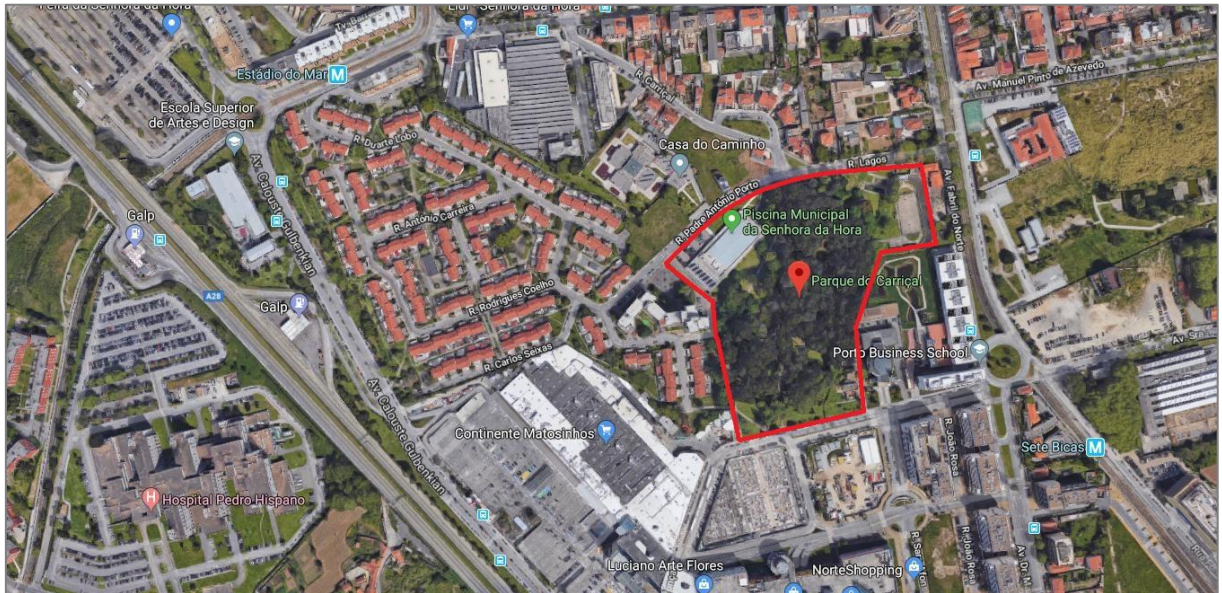


Figura 47: Delimitação do Parque do Carriçal.

- Equipamentos urbanos e infraestruturas existentes e respetivo estado de conservação:



Fotografia 91: Equipamento para piquenique (1); Parque do Carriçal; 2019.



Fotografia 92: Equipamento para piquenique (2); Parque do Carriçal; 2019.



Fotografia 93: Banco; Parque do Carriçal; 2019.



Fotografia 94: Equipamento de ginástica adaptado a cadeira de rodas; Parque do Carriçal; 2019.



Fotografia 95: Equipamento de ginástica (1); Parque do Carriçal; 2019.



Fotografia 96: Equipamento de ginástica (2); Parque do Carriçal; 2019.



Fotografia 97: Equipamento de ginástica (3); Parque do Carriçal; 2019.



Fotografia 98: Equipamento de ginástica (4); Parque do Carriçal; 2019.



Fotografia 99: Equipamento de ginástica (5); Parque do Carriçal; 2019.



Fotografia 100: Equipamento de ginástica (6); Parque do Carriçal; 2019.



Fotografia 101: Equipamento de ginástica (7); Parque do Carriçal; 2019.



Fotografia 102: Totem; Parque do Carriçal; 2019.



Fotografia 103: Caixa do lixo; Parque do Carriçal; 2019.



Fotografia 104: Iluminação; Parque do Carriçal; 2019.



Fotografia 105: Dissuasores em madeira; Parque do Carriçal; 2019.



Fotografia 106: Equipamento lúdico infantil (1); Parque do Carriçal; 2019.



Fotografia 107: Equipamento lúdico infantil (2); Parque do Carriçal; 2019.



Fotografia 108: Equipamento lúdico infantil (3); Parque do Carriçal; 2019.



Fotografia 109: Equipamento lúdico infantil (4); Parque do Carriçal; 2019.



Fotografia 110: Equipamento lúdico infantil (5); Parque do Carriçal; 2019.



Fotografia 111: Equipamento lúdico infantil (6); Parque do Carriçal; 2019.



Fotografia 112: Sinalética de chão; Parque do Carrizal; 2019.

ANEXO K – Inquérito realizado em dois hipermercados, nas freguesias de São Mamede de Infesta e Leça do Balio.

ESCOLA SUPERIOR DE MEDIA ARTES E DESIGN	P.PORTO
QUESTIONÁRIO	
<p>Com o presente inquérito pretende-se recolher informações acerca da experiência dos utilizadores do Parque Urbano de Picoutos. Este instrumento metodológico enquadra-se numa investigação de Mestrado em Design, da ESMAD – Escola Superior de Media Artes e Design, do Politécnico do Porto.</p> <p>Este inquérito é completamente anónimo, não existem respostas corretas ou incorretas e os dados recolhidos serão utilizados somente para interpretação de resultados.</p> <p>Obrigada pela colaboração.</p>	
1. Por favor, indique a sua idade: _____	
2. Em que união de freguesias reside?	
a) São Mamede de Infesta e Senhora da Hora	<input type="checkbox"/>
b) Custóias, Leça do Balio e Guifões	<input type="checkbox"/>
c) Outra (indique qual): _____	
3. Conhece o Parque Urbano de Picoutos?	
(Se selecionou a opção "não", o seu contributo termina aqui. Obrigada.)	
Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>
4. Frequenta o Parque Urbano de Picoutos?	
(Se selecionou a opção "não", por favor avance para a questão 6.)	
Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>

5. Que zonas do parque costuma frequentar mais vezes?

(Selecionar mais do que uma resposta se necessário.)

a) Zona de hortas biológicas

b) Zona do parque canino

c) Zona de jardim

5.1. Indique o(s) motivo(s):

6. Por que motivo(s) não frequenta o Parque Urbano de Picoutos?

Obrigada!

Através dos inquéritos foi possível recolher outros dados que não constam no desenvolvimento do documento, por se considerar não serem tão relevantes para o contexto de estudo, nomeadamente a faixa etária dos inquiridos e os motivos que despoletam os utilizadores habituais para a frequência do parque.

- Faixa etária dos inquiridos

A maioria dos inquiridos situa-se na faixa etária [60-65]. Pelo contrário, verificou-se que os indivíduos cuja idade está compreendida entre [18-23], [30-35] e [72-77] tiveram uma participação pouco expressiva.

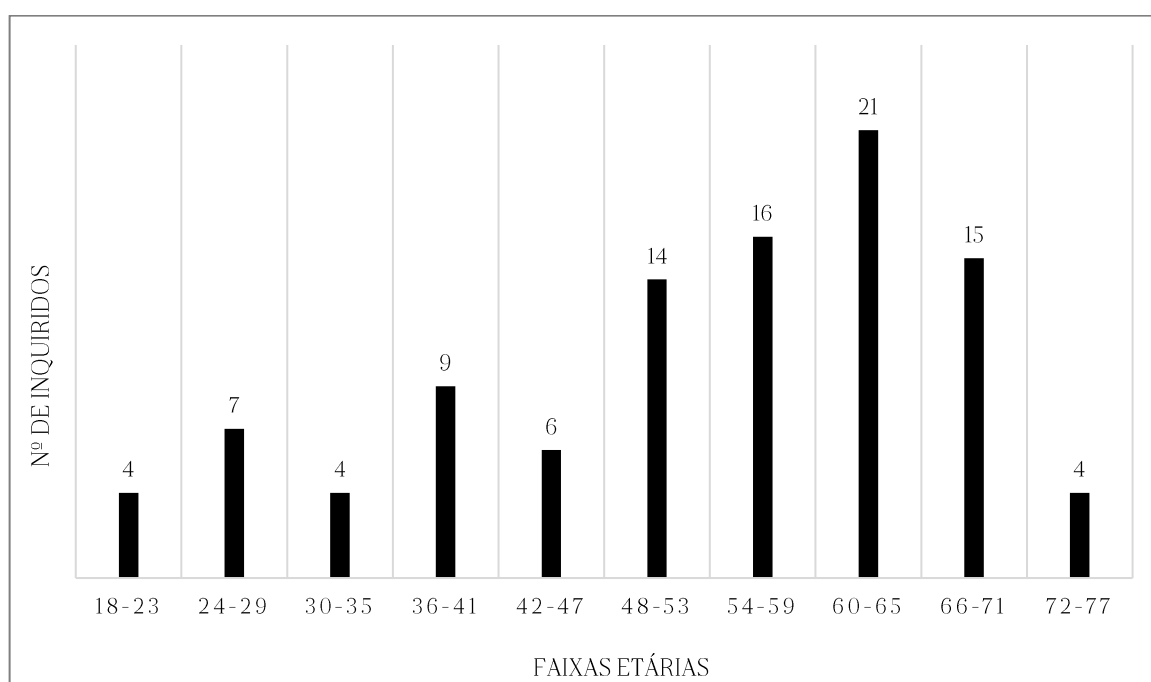


Gráfico 6: Faixas etárias dos inquiridos.

- Motivos apontados para a frequência do Parque.

No ponto 5.1. do questionário é pedido que os inquiridos indiquem o(s) motivo(s) que os levam a frequentar o Parque de Picoutos. Por forma a organizar a informação, e tendo em conta que esta questão permite uma resposta livre, optou-se por transcrever as respostas válidas dadas:

- “Para fazer exercício e caminhar.”
- “Passear a pé, apanhar ar fresco e ver as hortas e as culturas a crescerem.”
- “É um espaço agradável para descontraír.”
- “Gosto da natureza.”

- “Por curiosidade.”
- “Porque gosto do parque.”
- “Tem bons trilhos e é muito calmo.”
- “Para passear o cão e ter uns momentos de lazer a ler um livro.”
- “É um espaço para os cães andarem sem trela e conviverem uns com os outros.”
- “Porque é mais sossegado para passear.”
- “Tenho animais e gosto de ir lá passear.”
- “Zona de jardim para correr e parque canino para soltar os cães.”
- “Tem equipamentos muito bons para os animais.”
- “Oportunidade para cultivar legumes biológicos.”
- “Para passear o cão, porque ficam mais à vontade e é mais seguro.”
- “Adoro passear os meus cães lá, pois é ótimo e o único parque que conheço.”
- “Boas caminhadas, parque muito agradável.”

ANEXO L – Grelha de observação

P.PORTO

ESCOLA
SUPERIOR
DE MEDIA ARTES
E DESIGN

Observação nº	
Data	
Hora	
Duração	

Faixa etária (aparente):

Criança [] Adolesc. [] Adulto [] Sénior []

Qual o comportamento no local?

Com que objetos interagiu?

Outras observações:

Parque Urbano de Picoutos

ANEXO M - Transcrição da entrevista realizada ao Sr. Presidente da Junta da União de Freguesias de Custóias, Leça do Balio e Guifões, Eng.º Pedro Gonçalves.

Local: instalações da Junta de Freguesia de Custóias

Data: 5 de Fevereiro de 2019

Hora: 10h

Discente: Por que motivo ocorreram as alterações a nível de mobiliário urbano no Parque de Picoutos? Existiu algum *feedback* da população nesse sentido?

Presidente: O Parque começou em serviço, aproximadamente, em 2013 e desde a sua abertura que o *feedback* das pessoas foi muito positivo, porque era um Parque muito agradável. Mas desde início que tinha alguns problemas e, nesse sentido, colocaram-se alguns bancos. Mas precisava – e precisa – de mais equipamentos para as pessoas poderem estar e poderem usufruir dele. Esta última intervenção foi realizada por parte da Câmara, isto é, a colocação de mais bancos e algumas espreguiçadeiras, indo à procura das sombras e algumas mesas de piqueniques com bancos também, foram precisamente nesse sentido. Não era propriamente uma reclamação das pessoas, mas diziam-nos que era preciso algo para poderem estar, algum equipamento de ginástica...

Discente: No caso da manutenção, isto é, se alguma peça for vandalizada ou se, simplesmente, se danificar, quem é a realiza? É a Junta de Freguesia ou a Câmara Municipal?

Presidente: Neste caso, nem é uma entidade, nem outra. Naquele local, penso que a prestação de serviços para manutenção do Parque é realizada por uma empresa de jardinagem que é relativamente recente.

Discente: Pude apurar, através de 100 inquéritos realizados à população, que a grande maioria – 66% - não conhece o Parque Urbano de Picoutos. Há alguma atividade programada para dinamizar o local, para além do corta-mato regional?

Presidente: O corta-mato regional realiza-se há quatro anos, embora este ano tenha recebido menos gente, talvez por ter coincido com as Corridas de São Silvestre, mas costuma ter bastante gente... Eu também já tinha uma perceção mais ou menos idêntica

de que as pessoas não conheciam aquele espaço. No que diz respeito à localização, ele também está um bocado fundo, pelo que para quem passa na rua, não tem uma visibilidade grande. Mas mais do que eventos, o espaço precisa de uma aposta de condições para as pessoas estarem: estamos agora a construir uma casa pré-fabricada que será a sede de uma coletividade e o objetivo é, também, haver um café, haver uma casa de banho... No espaço adjacente à sede está previsto a construção de um parque infantil e tudo isto vai dar qualidade ao espaço, para que as pessoas possam usufruir dele. E a aposta que faz sentido é também a de um pequeno campo de futebol, uma coisa muito simples, umas balizas... Porque temos um espaço amplo, onde os miúdos podem correr e as pessoas podem estar à vontade. E a ligação ao corredor Verde do Leça será muito bom também.

Discente: Este parque tem uma estrutura tripartida: uma zona relvada de lazer, outra de hortas biológicas e uma terceira referente a um parque canino. No caso das hortas biológicas, como é que se processa o aluguer dos terrenos?

Presidente: Na Mainça existe uma quantidade substancial de terrenos e, quando abriu, existia uma lista na Lipor, onde as pessoas se podiam inscrever para ir para lá. Mas as hortas também têm uma questão: são locais de proximidade e, por isso, não faz muito sentido alguém de Custóias ir para a Mainça, por exemplo.

Discente: Se eu quiser uma porção de terreno devo dirigir-me onde? À Junta e fazer um pedido de requisição ou à Lipor?

Presidente: A qualquer uma das instituições, porque estão interligadas.

Discente: E quanto ao acesso a água e a ferramentas, por exemplo? Fica a cargo de quem?

Presidente: Estes espaços têm uma secção de arrumos, onde as pessoas podem guardar as suas próprias ferramentas.

Discente: Este parque está inserido num contexto mais abrangente. Tenho estudado todos os parques do concelho de Matosinhos e deparei-me com o Parque da Ciência num estado de completo abandono, embora seja um lugar com muito potencial.

Presidente: Aquilo foi um lugar que nunca se desenvolveu, pois é um local exclusivamente utilizado pelos moradores das redondezas, devido à sua localização. A responsabilidade de manutenção e limpeza daquele espaço é da EcoRede, mas o principal problema é mesmo a localização, pois está fora do centro. O projeto do Corredor Verde, uma vez mais, vai “cozer” todos estes Parques que agora estão degradados e vai ser mais do que trajeto ao longo do rio [Leça].

Discente: Então concluo, dizendo que o objetivo desta entrevista era perceber a perspectiva da autarquia quando ao Parque Urbano de Picoutos, mais concretamente ao seu funcionamento e à sua dinâmica, e perceber se existem atividades programadas para o local, no sentido de o dinamizar.

ANEXO N – Autorização para a publicação da entrevista realizada ao Sr. Presidente da Junta da União de Freguesias de Custóias, Leça do Balio e Guifões, Eng.º Pedro Gonçalves.

DECLARAÇÃO

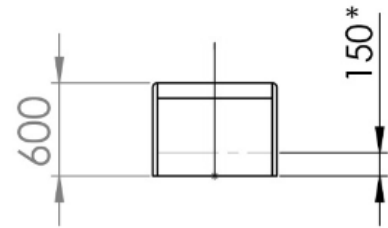
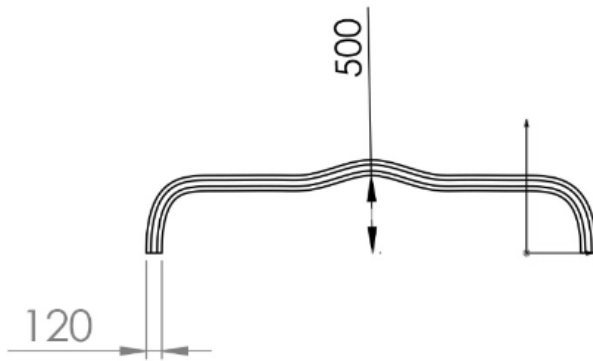
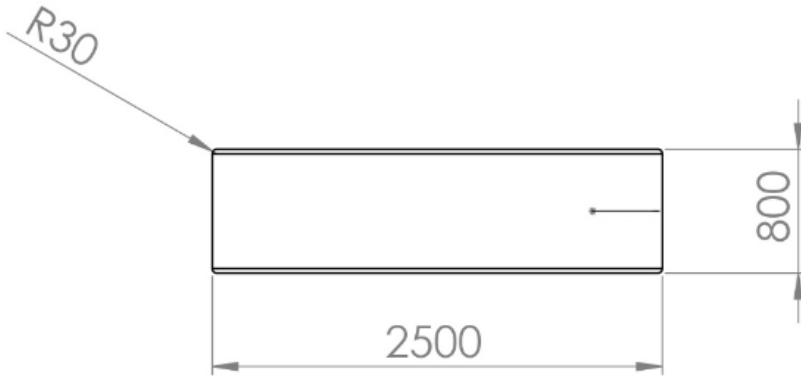
Declaro que li e tomei conhecimento da transcrição da entrevista dada à aluna Micaela Alexandra Ferreira Esteves, no dia 5 de fevereiro de 2019, nas instalações da Junta de Freguesia de Custóias.

Concordo, ainda, com a sua publicação no relatório de projeto para obtenção do grau de Mestre intitulado: “O papel do design nos espaços públicos urbanos: projeto de dinamização do Parque Urbano de Picoutos”.

O Presidente da Junta,



ANEXO O – Desenhos técnicos.



MATERIAL: BETÃO MEDIDAS: MILÍMETROS ESCALA 1/50

TITLE:

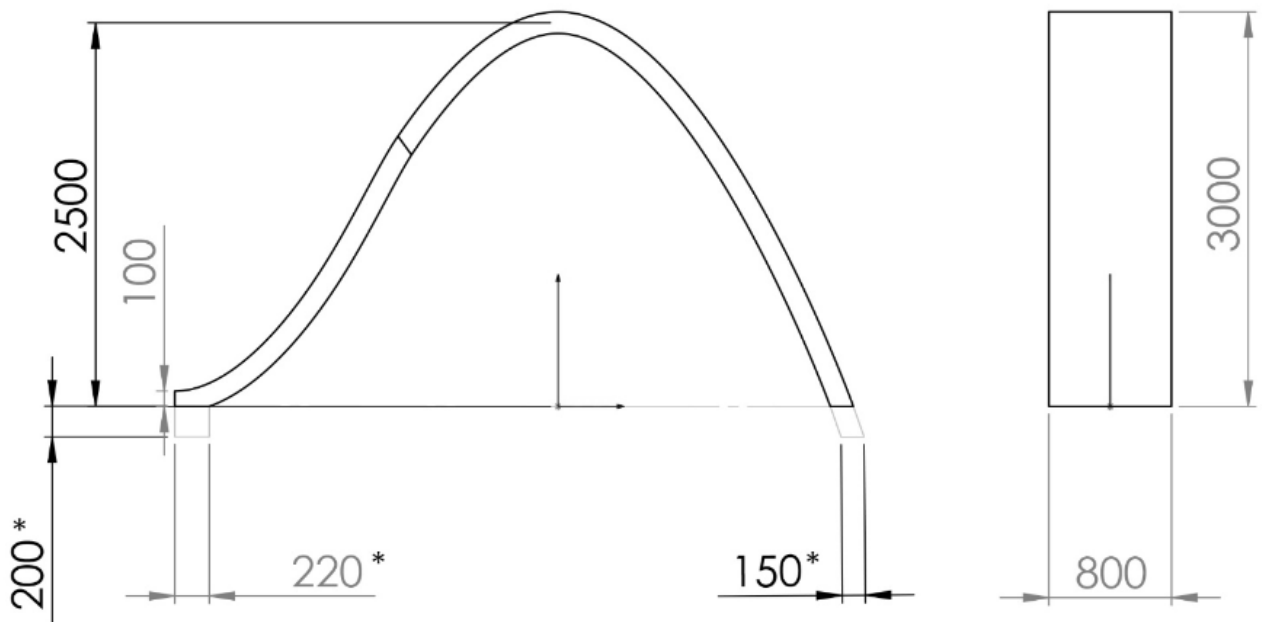
Projeto de Picoutos

DWG NO.

Banco

A4

* Dimensão da parte que fica embutida no solo.



* Dimensões das zonas que ficam embutidas no solo.

MATERIAL: BETÃO	MEDIDAS: MILÍMETROS	ESCALA 1/50
TITLE: Projeto de Picoutos		
DWG NO. Peça Grande		A4

4

3

2

1

F

F

E

E

D

D

C

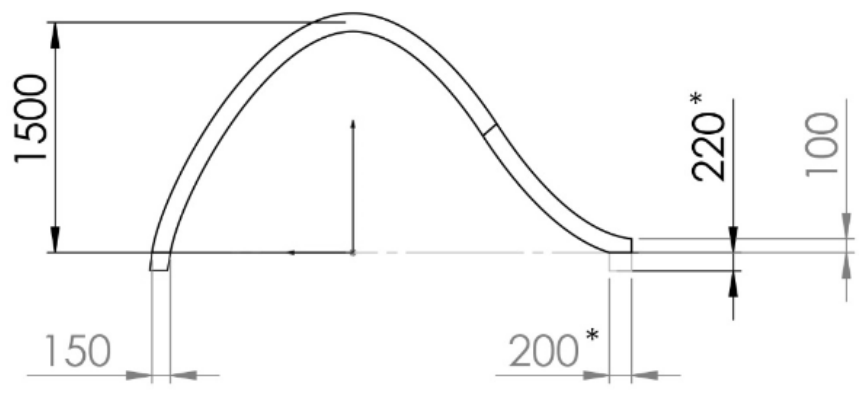
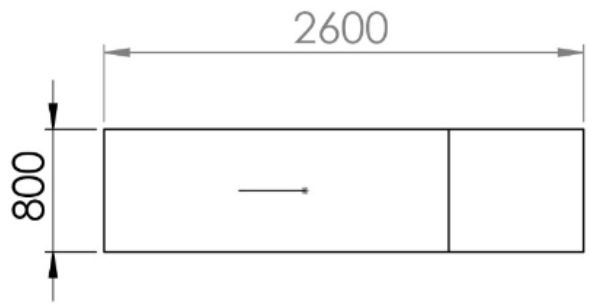
C

B

B

A

A



MATERIAL: BETÃO	MEDIDAS: MILÍMETROS	ESCALA 1/50
-----------------	---------------------	-------------

TITLE:
Projeto de Picoutos

DWG NO.
Peça Média A4

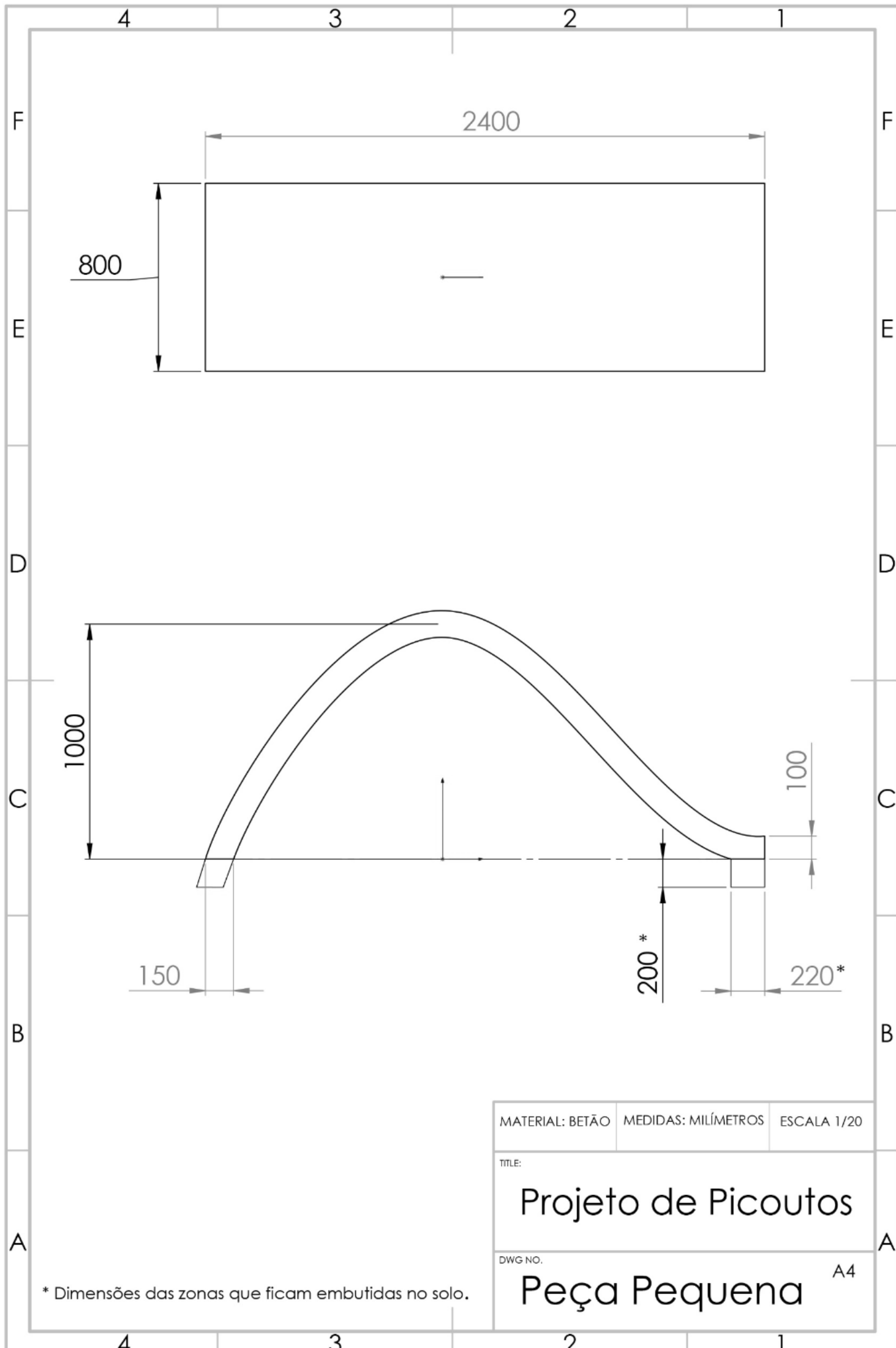
* Dimensões das zonas que ficam embutidas no solo.

4

3

2

1



MATERIAL: BETÃO	MEDIDAS: MILÍMETROS	ESCALA 1/20
TITLE: Projeto de Picoutos		
DWG NO. Peça Pequena		A4

* Dimensões das zonas que ficam embutidas no solo.